



UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – MESTRADO EM LETRAS

Campus I – Prédio B3, sala 106 – Bairro São José – CEP. 99001-970 - Passo Fundo/RS

Fone (54) 3316-8341 – Fax (54) 3316-8330 – E-mail: mestradoletras@upf.br

Márcio Battisti

**LINGUAGEM EM SITUAÇÃO DE TRABALHO:
CENOGRAFIA E ETHOS DISCURSIVO EM
CAMPANHAS DE VESTIBULAR DE IES NO RS**

Passo Fundo

2014

Márcio Battisti

**LINGUAGEM EM SITUAÇÃO DE TRABALHO:
CENOGRAFIA E ETHOS DISCURSIVO EM
CAMPANHAS DE VESTIBULAR DE IES NO RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do grau de mestre em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. Ernani Cesar de Freitas.

Passo Fundo

2014

Agradecimentos

Ao meu professor-orientador, Dr. Ernani Cesar de Freitas, pelos conhecimentos transmitidos, pela dedicação, paciência e confiança. Durante este período de escrita, não só foi um excelente orientador, como também despertou em mim o apreço pelo saber acadêmico, e a motivação para superar meus próprios limites e anseios. Sempre será um exemplo de vida, um exemplo de professor, um exemplo de pessoa. Entre palavras de exigência e cobrança, havia sempre palavras de motivação e carinho. Enfim, posso dizer que tive um orientador-pai.

À minha família por todo amor, carinho, confiança, e apoio. Por constantemente se alegraram com minhas conquistas, motivando-me a estar em constante evolução humana.

Aos meus amigos que sempre estiveram presentes em todos os momentos da minha vida, principalmente os que foram marcados por sofrimentos e dificuldades. Todas as minhas conquistas são marcadas pelo apoio incondicional deles.

O tempo

A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa.

Quando se vê, já são seis horas!

Quando de vê, já é sexta-feira!

Quando se vê, já é natal...

Quando se vê, já terminou o ano...

Quando se vê perdemos o amor da nossa vida.

Quando se vê passaram 50 anos!

Agora é tarde demais para ser reprovado...

Se me fosse dado um dia, outra oportunidade, eu nem olhava o relógio.

Seguiria sempre em frente e iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas...

Seguraria o amor que está a minha frente e diria que eu o amo...

E tem mais: não deixe de fazer algo de que gosta devido à falta de tempo.

Não deixe de ter pessoas ao seu lado por puro medo de ser feliz.

A única falta que terá será a desse tempo que, infelizmente, nunca mais voltará.

(Mário Quintana)

RESUMO

Este estudo, de cunho interdisciplinar, enfoca a linguagem em situação de trabalho manifestada nos gêneros discursivos anúncio publicitário e manual do candidato ao vestibular e tem como objetivo analisar como se constituem a cenografia e o ethos discursivo das Instituições de Ensino Superior selecionadas para esta pesquisa. A escolha dessa abordagem teórico-aplicada justifica-se pelo fato de que todo discurso se constrói a partir de uma cena enunciativa, condição que o valida e que define o estatuto do enunciador e do coenunciador na situação de enunciação. É por meio da cena enunciativa que evidenciamos o ethos discursivo revelado pelas escolhas linguísticas do enunciador e construído na encenação do discurso. A abordagem teórica norteadora é de base enunciativo-discursiva da linguagem sobre o trabalho, com ênfase à cenografia e ao ethos, tendo como fontes de pesquisa Maingueneau (2010a, 2010b, 2010c, 2010d). Na perspectiva ergológica, destacam-se Schwartz (2010a, 2010b) e outros estudiosos do assunto, como Durriue (2008, 2010) e Trinquet (2010). Os procedimentos metodológicos utilizados correspondem a uma pesquisa exploratória, bibliográfica e qualitativa, com análise dos *corpora* selecionados. A pesquisa evidenciou, mediante o estudo da cenografia instituída, um ethos discursivo de excelência na formação acadêmica, um ethos de instituição preparada para formar profissionais qualificados para as futuras exigências do mercado de trabalho.

Palavras-chave: Linguagem sobre o Trabalho. Ergologia. Cenografia. Ethos discursivo.

ABSTRACT

This study, which has an interdisciplinary nature, focuses on language in a work situation manifested in the discursive genres commercial and manual of the candidate for the entrance exam and aims to analyze how they constitute the scenography and the discursive ethos of higher education institutions selected for this research. The choice of this theoretical and applied approach is justified by the fact that all discourse is constructed from an expository scene, condition that validates it and defines the status of the enunciator and coenunciator in the situation of the enunciation. It is through the expository scene that we evidence the discursive ethos revealed by the linguistic choices of the enunciator and built in the staging of speech. The guiding theoretical approach is based in declarative-discursive language on labor, with emphasis on scenography and ethos, having as source Maingueneau (2010a, 2010b, 2010c, 2010d). In the ergological perspective, we highlight Schwartz (2010a, 2010b) and other scholars of the subject, as Durrive (2008, 2010) and Trinquet (2010). The methodological procedures used correspond to an exploratory, qualitative and bibliographic research, with analysis of the selected *corpus*. The research showed, by studying the set scenography, a discursive ethos of excellence in academic education, an ethos of institution prepared to train qualified professionals for the future demands of the labor market.

Keywords: Language on the Job. Ergology. Scenography. Discursive ethos.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2 ENTRE A SUBJETIVIDADE E A DOCILIZAÇÃO DE CORPOS E ALMAS	11
2.1 A ORIGEM DO PENSAMENTO SOBRE TRABALHO.....	11
2.2 ERGOLOGIA: O HOMEM VISTO COMO SUJEITO E NÃO COMO MÁQUINA	18
2.3 DE FALAS A PALAVRAS: FORMAÇÃO DO TRABALHO.....	30
3 SEMÂNTICA GLOBAL: A INTEGRAÇÃO DOS PLANOS DISCURSIVOS	40
3.1 A CONCEPÇÃO DIALÓGICA DA LINGUAGEM	40
3.2 SEMÂNTICA GLOBAL: A INTEGRAÇÃO DOS PLANOS DISCURSIVOS.....	47
3.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A NOÇÃO DE CENAS DE ENUNCIÇÃO E ETHOS	53
3.4 A PRÁTICA INTERSEMIÓTICA.....	59
4. OS CAMINHOS DA PESQUISA.....	61
4.1 O CARÁTER DIALÓGICO DA PESQUISA.....	61
4.2 O PERCURSO METODOLÓGICO	62
4.3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DO CORPUS.....	65
4.4 O CAMINHO PARA ANÁLISE.....	67
4.5 EM BUSCA DA QUALIFICAÇÃO PARA OS NOVOS TEMPOS.....	72
4.5.1 <i>Recorte I: a preparação para o futuro se realiza na PUCRS.....</i>	<i>73</i>
4.5.2 <i>Recorte II: uma nova oportunidade para o seu talento</i>	<i>86</i>
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
REFERÊNCIAS	101

1. INTRODUÇÃO

Inscrevendo-se na linha de pesquisa “Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso”, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, este estudo se insere na temática “Linguagem e Trabalho”. Dentro desse contexto, a temática deste estudo compreende a relação entre o discurso publicitário e o uso da linguagem em situação de trabalho, mais especificamente no que se refere à construção da *imagem de si* e a descrição da cenografia que permite a identificação do *ethos* discursivo depreendido de campanhas publicitárias voltadas para o vestibular de duas instituições de ensino superior do Rio Grande do Sul.

Nessa perspectiva, a interdisciplinaridade entre as áreas da linguística discursiva e da ergologia é fundamental na medida em que essa relação possibilita uma análise aprofundada dos *corpora* em destaque. Desse modo, praticou-se o entrelaçamento das diferentes disciplinas que contribuem com este estudo, para que, com base em enunciados dos sujeitos, representados na linguagem sobre o trabalho, aspectos multifacetados do conhecimento sejam vislumbrados, ao não se limitar a apenas um de seus domínios.

Desenvolver um estudo considerando a inter-relação entre a ergologia e a linguística aplicada possibilita analisar o funcionamento da linguagem e de suas competências, tomando a dinâmica dos intercâmbios linguísticos a partir de uma nova perspectiva analítica. A relação entre discurso publicitário e práticas de linguagem em contextos de situação de trabalho permite um olhar intersubjetivo que compreende os interlocutores como sujeitos sociais significativos no processo de construção de sentido. Desse modo, sentido e situação de comunicação estão imbricados, fazendo surgir parâmetros contextuais e discursivos que organizam e norteiam o uso da linguagem na atividade de trabalho.

A relação entre o discurso publicitário e as práticas de linguagem sobre o trabalho permite aprofundar o estudo da atividade linguageira na divulgação e construção da imagem das instituições de ensino superior, tomando a linguagem como elemento especificador da complexidade norteadora do mundo do trabalho. Conforme propõe a ergologia (SCWARTZ, 2010b), é imprescindível discutir o trabalho e produzir conhecimento a respeito dele, levando em consideração o conhecimento e as experiências dos sujeitos, o geral e o específico da atividade, suas normas e variabilidades e a exigência da conversa entre as várias disciplinas, assim como do constante questionamento a respeito de seus saberes.

O trabalho, ao longo dos anos, vem passando por constantes mudanças. A inter-relação entre debate de valores, os saberes acadêmicos e os saberes da experiência

considerados pela perspectiva ergológica contribuem para a tese de que, mais do que se encaminhando para um fim, o trabalho se complexifica constantemente, o que torna imprescindível compreender seus significados e consequências na contemporaneidade.

Diante desse contexto, a problematização de pesquisa está assim estabelecida: a cenografia instituída e as práticas languageiras em situação de trabalho, em especial na linguagem empregada na elaboração das campanhas publicitárias de instituições de ensino superior, possibilitam a construção do ethos discursivo mostrado pelas universidades? Em busca de uma resposta, partimos das seguintes hipóteses: a) por meio da relação ergologia – linguagem em situação de trabalho – e Semântica Global é possível depreender a cenografia e a construção do ethos discursivo das universidades selecionadas; b) as marcas linguístico-discursivas presentes nos *corpora* revelam, pelo estudo da cenografia instituída, um ethos discursivo de excelência na formação acadêmica de instituições aptas a formar profissionais para o mercado futuro de trabalho e que mostram ser um diferencial no processo de formação profissional.

Assim, o objetivo geral deste estudo é analisar a cenografia e o *ethos* discursivo depreendidos da linguagem sobre o trabalho inscrita em anúncios publicitários, criados para campanhas de vestibular, de duas instituições de ensino superior do estado do Rio Grande do Sul. Como objetivos específicos, elencamos: a) abordar os principais conceitos que envolvem a ergologia e a análise do discurso de base enunciativa – semântica global – de modo interdisciplinar, tomando a linguagem como resultado da atividade humana, como resultado de um agir discursivo situado no mundo do trabalho; b) investigar como os postulados teóricos de Schwartz (2010a, 2010b) e Maingueneau (2008a, 2008b, 2008c, 2008d, 2011) se interpenetram e se relacionam na construção da cenografia e na identificação das marcas linguístico-discursivas que compõem os anúncios publicitários das campanhas de vestibulares que possibilitem a configuração de uma *imagem de si* das instituições de ensino superior selecionadas para este estudo; c) descrever e analisar a cenografia e o *ethos* discursivo presentes nos anúncios publicitários divulgados pelas instituições de ensino superior para atrair interessados a prestar vestibular e optar por uma dessas instituições; d) identificar o debate de valores/uso de si que norteiam as escolhas entre os saberes acadêmicos ou instituídos e os saberes práticos ou investidos presentes na prática discursiva de natureza publicitária, que se articulam em torno da adequação das instituições aos “novos tempos”.

Esta pesquisa caracteriza-se, quanto aos objetivos, como exploratório-descritiva. Nesta dissertação, exploraremos a teoria discursiva de base enunciativa: semântica global, particularmente nos conceitos que fundamentam teoricamente cenografia e ethos discursivo

(MAINGUENEAU, 2008a, 2008b, 2008c, 2008d, 2011) e os pressupostos teóricos que fundamentam a ergologia: estudo da linguagem em situação de trabalho (SCHWARTZ, 2010a, 2010b) que serão utilizados para descrever e analisar os anúncios publicitários das instituições de ensino superior selecionadas para esta pesquisa.

A estrutura do estudo está disposta em três capítulos. No primeiro, apresentamos a fundamentação teórica, que compreende conceitos do trabalho prescrito e real, saberes, “uso de si por si” e de “si pelos outros”, práticas languageiras; no segundo, conceitos da semântica global, com enfoque na cenografia e no ethos discursivo, os quais são focalizados nas análises. Em seguida, no terceiro capítulo, descrevemos a metodologia empregada, destacando que foi fundamental, para a realização deste estudo, a manutenção de um roteiro organizado, de modo a construir os *corpora* observados e analisados pelo acadêmico. Nessa mesma seção, procedemos à análise dos manuais do candidato ao vestibular e dos anúncios publicitários utilizados na divulgação do vestibular no ano de 2012, visando construir uma interface entre linguagem e trabalho. Finalmente, expomos comentários a respeito da execução deste trabalho e algumas considerações parciais, considerando resultados do estudo.

2 ENTRE A SUBJETIVIDADE E A DOCILIZAÇÃO DE CORPOS E ALMAS¹

O aparato teórico que norteia este capítulo, no qual serão abordados conceitos que delimitam e definem questões de ergologia relacionadas a práticas de linguagem sobre o trabalho, tem como fontes de pesquisa Yves Schwartz (2010a, 2010b, 2011), Souza-e-Silva (2002a, 2002b), Faita (2002) Nouroudine (2002) entre outros teóricos que serão mencionados no decorrer da constituição deste texto. Para iniciar a composição deste capítulo, faremos um percurso histórico que abordará a transição da ergonomia à ergologia, sendo aquela propedêutica a esta o que possibilita aliá-las aos estudos sobre a atividade humana em situação de trabalho, para, em seguida, abordar a interface dessas noções com os estudos sobre a linguagem e trabalho.

2.1 A ORIGEM DO PENSAMENTO SOBRE TRABALHO

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio desenvolvimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências nela adormecidas e sujeita o jogo de suas forças a seu próprio domínio. (MARX, 1996, v.I, t.1, p. 282).

Descrever as diferentes definições e conceitos da palavra “trabalho” é um desafio extremamente significativo, dado a diversidade de definições acadêmicas com sentidos múltiplos e, até mesmo, opostos que essa palavra vem recebendo por diferentes áreas do conhecimento. Toda essa diversidade que circunda o tema trabalho limita este estudo a uma visão bastante específica. Assim, apresentaremos alguns conceitos que norteiam a construção dessa dissertação com a própria definição de trabalho utilizada pela ergonomia situada e pela ergologia: o trabalho concebido como uma atividade humana universal que se transforma de acordo com as condições sócio-históricas do contexto no qual se insere (SCHWARTZ, 1997).

As pesquisas em linguística aplicada têm levado seus estudiosos a dividirem uma mesma linha de pensamento em relação a alguns pontos relativos a esses estudos. Entre eles

¹ Freitas, L. (2012), citando Taylor, descreve que o predomínio do capital traz uma fusão entre as técnicas de produção e as técnicas de dominação. Desse modo, os operários eram escolhidos não por determinadas qualidades, mas pela ausência delas, principalmente, pela falta de inteligência, posto que, assim, poderiam ser manipulados e treinados ao extremo para tornarem-se dóceis, obedientes, responsivos e hábeis, em uma tentativa de concretizar o ideal taylorista de controle absoluto do movimento corporal.

citamos o reconhecimento da linguística, pelos estudiosos da linguagem, como disciplina incompleta que necessita incorporar conhecimentos especializados a fim de resolver problemas e demandas de outros subcampos de estudos. No Brasil, em suas investigações, os linguistas aplicados recorrem a diferentes áreas de conhecimento com a preocupação de estabelecer diálogos entre essas diversas disciplinas e a linguística aplicada. Entre essas relações, destacamos a necessidade de uma interface com a ergonomia, “entendida aqui como um conjunto de conhecimentos sobre o ser humano no trabalho e uma prática de ação que relaciona intimamente a compreensão do trabalho e sua transformação”. (SOUZA-e-SILVA, 2004, p. 81)

A ergonomia apoia-se no intercruzamento de contribuições advindas de disciplinas distintas, fixando seu conjunto de conhecimentos no binômio trabalho prescrito e tarefa/trabalho realizado ou atividade. Assim, “a ergonomia procura amalgamar conhecimentos gerais sobre o trabalho com conhecimentos específicos co-produzidos pelo coletivo de trabalho (SOUZA-e-SILVA, 2004, p. 82). Tais afirmações ratificam a necessidade de desenvolver uma abordagem ergonômica na área da linguística aplicada, considerando a ação dos sujeitos em situação de interação, levando em conta o papel das prescrições, caracterizada pelos aspectos institucionais e normativos, formais ou informais, que norteiam a atividade dos sujeitos no trabalho.

Ainda é muito restrito, no Brasil, diálogos entre linguística aplicada e ergonomia. Conforme descreve Souza-e-Silva (2004, p.84), o termo ergonomia origina-se da junção dos radicais *ergon* e *nomos*, designando, do ponto de vista etimológico, a ciência do trabalho. Baseando-nos no senso comum, o termo ergonomia significa maior conforto na relação homem/objetos do cotidiano. Para os ergonomistas, o termo é entendido como uma disciplina que tem por objeto a atividade de trabalho. Souza-e-Silva (2004), fazendo um breve resgate histórico dessa disciplina, descreve que a ergonomia surgiu durante a Segunda Guerra Mundial, na Grã-Bretanha por meio de pesquisas interdisciplinares desenvolvidas pela Defesa Nacional Britânica, a qual visava atenuar o trabalho humano em situações extremas. Posteriormente, criou-se a primeira Sociedade de Pesquisa-Ergonômica, formada por pesquisadores preocupados em desenvolver estudos envolvendo a relação entre fatores humanos e dispositivos técnicos, a fim de reduzir os danos causados ao organismo pelos mecanismos da industrialização.

Souza-e-Silva (2004) destaca, ainda, que, primeiramente, na Grã-Bretanha, a ergonomia ancorava-se na adaptação do trabalho humano às máquinas. Mais tarde, na França, a preocupação central voltou-se à adaptação do trabalho ao homem, constituindo a ergonomia

da atividade. A noção de atividade descrita aqui limita-se a realização em oposição à tarefa como prescrição de objetivos e de procedimentos. Essa noção de prescrição/atividade nos remete ao taylorismo em virtude do quadro conceitual, formulado por Taylor, no século XX, que deu origem a *Organização Científica do Trabalho*, a qual foi criada com a finalidade de deprender leis, regras, normas, originadas de observações sistematizadas conforme a ciência propunha. (SOUZA-e-SILVA, 2004).

Um dos principais preceitos que fundamenta a Ergonomia situada é a distinção entre trabalho prescrito e trabalho real, entre tarefa e atividade. Diante de tal pressuposto, tem-se, por um lado, o trabalho prescrito pela empresa dentro de condições determinadas e de resultados esperados, o qual funciona como um conjunto de normas e procedimentos que devem ser seguidos pelo trabalhador. Por outro, temos o trabalho real, aquilo que o trabalhador efetivamente faz para realização de determinada tarefa, para realização de seus objetivos, mediante condições reais e com resultados efetivos. Percebe-se assim uma distância iniludível entre o trabalho prescrito e o realizado, visto que entre ambos há a presença de lacunas que precisam ser preenchidas pelo trabalhador para que a atividade seja realizada. Nesse sentido, Scwhartz (2002a, p. 133, grifo do autor) destaca:

Ter evidenciado esse descompasso nos regimes taylorianos de obediência estrita certamente teve um valor demonstrativo particularmente forte: por uma espécie de raciocínio *a fortiori*, significava mostrar, ao investigar o infinitamente pequeno, que até nos regimes de produção mais rigorosos, nos quais, aparentemente, nenhum espaço sobrava, por princípio, para a variabilidade das circunstâncias e a engenhosidade inventiva, brotavam gestões individualizadas ou microcoletivas de procedimentos.

Sendo assim, Souza-e-Silva (2004) ressalta que a ergonomia surgiu em um contexto no qual a atividade concreta dos sujeitos em situação de trabalho e a maneira como realizavam as tarefas nesse ambiente não eram considerados nas relações sociais. Portanto, a visão proposta pela ergologia em relação ao trabalho ultrapassa o limite que restringe o trabalho humano a uma abordagem mecanicista. Segundo essa perspectiva teórica, o homem não é reduzido à mera execução de atividades e, sim, como sujeito ativo e interdependente no processo de estruturação e organização dos componentes da situação de trabalho. O trabalhador recebe prescrições determinadas para execução da atividade, entretanto ele pode transformá-las conforme suas preocupações profissionais.

As expressões prescrição/atividade remetem ao taylorismo e ao modo como Taylor propunha, no início do século XX, a execução das tarefas: centradas no trabalho árduo, na racionalidade econômica e no individualismo. Conforme descreve Grillo (1996), Taylor propõe que a organização do trabalho se inicie com a sua análise científica para uma melhor execução de cada tarefa, reduzindo, assim, o papel dos administradores à organização “científica” do processo produtivo, uniformizando tarefas e a divisão do trabalho. Esse modelo taylorista ocasionou uma ruptura entre trabalho prescrito e a atividade, visto que, embora considerasse a totalidade da organização, não se restringindo apenas à racionalização do trabalho, as inter-relações entre a empresa e seu ambiente não foram consideradas.

O trabalho é entendido como uma noção nômade e polissêmica pertencente a diferentes áreas científicas. Desse modo, a ergonomia preocupa-se com o desenvolvimento de uma disciplina que se encarregue do estudo científico do trabalho. Contudo, Ferreira (2000, p. 72) assinala que “o objeto teórico e de ação da ergonomia está longe de ser um território de consenso entre os próprios ergonomistas ou no conjunto de pesquisadores que gravitam em torno dessa jovem disciplina”. Assim, percebemos a dificuldade de estruturação e definição de um corpo teórico metodológico que vise à fundação epistemológica da ergonomia em torno do trabalho, posto que este está em constante processo de evolução.

Freitas E. (2010) destaca que o conceito de trabalho em ergonomia está isento de ortodoxia teórica, visto que não há uma definição canônica. Apresentamos a seguir algumas definições de trabalho elaboradas pela ergonomia em interface com outras teorias. Ferreira (2000, p.03), citando Teiger, afirma:

[...] é uma atividade finalística, realizada de modo individual ou coletiva, numa temporalidade dada, por um homem ou uma mulher singular, situada num contexto particular que estabelece as exigências imediatas da situação. Esta atividade não é neutra, ela engaja e transforma, em contrapartida, aquele ou aquela que a executa.

Ferreira (2000, p. 03) complementa conceituando – o trabalho – mediante a definição proposta por Terssac:

O trabalho é uma ação coletiva finalística. É uma ação ‘organizada’ porque ela se situa num contexto estruturado por regras, convenções, culturas. É também uma ação ‘organizadora’ porque ela visa, não somente preencher as lacunas provenientes das imprecisões da prescrição, mas produzir um acordo, um espaço de ações

pertinentes. É pela ação que se define, de forma interativa, o problema e a solução. É na ação que se operam as trocas de informações e que se constroem as formas de agir.

A formulação de Schwartz (1992) também é destacada por Ferreira (2000, p. 04), no sentido de apreender mais elementos que melhor definam o conceito de trabalho:

[...] o trabalho humano é lugar onde se opera uma dialética, portanto, um uso problemático de si mesmo e pode se definir talvez do seguinte modo: ele diz respeito aos antecedentes normatizando e antecipando a atividade [...] num segundo registro, ele comporta a insubstituível gestão das dimensões singulares da situação que marca na atividade cotidiana de trabalho os elementos variáveis, históricos de toda situação, sua não repetição integral.

A diversidade de aspectos mencionados nas definições anteriormente descritas, como contexto, objetivo e organização, conferem ao trabalho um caráter multidimensional e polissêmico, marcado pelo intercâmbio de dimensões que se complementam e se enriquecem mutuamente. Essa afirmação, de um lado, implica na formulação de um conceito de trabalho em ergonomia imbricado a outras disciplinas vizinhas, o que confere uma natureza interdisciplinar à construção desse conceito. De outro, essas definições possibilitam identificar uma linha que aproxima as diferentes abordagens.

Mediante essas abordagens, percebemos que a construção do conhecimento que norteia as reflexões no âmbito da ergonomia resulta de observações situadas no trabalho, nas interações verbais com trabalhadores acerca de suas experiências laborais e nos “usos de si” que o sujeito faz para concretização das tarefas. A partir dessas considerações é que desenvolvemos este estudo, tomando a linguagem como peça fundamental na organização e na realização do trabalho de divulgação do vestibular das Instituições de Ensino Superior selecionadas para análise.

O caráter científico da ergonomia é atribuído pelo fato dessa disciplina tomar como eixo norteador de análise a atividade de trabalho como o diferencial que permeia os grupos de trabalho humano. Conforme afirma Freitas, L. (2010, p. 71), “a ergonomia situada centra-se na atividade humana, na análise do sujeito em ação no trabalho”, portanto é uma disciplina multifacetada que estabelece intensa relação com as Ciências Humanas e Sociais, em especial, com a Linguística, conforme interface desenvolvida nesta dissertação. Desse modo, o método ergonômico implica na observação e decodificação dos modos comportamentais e operatórios

dos trabalhadores, como gestos, posturas e falas, para, a partir disso, buscar compreender as condutas em situação de trabalho.

Percebemos, portanto, que a ergonomia não se prende apenas à descrição do trabalho em si, mas se atém a aspectos sociais, visto que estes influenciam diretamente na constituição da imagem e do modo de ser de cada sujeito. Ferreira (2003, p. 05), ao desenvolver uma interface entre Ergonomia da Atividade e Psicodinâmica do Trabalho, afirma que

Indivíduo como sujeito de sua história, cujas ações são finalísticas em situação de trabalho. Ele é portador de uma subjetividade própria que participa ativamente do processo de construção de uma subjetividade do trabalho, forjada com base no confronto entre o psíquico e o social e é resultante da ação-reação frente a uma realidade instituída, implicando um movimento no qual o sujeito é transformado e transforma o trabalho.

Em razão de cada indivíduo possuir um perfil único, a subjetividade, muitas vezes, impõe empecilhos à realização do trabalho prescrito. Diante disso, os estudos desenvolvidos pela perspectiva ergonômica constataam que há uma distância entre o que está prescrito e o modo como o trabalho é realizado. Essa distância está marcada por um “debate de valores” entre trabalho prescrito e trabalho real.

O trabalho real se refere ao trabalho em situação concreta e às suas características efetivas, isto é, às tarefas executadas pelos trabalhadores. A ergonomia contemporânea objetiva, além de revelar as diferenças entre o trabalho prescrito e o real, descobrir características do trabalho real que são generalizadamente desconhecidas. (FREITAS, 2011a, p. 108)

Seguindo essa linha de pensamento, Freitas E. (2010) destaca que a “atividade real” do(s) sujeito(s) apresenta-se como categoria central, tendo um papel estruturador dos conceitos. Os elementos constitutivos e as definições propostas circulam em torno do fator atividade real. Tais elementos colocam a atividade como elemento base que pode ser acessado por meio da linguagem, da cooperação, da competência etc. Com isso, a atividade consiste no lócus privilegiado no processo de caracterização da abordagem ergonômica, em virtude de ser a principal fonte produtora de conhecimento na ergonomia.

Os trabalhos desenvolvidos no campo da ergonomia francesa e da análise do trabalho apontam para duas estâncias: o *trabalho prescrito* e o *trabalho real*. Conforme descreve

Freitas (2011a) o primeiro diz respeito aos documentos que instruem, ensinam, aconselham etc o trabalho a ser realizado. Esse material é organizado e redigido pelas instituições ou empresas antes da realização efetiva do trabalho para representar o que deve (ou não) e como deve ser feito. Quanto ao segundo, corresponde ao trabalho em situação concreta e às suas características efetivas, ou seja, às tarefas executadas pelos trabalhadores.

Mediante uma visão global do trabalho e do modo como este é gerido, destacamos a existência de duas prescrições: as descendentes, oriundas dos desejos hierárquicos; e as ascendentes, originadas diretamente a partir do contexto no qual o trabalho se desenvolve. Ao mencionar as normas prescritas e antecedentes, Schwartz (2011a, p. 138, grifo do autor) ressalta que

[...] as normas antecedentes podem e devem ajudar a enquadrar, a transformar em protocolo aquilo que assim pode ser, mas não podemos mandar embora a atividade que se dá como convidada, felizmente, para gerir a todo instante os encontros de encontros. Nenhum protocolo, nenhuma norma antecedente, nenhuma prescrição poderá abstrair os vazios de normas. A antecipação exaustiva é *impossível*. A solicitação de seres capazes de produzir saberes locais, investidos na situação a ser vivida, capazes por isso de adotarem para si mesmos normas que preencham essas lacunas normativas, enfim, encontros de encontros, é inelutável: a obrigação de renormatizar a situação é um fato universal.

As perspectivas que norteiam o trabalho prescrito e real não são consensuais. Essa diferença é marcada por um conflito caracterizado por duas lógicas: o da realidade em geral e da atividade em particular. Ferreira (2000) destaca que, a partir da análise da atividade, uma atividade - por mais simples que seja - cobra do trabalhador um esforço mental considerável e insubstituível para assegurar o funcionamento do sistema produtivo. Portanto, o trabalho também é de natureza subjetiva e intersubjetiva, visto que para executá-lo é necessário que o sujeito faça uso de sua autonomia, a fim de preencher os “vazios” deixados pela organização do trabalho.

Conforme descreve Souza-e-Silva (2004, p. 10), a abordagem desenvolvida pelos estudiosos da análise da atividade de tradição francesa apoia-se em um objeto teórico que visa apreender precisamente o trabalho de organização do coletivo e de seu meio, isto é, seus sucessos, seus fracasso, sua história possível e impossível. Partindo de tal consideração, Souza-e-Silva (2004) destaca algumas noções importantes dentro dessa perspectiva: a de gênero profissional e de estilo profissional. O Gênero profissional pode ser entendido como as “obrigações” das quais participam os sujeitos a fim de que consigam trabalhar. Essas formas

comuns da vida profissional garantem a regularização da ação individual e do poder de ação e da tensão vital do coletivo.

Souza-e-Silva (2004) adota o termo gênero da atividade, em seus estudos, com sentido equivalente a gênero profissional, o qual se fundamenta em um princípio de economia da ação. Esse princípio corresponde à parte subentendida da atividade, aquilo que os trabalhadores de um dado meio conhecem, esperam, reconhecem, apreciam; o que lhes é comum e o que os reúne em condições reais de vida; o que eles sabem dever fazer sem que seja necessário reespecificar a tarefa cada vez que ela se apresenta. É por meio dessas prescrições, conjunto de antecedentes e pressupostos sociais da atividade em andamento, que o trabalho se realiza.

Os estudos desenvolvidos pela ergonomia francesa, ao apontar as diferenças entre trabalho prescrito e trabalho real, abrem espaço para um novo olhar sobre a atividade humana. Desse modo, é impossível reduzir a atividade como um mero ato de cumprimento do prescrito, uma vez que o sujeito faz uso de um espaço de debate de normas antecedentes e renormalizações e de um banco de dados composto por crenças, valores, conhecimento, cultura, experiências de outras tarefas etc. Isso agrega ao trabalho uma dimensão de singularidade, concebendo, assim, a ergologia.

2.2 ERGOLOGIA: O HOMEM VISTO COMO SUJEITO E NÃO COMO MÁQUINA

Penso que uma das bases do que podemos chamar de perspectiva ergológica é a constatação de que *somos sempre apanhados pela retaguarda, no que tange a atividade humana*. Ela está sempre em um dado meio, em negociação de normas. Trata-se de normas anteriores à própria atividade: a atividade negocia essas normas em função daquilo que são as suas próprias. Qualquer que seja a situação, há sempre uma negociação que se instaura. E cada ser humano – e principalmente cada ser humano no trabalho – tenta mais ou menos (e sua tentativa nem sempre é bem sucedida) recompor, em parte, o meio de trabalho em função do que ele é, do que ele desejaria que fosse o universo que o circunda. (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010a, p. 31, grifo do autor).

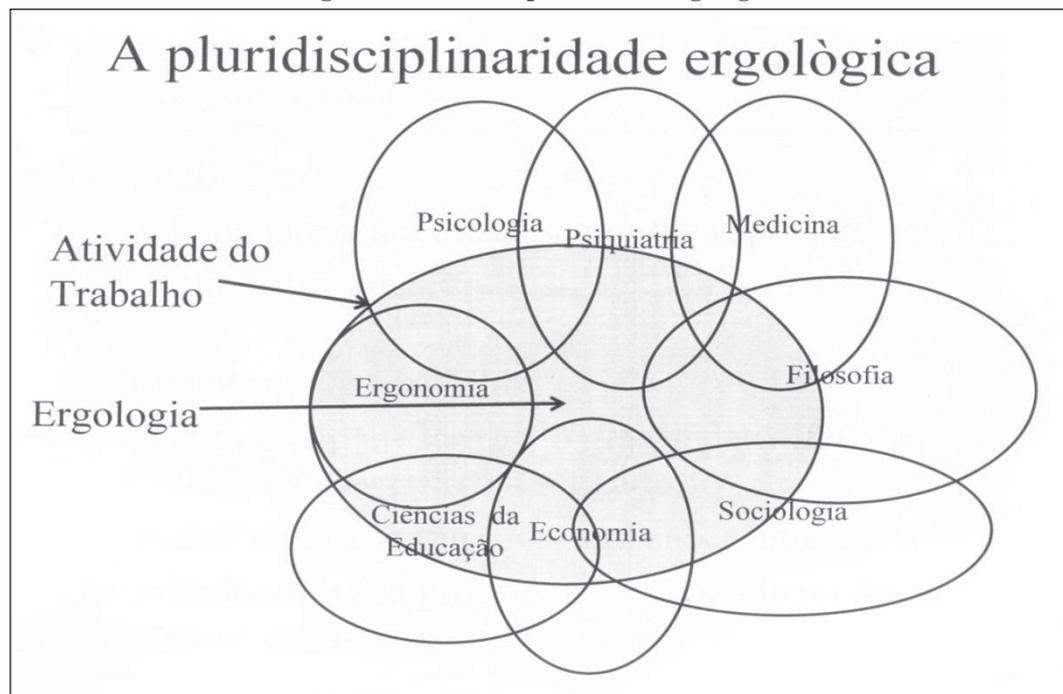
Conforme descreve Villaça (2009, p. 11-13), os estudos ergológicos, liderados por Yves Schwartz, surgiram na França, no final da década de setenta. Essa perspectiva teórica surgiu da necessidade de melhor compreender e intervir nas situações de trabalho para, assim, transformá-las. Essa compreensão considera, também, que, no decorrer dos anos, o trabalho sofreu mudanças, não sendo mais possível associá-lo a um trabalhador que não pensa, nem

sendo mais possível que o cálculo dos tempos e movimentos continue a ser feito por outro sujeito que não ele próprio. Assim, apreendemos que,

[...] a ergologia é um método de investigação pluridisciplinar em função de a atividade humana ser muito complexa para se compreender e analisar a partir de uma única disciplina, qualquer que seja ela. *Todas são necessárias, embora nenhuma seja suficiente.* Trata-se, portanto, de colocar em dialética – e não somente de sobrepor-las umas sobre as outras – o conjunto dos saberes elaborados pelas outras disciplinas. (TRINQUET, 2010, p. 94, grifo do autor).

O caráter pluridisciplinar da ergologia pode ser melhor compreendido a partir da análise do esquema (Figura 1), elaborado por Trinquet (2010, p. 94):

Figura 1 - Pluridisciplinaridade ergológica



Fonte: Trinquet (2010, p. 94)

Esse esquema, representado na Figura 1, evidencia que para haver uma compreensão e uma análise da atividade de trabalho que abranja todas as suas dimensões, é imprescindível que se estabeleçam diversas abordagens disciplinares. Consoante afirma Trinquet (2010, p. 95), “colocando em dialética os vários saberes, descobrem-se novos achados, novos conceitos, que abrem novas perspectivas e horizontes ao conhecimento”.

Percebemos que a realização da atividade de trabalho, conforme a perspectiva ergológica, não se limita à execução de tarefas de modo mecânico e repetitivo, e, sim, a um

processo subjetivo no qual o trabalhador mobiliza escolhas e dramas particulares, compreendendo o trabalho como um espaço de debates de normas e valores que possibilita aos trabalhadores formalizar, por meio da linguagem, suas experiências. Assim, percebemos que a organização dos gêneros anúncio publicitário e manual do candidato condizem a situações específicas da atividade humana, consolidadas por enunciados que revelam acontecimentos únicos e atualizados pela linguagem. (BAKHTIN, 2003). Tal afirmação remete ao conceito benvenestiano que aborda a noção de enunciação como aquela que “supõe a conversão individual da língua em discurso”. (BENVENISTE, 2006b, p. 83). Desse modo, as experiências são construídas e relatadas pelo emprego que o trabalhador faz das formas, sintagmatizando e semantizando-as, resultando na linguagem que direciona a realização do trabalho. Conforme Benveniste (2006b, p. 84), “o locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro”. A pluridisciplinaridade descrita pela ergologia se constrói por meio da linguagem, das formas selecionadas para organização do trabalho que resultam nos gêneros discursivos sob análise, neste trabalho e, assim, é possível aproximarmos os estudos ergológicos com os de Bakhtin e de Benveniste mediante a subjetividade constituída nos enunciados.

Ao considerar a subjetividade e os usos de si manifestados pelo trabalhador, por intermédio da linguagem, para realização das práticas laborais, Schwartz (2004) propõe um novo modo de pensar o trabalho. Em vista disso, o filósofo institui a inter-relação da atividade de trabalho com os saberes dinâmicos dos três polos (DD3P), presentes em toda situação de trabalho.

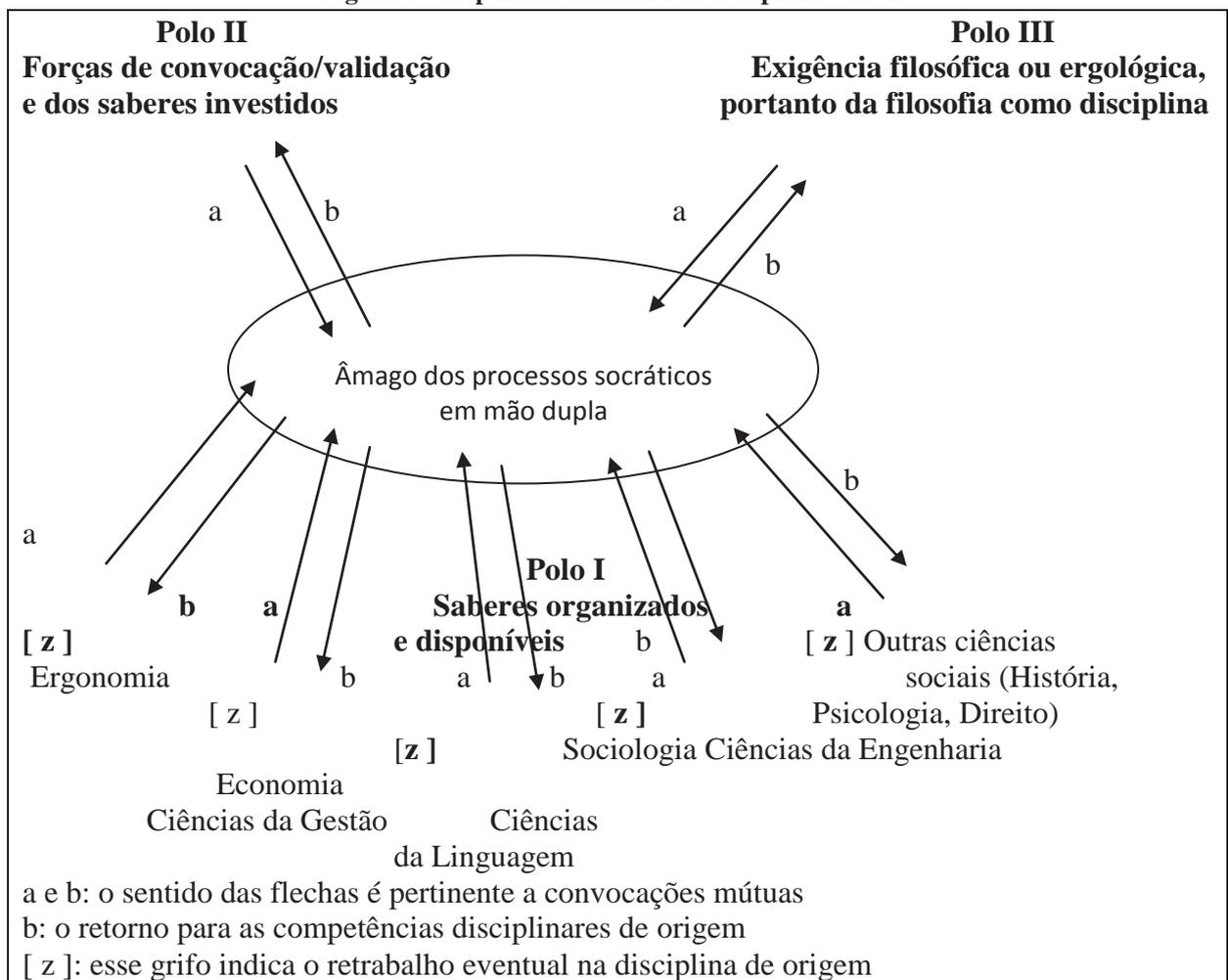
Trinquet (2010, p. 103) define “polo” como um lugar virtual onde se agregam, sintetizam-se e exprimem-se objetivos, saberes, conhecimentos, etc., da realidade coletiva:

Cada pólo constitui, portanto, um grupo de pressão que busca conhecer e reconhecer o seu ponto de vista, seus interesses, suas concepções, junto aos outros pólos que têm origem e concepções diferentes, porém, complementares. Do ponto de vista ergológico, esse é o único meio de dispor de uma visão, a mais larga possível, da situação em questão. Porém, é preciso enfatizar que não há, em um pólo, indivíduos bem definidos, trata-se de uma entidade de ideias, de conceitos, de interesses, etc., e cada ator pode, perfeitamente, intervir em diversos pólos. (TRINQUET, 2010, p. 103)

Dessa maneira, Freitas F. (2010) descreve os três polos da seguinte forma: o primeiro refere-se aos saberes acadêmicos ou instituídos, caracterizados como objeto de um esforço permanente de estabelecimento de uma ordem teórica, de explicitação metódica e crítica, de trabalho contínuo, em outras palavras, são os saberes advindos de várias disciplinas e que são necessários e prévios à realização do trabalho; o segundo polo corresponde aos saberes imanentes às atividades e retrabalhados por estas; e, por fim, o terceiro polo que media o primeiro e o segundo, é concebido pelo apelo, da demanda, do sentimento dos limites ou das derivações possíveis das ligações entre as atividades e valores. É a infiltração de saberes históricos, acumulados, no individual ou coletivo, na execução do trabalho que podem ou não ser necessários ao trabalhador.

A Figura 2 apresenta algumas noções essenciais da ergologia, representadas pelos três polos de saberes (DD3P), esquema organizado por Schwartz (2010c, p. 265):

Figura 2 - Dispositivo dinâmico de três polos – DD3P



Fonte: Schwartz (2010c, p. 265)

O polo I, portanto, implica no pensar rápido e prático das tomadas de decisões, aderindo como linha de pensamento as questões mercantis. Schwartz (2004) menciona que o polo I pode ser denominado como pólo das dramáticas² de *uso de si* ou dos debates de normas, referindo-se às gestões *do* e *no* trabalho na medida em que as dramáticas do uso de si é parte constitutiva do ser e viver dos seres humanos em suas diversas atividades. Desse modo, esse autor sugere que nesse polo se situa o “gerir imprevistos” relacionados com a atividade nas dimensões econômicas e intersubjetivas, visto que “reconhecer a imanência de um horizonte de uso nas atividades de serviço obriga a passar pelas dramáticas do uso de si para sondar-lhes o valor econômico” (SCHWARTZ, 2004, p. 46), ou seja, é necessário considerar que o trabalhador necessita buscar “vias de instrumentalização de si” para realização das tarefas.

Schwartz (2004) define o segundo polo como o político, no qual as escolhas são norteadas não por valores mercantis, mas considerando o bem-estar e o cotidiano. Entre esses dois polos, encontra-se um espaço semelhante a ambos, caracterizado pela produção de normas antecedentes e uma preocupação em manter o equilíbrio, em virtude dos momentos de tensões. Ao descrever o segundo polo, Trinquet (2010, p. 104, grifo do autor) menciona os *saberes investidos* na atividade, definindo-os como:

[...] experiência prática e, permanentemente, recriadora de saberes através dos debates de normas que, no instante em que são conhecidos, jamais podem ser apreciados e controlados pelos *saberes constituídos*. São esses os verdadeiros saberes! Evidentemente, muito intrincados, muito ligados à atividade em questão, muito mais situados no tempo e no espaço, resultado de uma história singular por serem elaborados em tempo real. É por essa razão que o classificamos em aderência com a atividade estudada, como já foi referido. Aí é que reside o seu interesse e o que os torna indispensáveis.

Evidenciamos que os saberes investidos fundamentam-se nos conhecimentos pessoais de cada indivíduo e que os acompanham ao longo da vida. No trabalho, esses saberes orientam as atividades complementando-se com os saberes constituídos, não existindo, portanto, relação de dominação e comando destes em relação àqueles.

²Schwartz (2011, p. 133) destaca que a carga semântica que recai sobre a expressão dramática da atividade não se refere a um agir permeado de dramas, mas, sim, de um agir que está longe de ser mecânico, visto que o sujeito necessita, obrigatoriamente, fazer escolhas que remetem a si mesmo.

A partir dos dois primeiros polos surge o terceiro, definido como o polo das exigências éticas e epistemológicas que considera o sujeito em suas singularidades.

[...] é indispensável criar um lugar onde todos os interlocutores possam definir e elaborar as disposições e os meios para que a busca de soluções seja possível. Senão, corre-se o risco de cair em debates acadêmicos infrutíferos. Não se pode esquecer das diferenças e nem mesmo das oposições entre os participantes. Para controlar as condições necessárias para fazer o terceiro polo funcionar, uma formação em ergologia se mostra, na prática, frequentemente, indispensável, a fim de que todos os participantes estejam sintonizados em relação ao problema a ser resolvido, estando apoiados em uma mesma base conceitual elementar. Portanto, para favorecer a eficácia, é preciso envolvimento nessa organização. O que consiste em se debruçar sobre a preparação, o desenvolvimento, as condições materiais e conceituais a serem atendidas para alcançar o máximo de eficiência (TRINQUET, 2010, p. 105).

Mediante o estudo dos três polos, constatamos que eles estão interligados, não havendo distinções hierárquicas. É o entrelaçamento desses três polos que assegura a completude do trabalho, visto que é por meio dessa ligação que os saberes, as atividades e os valores se unem para realização do trabalho. Logo, a ausência de uma dessas instâncias prejudica a realização plena do trabalho.

Isso nos leva a constatar que o trabalho possui uma natureza coletiva, uma vez que a atividade é desenvolvida na inter-relação entre sujeitos que estabelecem trocas de normas e prescrições por meio de conhecimento técnico e tecnológico acumulado e pela experiência registrada na linguagem. “Trabalhar é registrar o *uso de si por si mesmo e de si pelo outro*, estabelecendo redes de comunicação, formando laços de confiabilidade, construindo valores” (FREITAS, L. 2010, p. 174). O debate de valores/uso de si implica as escolhas feitas pelos trabalhadores entre os saberes instituídos e a variabilidade do meio, buscando estabelecer uma relação de equilíbrio entre eles. Para isso, é necessário estabelecer renormalizações e reavaliações de normas e valores imbricados na atividade, a fim de realizar escolhas que ajudem a solucionar conflitos e impasses produzidos nas situações de trabalho.

Figaro (2007) descreve que a atividade humana pressupõe, do ponto de vista epistemológico, a dialética entre os saberes da experiência (*savoir investir*) e os saberes instituídos (*savoir institué*). “A abordagem ergológica destaca a atividade de trabalho como aquela na qual essa dialética entre os saberes normalizados e o inédito da atividade é capaz de renormalizar a norma antecedente e com isso torna possível trabalhar”. (FIGARO, 2007, p. 115). A partir desse ponto de vista, a comunicação é tomada como objeto de estudo no mundo

do trabalho, trazendo novas questões referentes ao sujeito e à produção cultural. Uma das principais questões que emergem por meio dessa relação é a relevância que o mundo do trabalho exerce sobre o sujeito no processo de recepção das mensagens. Assim, conforme afirma Trinquet (2010, p.96, grifo do autor), “a atividade é tomada no sentido de *atividade interior*”, ou seja, a atividade se realiza a partir do que está na mente e no corpo da pessoa no trabalho, do diálogo estabelecido com ela mesma e da interação com o meio e com os “outros”, estabelecendo com isso um *debate de normas e de transgressões* que, frequentemente, resultam em *renormalizações*.

Portanto, trabalhar supõe trocas de conhecimentos, experiências e valores, construídas por intermédio da linguagem e do trabalho que são responsáveis pela renovação e cristalização do conjunto de valores e das relações que o trabalhador estabelece com o mundo, com o outro e consigo mesmo. A partir disso, Schwartz (2010b) desenvolve a perspectiva ergológica de estudos sobre a atividade de trabalho, tomando como elemento central a implicação da subjetividade no exercício profissional. Segundo esse autor, a realização de qualquer tarefa passa por uma dialética de *uso de si, uso de si por si e uso de si pelo(s) outro(s)*.

Ao mencionar que a atividade de trabalho implica fazer o uso da subjetividade, Schwartz (2004, p. 45) afirma que “trabalhar e gerir” implica “dramáticas do uso de si”, isto é, para realização das atividades, é necessário que o sujeito tome decisões e estas estão acompanhadas de dúvidas, incertezas, responsabilidades. Também, a concretização com sucesso do trabalho prescrito depende da capacidade de compreensão das prescrições que um indivíduo possui para, conseqüentemente, pô-las em prática na execução do trabalho real. Desse modo, conforme esse autor, o trabalho real faz um contraponto com o trabalho prescrito, determinado por um conjunto de normas que podem ser recategorizadas pelo trabalhador na atividade de trabalho de acordo com as necessidades impostas pelo meio.

Nesse sentido, Schwartz (2010c, p. 251, grifo do autor) destaca que “as ‘dramáticas do uso de si’ ou dos ‘debates de normas’ perpassam todos os aspectos da vida das pessoas. Conseqüentemente, existem circulações extremamente importantes entre o que se designa como ‘o trabalho’ e o que seja ‘trabalho extra’. Assim, percebemos que Schwartz propõe um estudo acerca do trabalho a partir de um parâmetro que o coloca não apenas de modo mercantil para melhor compreendê-lo em virtude de suas raízes históricas, mas que se estude-o “de fora” para que essa compreensão seja significativa, visto que é necessário considerar que o sujeito, ao realizar uma atividade, utiliza-se de seus conhecimentos próprios tanto em seu benefício quanto em benefício de outrem.

A subjetividade *do* e *no* trabalho surge do distanciamento entre o trabalho prescrito e o real. Por meio da subjetividade o sujeito expressa sua personalidade, sua individualidade e sua história sempre singular, em tempo real. Todas as vantagens e inconveniências e dramas resultantes daí resultam nas *dramáticas do uso de si* (TRINQUET, 2010). A subjetividade está marcada pela realização de escolhas que sugerem responsabilidade e precauções importantes do trabalhador ao fazer *uso de si* no trabalho. Desse modo, elucidamos o conceito de subjetividade definido por Benveniste (2005), o qual afirma que o homem constitui-se como tal por meio da linguagem; a subjetividade é a capacidade de o locutor apropriar-se da língua em certo tempo e espaço e colocar-se como sujeito (da enunciação). É com o tratado dos pronomes que a subjetividade ganha corpo, ocupando uma posição privilegiada na teoria benvenistiana. Nesse particular, Benveniste (2005) chama a atenção para a ideia ingênua da universalidade dos pronomes e torna notório o apelo da não unicidade destes. Senão vejamos:

A universalidade dessas formas e dessas noções faz pensar que o problema dos pronomes é ao mesmo tempo um problema de linguagem e um problema de línguas por ser, em primeiro lugar, um problema de linguagem. É como fato de linguagem que o apresentaremos aqui, para mostrar que os pronomes não constituem uma classe unitária, mas espécies diferentes segundo o modo de linguagem do qual são os signos. (BENVENISTE, 2005, p. 277).

Benveniste (2005) destaca que não há a possibilidade de insistirmos em uma teoria que engessa tal categoria em classes. A classe dos pronomes ditos pessoais não comporta a noção de pessoa. A pessoalidade só é válida para *eu* e *tu*, categorias estas que pertencem à instância discursiva e validam a doutrina de Benveniste, que é justamente o fato de a enunciação ser um ato inédito, irrepitível. Cada situação sempre consiste em um enunciado novo, pois no momento em que o locutor (*eu*) implica um *tu* ele está marcado na língua. Essa trajetória de locutor a sujeito – do discurso – instiga-nos a refletir sobre a particularidade dos pronomes pessoais (*eu*, *tu*) e como essa perspectiva constitui por excelência a linguagem como condição para a comunicação humana.

A associação da linguagem nas práticas languageiras ao conceito de subjetividade benvenistiano é relevante à medida que a cenografia e ethos estão intimamente ligados ao emprego da categoria de pessoa, pois “a enunciação estabelece com o leitor um modo de comunicação considerado como participando do mundo evocado pelo texto”. (MAINGUENEAU, 2011a, p. 131). Da mesma forma, a modalização também se define pelos vestígios deixados pela subjetividade. “Ela designa a *atitude* do sujeito falante em relação ao

seu próprio enunciado, atitude que deixa *marcas* de diversos tipos”. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 336, grifo dos autores).

Desse modo, percebemos que a atividade de trabalho se desenvolve por intermédio da utilização de valores, situada pelas escolhas que se operam. “Cada pessoa em atividade de trabalho faz escolhas, desde as restritas ao âmbito de seu próprio corpo em movimento; até aquelas que demandam e envolvem a vida e o futuro de outras pessoas (FIGARO, 2007, p. 122)”.

Figaro (2007, p. 122, grifo da autora) destaca que:

[...] entende-se por *dramática* o movimento entre norma prescrita, infidelidade do meio, renormalização e atividade singular. Esta contradição inerente *a toda* a atividade de trabalho, própria da vida, é potencializada com o conflito pelas diferenças socioeconômicas, pela apropriação mercantil do trabalho, pela exploração, pela desvalorização do trabalho. A contradição e o conflito são geridos e negociados a todo o momento, isso é a atividade humana, é o corpo-si, expressando-se na dimensão dialética do micro/macrossocial.

Com isso, percebemos que as *dramáticas do uso de si* perpassam todos os aspectos da vida humana. Para realização do trabalho, o sujeito, necessariamente, precisa fazer escolhas, e estas estão marcadas por dúvidas, inseguranças e responsabilidades. Ao fazer escolhas, o trabalhador põe-se em uma situação de riscos, posto que optar por uma ação ou outra acarreta decisões acertadas ou não, o que pode resultar no sucesso ou no fracasso dessas escolhas.

Schwartz (2010b) descreve que o meio é mais ou menos infiel, visto que as situações de trabalho não são iguais de um dia para outro. Desse modo, o autor aponta que “é preciso fazer uso de suas próprias capacidades, de seus próprios recursos e de suas próprias escolhas para gerir essa infidelidade” (SCHWARTZ, 2010b, p. 190). É necessário que o trabalhador faça *uso de si* para suprir os “vazios de normas”, pois as normas antecedentes são insuficientes, já que não há somente execução. Nesse sentido, Freitas E. (2012) ressalta que, no processo de atividade, o trabalho é *uso de si por si*, uma vez que o sujeito emprega seu saber-fazer, seus valores, seus afetos, enfim, sua singularidade. Com isso, torna-se impossível uniformizar as situações de experiências. Entretanto a execução da atividade não pode ser considerada totalmente autônoma, uma vez que o trabalho é *uso de si pelos outros* – para desempenhar suas atividades, os trabalhadores fazem uso de procedimentos e ordens dos quais não são autores.

No trabalho, o sujeito necessita fazer escolhas. Essas escolhas são feitas, por um lado, em função de valores e, por outro, elas são um risco. Contudo, imprescindíveis para suprir os “vazios de normas”, as falhas de orientação, regras e procedimentos. “Encontramo-nos em uma situação que não tem antecedente estrito senso. Escolher essa ou aquela opção, essa ou aquela hipótese é uma maneira de se escolher a si mesmo – e em seguida de ter que assumir as consequências de suas escolhas”. (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010b, p. 191). Portanto, a atividade de trabalho, mais uma vez, revela seu caráter de subjetividade, mostrando-se como uma “dramática”.

Nesse sentido, Freitas L. (2010) assinala que o termo “dramática” é entendido como movimento entre norma prescrita, infidelidade do meio, renormalização e atividade singular. Desse modo, temos as “dramáticas do uso de si por si mesmo e por o outro”, caracterizadas por uma dualidade, simultaneamente simples e muito complicadas. Essas duas polaridades do uso fazem o trabalho ser problemático e frágil, portanto um *drama*. Conforme afirma Schwartz (2010, p. 176, grifo do autor), “é necessário *articular permanentemente* o uso de si pelos outros e o uso de si por si: *pelos outros* que cruzam, como foi dito, toda a atividade de trabalho; e *por si*, pois há sempre um destino a ser vivido, e ninguém poderá excluí-lo dessa exigência”. A atividade de trabalho é regida por escolhas, conflitos, exploração, apropriação mercantil do trabalho e pela própria desvalorização do trabalho.

A noção de trabalho vai além das dramáticas. Seu estudo revela que há outros termos importantes relacionados a essa questão como o “visível” e o “invisível”. Schwartz (2011b), para descrever o conceito desses dois termos, menciona o papel da mulher na atividade de trabalho. Primeiramente, o trabalho desenvolvido pela mulher se concentrava no âmbito do privado, restrito às atividades do lar e, por isso, consideradas de pouca valia. Posteriormente, a partir do momento em que a mulher passa a desempenhar trabalhos para o meio público, esses trabalhos passam a ser valorizados pelo contexto familiar e social. Desse modo, verificamos que toda atividade de trabalho possui aspectos visíveis, relacionados à execução das tarefas e aspectos invisíveis, presentes nas prescrições ou na sua própria elaboração. Ambos constituem um desafio para a história da humanidade, uma vez que, aliados ao debate de normas e de dramáticas, esses elementos implicam uma constante reconstrução do sujeito para elaboração do trabalho, visando adequar-se às novas tendências do mercado³.

³Conforme descreve Mendes (2008), as novas tendências do mercado, no que se refere especialmente ao trabalho desenvolvido pelas Instituições de Ensino Superior, têm passado por uma visível valorização do nível educacional, visto que a educação não é apenas considerada um referencial político de expressão de índices de democracia e de justiça na composição de identidade dos indivíduos, é também uma aspiração para projetar as pessoas para um futuro aberto. De acordo com essa autora, a educação é capaz de transpor o modelo de

Antunes (2004) descreve que a relação de objetividade e de subjetividade no mundo do trabalho, passou por um processo de metamorfose no contexto de mundialização de capital, no qual se reconstrói o perfil da classe trabalhadora. As relações comerciais internacionais, presentes nas novas tendências do capitalismo mundializado, implicou no desenvolvimento de uma classe trabalhadora que mescla sua dimensão local, regional, nacional com a esfera internacional. “Assim como o capital se transnacionalizou, há um complexo processo de ampliação das fronteiras no interior do mundo do trabalho”. (ANTUNES, 2004, p. 07). Para acompanhar esse processo, a ação dos trabalhadores deve ser cada vez mais internacionalizada.

Esse novo contexto de desenvolvimento e organização do trabalho implica em uma maior participação e envolvimento do trabalhador e, portanto, emprego da subjetividade para elaboração e execução do trabalho. Os benefícios obtidos pelos trabalhadores são compensados pelo capital, “uma vez que a necessidade de pensar, agir e propor dos trabalhadores deve levar em conta prioritariamente os objetivos intrínsecos da empresa que aparecem muitas vezes mascaradas pela necessidade de atender aos desejos do mercado consumidor” (ANTUNES, 2009, p.130). Logo, a execução do trabalho impõe ao trabalhador que faça escolhas e *uso de si por si* e pelos outros para suprir e corresponder com as exigências e tendências do mercado.

Schwartz (2002c), ao discorrer sobre atividade humana, menciona a relação entre o impossível e o invisível. Conforme o autor, a impossibilidade do trabalho remete a uma antecipação total às variabilidades industriais, visto que sempre haverá “brechas de normas” que exigirão dos seres pensantes e atuantes no trabalho que façam escolhas para tornar possível a produção. Já o invisível refere-se ao fato da vida humana parar de se manifestar de forma sadia no momento em que o meio impedi-la de pensar, acarretando, assim, uma reação patológica. Schwartz (2002c) menciona que a impossibilidade da existência de uma padronização perfeita exige que os seres pensantes procedam à arbitragem e as escolhas; diante dessas lacunas de normas do meio circulante, os protagonistas devem construir para si mesmos normas que visem supri-las. Isso revela a singularidade das condições de eficácia singular e coletiva em qualquer situação de atividade humana.

desenvolvimento industrial para um modelo de desenvolvimento informacional, o qual suscita uma intensa transformação nas dimensões econômica, política, social e cultural das sociedades, garantindo um espaço privilegiado à capacidade de produzir, articular, interpretar e disseminar conhecimento e informações na agenda estratégica dos setores produtivos e dos Estados: “a vantagem competitiva de um país em relação ao outro começa a depender da capacitação de seus cidadãos, dos conhecimentos que estes são capazes de reproduzir e transferir para os sistemas produtivos e na produção de bens e serviços”. (MENDES, 2008, p. 47).

Nessa acepção, Figaro (2008, p. 119) destaca que “para abordagem ergológica, a atividade humana é a manifestação da vida humana. O trabalho em sentido amplo é tomado como atividade humana, capaz de transformar o meio em um meio humano”. Essa afirmação comprova que a atividade humana é particular e específica e, portanto, singular, caracterizando a capacidade humana de planejar, aprender, criar e fazer uso de si. A distância existente entre o trabalho prescrito pelas normas antecedentes e o trabalho realmente realizado revela a necessidade do trabalhador fazer uma gestão própria para suprir as lacunas e realizar as atividades no trabalho. Ao fazer uso de si, o sujeito projeta-se por inteiro na atividade, uma vez que coloca em movimento a energia de seu corpo, suas experiências físicas e intelectuais, aciona suas relações com o meio social e com seu grupo social.

Neves (2011, p. 2) menciona que a ergologia incorporou e desenvolveu o conceito de atividade para estudar e compreender o trabalho. Esses estudos, oriundos da ergonomia, revelaram haver diferenças entre o “trabalho prescrito” e “o trabalho real”, o que suscita uma singularidade no trabalho efetivamente realizado. Ao trabalhar com o conceito de atividade, Schwartz (2010a) caracteriza o conceito de atividade a partir de três fatores: a) a transgressão, visto que nenhuma disciplina e nenhum campo de práticas conseguem monopolizá-la ou absorvê-la conceitualmente, pois ela atravessa o consciente e o inconsciente, o verbal e o não verbal, o biológico e o cultural, o mecânico e os valores etc.; b) mediação, que impõe dialéticas entre todos os campos, bem como entre o micro e o macro, o local e o global etc.; c) contradição, visto que a atividade sempre é lugar de debates com resultados incertos entre as normas antecedentes marcadas nos meios de vida e as tendências à renormalização pelos seres humanos.

Desse modo, percebemos que o sujeito, na realização do trabalho, necessita fazer gestão e uso de si, envolvendo-se por inteiro –corpo e pensamento- na realização de diversas atividades. Ao fazer isso, carrega também sua história e sua construção de vida, possibilitando que cada atividade seja por ele ressingularizada, tornando-a única. Nesse processo, a atividade é produtora de história. Assim, Neves (2011, p. 2) comenta que a “atividade” traduz o trabalho realizado, o que inclui normas antecedentes, objetivos e ressingularizações, traduzindo reciprocamente entre o dizer e o fazer, que são fundamentais na atividade humana de “trabalho”.

Conforme descreve Schwartz (2011b, p. 34), a ressingularização configura-se como “as múltiplas gestões de variabilidades, de furos das normas, da tessitura das redes humanas, de canais de transmissão que toda situação de trabalho requeira, sem, no entanto, jamais antecipar o que elas serão”. Desse modo, o sujeito definido pela ergologia sempre reconstrói o

trabalho, conforme os vazios de normas e a necessidade do meio que implicam nos usos de si. Souza-e-Silva afirma que (2002a, p. 72), “[...] o retrabalho permanente das normas supõe também um retrabalho dos discursos”, o que remete ao entrelaçamento da ergologia e da linguagem, e, nesse sentido, o sujeito da ação necessita ser considerado em relação ao seu discurso.

Diante dessas reflexões, Freitas, L. (2010) comenta que a abordagem ergológica nos permite tratar da linguagem e trabalho como um binômio fundamental da atividade humana. Essas abordagens se completam por manifestações de traços culturais de um indivíduo, de um grupo social. A partir da perspectiva ergológica, percebemos que a atividade de trabalho gira em torno da subjetividade e do entendimento das noções de dramáticas, renormatizações, escolhas e debates de normas. Sendo assim, a ergologia propõe uma mudança no modo de encarar o trabalho, tomando-o como objeto de estudo e reconhecendo-o como atividade histórica e em constante processo de mudança.

Na seção seguinte, serão discutidas questões pertinentes à interface atividade de linguagem e atividade de trabalho. Para isso, apresentamos aspectos gerais a respeito da abordagem lingüística sobre o trabalho.

2.3 DE FALAS A PALAVRAS: FORMAÇÃO DO TRABALHO

É impossível dissolver o sentido em conceitos (BAKHTIN, 2003, p. 399)

O caráter multidisciplinar que envolve os estudos entre trabalho e linguagem se materializou, no Brasil, na década de 90. O direcionamento da Linguística Aplicada para o desenvolvimento de estudos do trabalho institucionalizado constitui em um importante caminho teórico e prático para, por meio da linguagem, resolver problemas do trabalho. “Considera-se que o trabalho, a linguagem e a vida humana estão intimamente relacionados, não podendo ser concebidos de forma independente das vivências humanas e de um processo constante de reelaboração e transformação do estabelecido” (VARGENS; GIORGI, 2006, p. 02). Assim, o discurso é tomado como ponto inicial da reflexão linguagem/trabalho, possibilitando recuperar possíveis sentidos que se inscrevam na realidade discursiva e que proporcionem uma melhor compreensão da organização do trabalho, além de estabelecer uma relação dentro de uma esfera mais ampla no qual trabalho e linguagem estão situados.

Esses estudos, porém, iniciaram na França, uma década antes, estando direcionados às análises das práticas de linguagem em situação de trabalho *strictu sensu*, as quais consideravam as relações de trabalho e os saberes no trabalho. Conforme descreve Souza-e-Silva (2002a), os estudos multidisciplinares entre linguagem e trabalho iniciaram por meio de dois grupos de pesquisa: *Analyse Pluridisciplinaire des Situations de Travail* (APST) e *Langue et Travail* (L&T)⁴. Posteriormente, esses estudos começam a ser desenvolvidos no Brasil em alguns programas de pós-graduação via grupos de pesquisa (LAEL – PUC-SP/ Grupos Atelier e Direct; pós-graduação em Letras – PUC-RJ/Coppe – UFRJ), e/ou acordos bilaterais: Brasil/França, Brasil/Inglaterra, Brasil/Portugal.

A expansão do interesse em desenvolver, na área da linguística, estudos que contemplem a complexa relação linguagem/trabalho justifica-se, também, pela constatação da importância que os saberes no campo do simbolismo⁵ passaram a exercer nas atividades de trabalho e, além disso, pela emergência de se estabelecer um perfil do linguista como cientista social, que busca estabelecer interconexões entre linguístico e extralinguístico. Desse modo, esses pesquisadores levam em conta os discursos exteriores às situações de trabalho, por exemplo, aqueles que se referem a experiências anteriores adquiridas em outros contextos sociolaborais. A articulação entre linguagem e trabalho passa por um constante processo de valorização, visto que as trocas simbólicas e negociações estão fortemente marcadas nos escritos, no uso da tecnologia, em reuniões etc.

Assim, na perspectiva ergolinguística⁶, a língua é considerada em seu uso, na prática social, e não como uma estrutura isolada, um sistema. Desse modo, linguístico e extralinguístico são considerados como construtores de sentido no discurso. Rocha, Daher e Sant’Anna (2002, p. 81, grifo do autor) destacam que “os estudos linguísticos que tomam por objeto a diversidade de discursos que são produzidos sobre o trabalho” possibilitam o “resgate de certa historicidade do homem no trabalho”, bem como a “construção de visível ‘quadro

⁴ Segundo Souza-e-Silva (2002a, p. 62), o grupo APST começou, em 1984, a desenvolver um projeto, objetivando confrontar os saberes teóricos universitários com experiências concretas, mas que ainda não eram conceitualizadas, dos assalariados pertencentes a campos profissionais diversificados. A rede L & T surgiu em 1987 a partir do interesse em desenvolver pesquisas nas relações entre as ciências sociais do trabalho e as ciências da linguagem.

⁵ Souza-e-Silva (2002) evidencia o caráter massivamente presente da linguagem nas situações de trabalho, ressaltando a importância atribuída a questões relacionadas à dimensão linguageira como, por exemplo, a comunicação interna e externa, a intercompreensão, o mal-entendido, o não-dito, a interpretação adequada etc.

⁶ Porto (2010), citando Clot e Faita (s.d.), define que a ergolinguística é uma disciplina que destoa em partes da Linguística Aplicada, no sentido de que se dedica ao estudo da relação linguagem e trabalho, buscando uma coesão entre as teorias e métodos que adota. Essa disciplina compreende o trabalho e a linguagem como atividades situadas, e a relação entre essas atividades é abordada através de métodos de coleta e análise de dados como, por exemplo, o método dialógico-discursivo, e os métodos de autoconfrontação, que colocam os trabalhadores diante si mesmos na atividade, fazendo-os refletir sobre a própria atividade.

nacional' cujo modo de existência é fundamentalmente o discurso”, permitindo, sobretudo, que tenhamos acesso, mediante a análise da linguagem em situação de trabalho, à produção de categorias como as de trabalhadores nos mais diversos segmentos socioculturais.

A noção de língua não se restringe a mera estrutura e, sim, ao seu uso concreto. Bakhtin (2003) afirma que a linguagem está diretamente ligada a ação do outro e se tem no enunciado uma constante resposta aos enunciados do outro e aos seus próprios enunciados. Para se expressar, o sujeito considera a reação de seu coenunciador em relação ao seu dizer e isso influencia a sua fala. Assim, o sujeito, ao produzir um discurso, assume uma posição determinada em um determinado contexto, sendo influenciado por outras vozes anteriores e posteriores a seus enunciados, acionando diversos saberes para a compreensão de seu discurso em diferentes circunstâncias. Portanto, a possibilidade de o sujeito não fazer uso da linguagem e do trabalho no meio social é nula, posto que esses aspectos são inerentes ao homem.

Diante desse contexto, a língua deve ser considerada a partir de seu uso, e não como estrutura isolada e fenômeno abstrato. Nas interações sociais, o sujeito não é apenas um receptor passivo, uma vez que o sentido é construído por meio dos saberes que ele mobiliza (BAKHTIN, 2003). Sob essa perspectiva, Maingueneau (2008a) afirma que a situação de enunciação se situa no campo das coordenadas que servem de referência direta ou não à enunciação, tendo como personagens principais o enunciador (EU) que se dirige a um coenunciador (TU), ancorado em um topografia (AQUI) e em uma cronografia (AGORA). A partir dessas interações sociais, concretizadas pelas diferentes situações de enunciação, surge o campo da ergologia o qual reflete a aceitação da teoria da enunciação e a indissociabilidade entre formas linguísticas e seu funcionamento nas interações socialmente situadas.

Nesse sentido, aproximamos Maingueneau (2008a) a Benveniste (1989), pois este conceitua língua ancorada no consenso do coletivo, ou seja, “a língua constitui o que mantém juntos os homens, o fundamento de todas as relações que por seu turno fundamentam a sociedade”. (BENVENISTE, 1989, p. 63). Portanto, ao referir-se a enunciação, Benveniste (1989, p. 82) a conceitua como “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. Isso significa que cada indivíduo possui uma maneira específica de falar, de se comunicar, norteadas por suas vivências e experiências ao longo da vida. Dessa forma, Benveniste (1989, p. 83, grifo do autor) destaca que

[...] o ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno. Enquanto realização individual, a enunciação pode se definir em relação à língua, como um processo de *apropriação*. O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro.

Diante dessas considerações, temos que tanto Benveniste quanto Maingueneau, referem-se às marcas de tempo, espaço e pessoa na enunciação, visto que esta faz emergir um dado momento e um determinado espaço para sua realização, tendo como componentes um eu/enunciador e um tu/coenunciador responsáveis pelas relações verbais conforme uma competência linguística e discursiva, ocorrendo a interação verbal mediante a subjetividade e, por consequência, a intersubjetividade entre os sujeitos.

Desse modo, Faita (2002, p. 47) destaca que a linguagem é um elemento essencial na construção da ação e da significação, na afirmação das identidades profissionais, na organização e na negociação das atividades e das tomadas de decisões. A linguagem, portanto, assume uma concepção de língua que não se restringe a mera estrutura, e sim como responsável por tornar a fala como atividade. Assim, percebemos que a linguagem é essencial para desenvolver uma atividade de trabalho, visto que a execução de tarefas necessita da interação verbal entre os sujeitos participantes do trabalho. Essa interação, por sua vez, implica um processo de compreensão entre os trabalhadores para que haja sucesso na realização de todo e qualquer trabalho. A situação de trabalho “se configura a partir de toda uma rede de discursos proferidos, os quais se responsabilizam, em última instância, pelo(s) sentido(s) produzido(s) em torno desse”. (ROCHA; DAHER; SAN’TANNA, 2002, p. 79).

Seguindo, pois, essa reflexão, constatamos que a natureza dos estudos da linguagem sobre a atividade de trabalho implica uma abordagem dos materiais verbais como parte da atividade:

No exame das situações de trabalho, não se analisa a linguagem unicamente como discurso pré e/ou pós-experiência, mas, sobretudo, como parte da atividade em que constituintes filosóficos, cognitivos, subjetivo, social etc., se cruzam em um complexo que se torne ele próprio uma marca distintiva de uma experiência específica em relação a outras. (NOUROUDINE, 2002, p.21-22).

São investigações que, portanto, requerem em uma análise linguística que não se limite à estrutura da língua, ou seja, à fala e à palavra, e sim que considere a relação entre

língua e sociedade, entre enunciado e situação de enunciação. Em consonância, Zago e Di Fanti (2008) destacam que a linguagem é imprescindível para divulgação do trabalho, visto que esta constitui as práticas laborais. Por isso, dentro de nosso contexto contemporâneo, existe a dificuldade de conceber uma prática taylorista em situação de trabalho com sujeitos engessados no seu fazer, sem estabelecer trocas languageiras, embora ainda haja sujeitos envolvidos nessa resistente prática de trabalho aplicada pela hierarquia de modo aberto ou disfarçado.

No que diz respeito ao modo de atualização das práticas languageiras no mundo do trabalho, Nouroudine (2002) comenta que a relação linguagem/trabalho configura-se em três modalidades: “a linguagem *sobre* o trabalho”, “a linguagem *no* trabalho e a linguagem *como* trabalho”. A linguagem sobre o trabalho é a produção de saber sobre a atividade, seja durante sua realização ou posteriormente por meio de um questionamento, ou seja, é uma espécie de interpretação sobre o trabalho desenvolvida tanto por pesquisadores como pelos próprios trabalhadores, uma vez que estes também falam sobre suas atividades em determinadas situações, como, por exemplo, nas reuniões pessoais ou na transmissão de conhecimentos entre membros de uma equipe (LACOSTE, 1998).

A linguagem como trabalho é aquela utilizada durante e para a realização da atividade, é parte legitimada da atividade, isto é, a linguagem que faz. Por fim, a linguagem no trabalho é aquela que não se relaciona diretamente com a execução da atividade, no entanto ocorre na própria situação de trabalho, ela é circundante, ou seja, não participa diretamente da atividade de trabalho, o que caracteriza essa modalidade como parte de uma situação global de trabalho e não *stricto sensu* (LACOSTE, 1998). Portanto, essas práticas languageiras se configuram a partir de dois níveis de linguagem: de um lado envolvem gestos, falas, que o protagonista utiliza ao se dirigir a outros membros envolvidos em uma mesma atividade de trabalho; de outro, as falas que o protagonista do trabalho utiliza ao se dirigir a si próprio (NOUROUDINE, 2002).

A tripartição das práticas languageiras trouxe vantagens metodológicas, contudo, como ressalta Nouroudine (2002), existem estreitas ligações entre as diferentes práticas languageiras. Dentro desse espaço de encontros e desencontros dos três aspectos relacionados ao trabalho, no contexto de realização desta pesquisa, esse recorte metodológico é importante para estabelecermos o foco de atenção na linguagem sobre o trabalho empregada na construção dos anúncios publicitários das instituições de ensino superior selecionadas para esta análise, que se enquadra na linguagem sobre o trabalho. Segundo Nouroudine (2002), a fala sobre o trabalho pode fazer emergir informações importantes sobre ele.

A concepção dialógica de linguagem do círculo de Bakhtin vai ao encontro da complexidade do ser humano no trabalho por considerar a língua como uma atividade concreta de trocas verbais. Dessa forma, tal concepção possibilita um estudo linguístico-dialógico de situação de trabalho que integra ao fenômeno verbal o atributo “industrioso”, relativo à potência humana de agenciamentos da vida. A língua é, assim, concebida como fruto do trabalho humano de interações entre sujeitos que se dão nas mais diversas esferas de atividade. (FREITAS, L. 2010, p. 115).

Por meio da compreensão do enunciado concreto e dialógico que se estabelece nas interações verbais entre sujeitos envolvidos em um mesmo contexto social, é possível desenvolver uma interface entre a Linguística e as Ciências do Trabalho. Essa inter-relação ganha uma nova dimensão: por um lado, não existe atividade humana sem uso de linguagem; por outro, não há linguagem fora de um campo da sua atividade humana.

A linguagem sobre trabalho pode resultar de uma solicitação, por exemplo, da direção de uma Instituição de Ensino Superior para que o setor de marketing comente sobre a construção e desenvolvimento de uma campanha publicitária. Esses comentários podem ser recuperadas em outros momentos, como durante a elaboração das publicidades, o que, portanto, demonstra existir uma intersecção entre linguagem sobre o trabalho e como trabalho em situação. Outro ponto interessante que dificulta a tripartição linguagem/trabalho é o fato de muitas atividades serem pensadas e organizadas fora do ambiente de trabalho, caracterizando uma linguagem sobre o trabalho. Entretanto, tal fato pode ser compreendido como um processo de elaboração de uma atividade, portanto, linguagem como trabalho. A partir desse ponto de vista, atividades externas ao ambientes de trabalho, como momentos de lazer e descanso, são visto como necessidades na vida de um indivíduo e como fontes de criação e reconstrução da atividade

Ao abordar a linguagem *sobre* o trabalho, Nourodine (2002) destaca que esta é, muitas vezes, motivada por exigências da equipe ou da instituição para comentá-lo ou avaliá-lo, para lembrar, para se justificar. Ainda assim, porém, “[...] é pertinente o questionamento acerca de ‘quem fala?’, ‘de onde ele/ela fala?’, ‘quando ele/ela fala?’ para que se compreenda onde se situa o campo de validade de pertinência da ‘linguagem sobre o trabalho’”. (NOUROUDINE. 2002, p. 26). Desse modo, a dimensão de espaço que circunda a linguagem ultrapassa os limites da empresa e se estende para outras atividades que fazem parte do cotidiano do

trabalhador. Portanto, o processo de compreensão do sujeito e de sua atividade depende, também, da compreensão de quem ele é, de onde e para quem ele fala.

Lacoste (1998, p. 15) acrescenta que a “fala no trabalho chamava a atenção para uma realidade há muito negligenciada: o papel da linguagem na própria construção da atividade”. Evidenciamos, com isso, os primeiros sinais da importância de observar e analisar as conversas dos trabalhadores no período em que trabalham. Nessa perspectiva, Nouroudine (2002, p. 22) reforça que “enquanto a ‘linguagem *como* trabalho’ é expressa pelo ator/e ou coletivo dentro da atividade, em tempo e lugar reais, a ‘linguagem *no* trabalho’ seria, antes, uma das realidades constitutivas da situação de trabalho global na qual se desenrola a atividade”. Sob este ponto, esses dois aspectos da linguagem são, simultaneamente, distintos e ligados. Com isso, evidenciamos que a linguagem é inerente ao trabalho, posto que está sempre presente nas ações dos sujeitos nas práticas laborais.

Nem toda prática languageira, na relação linguagem/trabalho, terá resultados imediatos na realização do trabalho, visto que essa prática languageira abrange assuntos que não estão diretamente ligados à atividade *stricto sensus* como, por exemplo, assuntos pessoais ou sobre religião. (NOUROUDINE, 2002). Embora não exerçam influência direta na realização da atividade, as práticas languageiras no trabalho podem ser importantes para a manutenção de determinado trabalho, mesmo quando sua relevância não seja reconhecida. Conversas que fujam dos assuntos do trabalho podem, muitas vezes, atenuar momentos de tensão e de fadiga em certas atividades, sendo, portanto, também constitutivas da atividade de trabalho.

Faita (2002) descreve que a competência e os saberes dos sujeitos parecem incorporados simultaneamente às maneiras de dizer e às maneiras de agir orientadas em um objetivo comum. As práticas languageiras se aproximam, se distanciam e se entrelaçam, possibilitando que o conhecimento seja acessado em prol da realização, ou não, do trabalho. Desse modo, Faita (2002) delimita duas situações de trabalho: a primeira se caracteriza pela densidade das trocas verbais e distinção de marcas pertinentes ao plano linguístico; a segunda revela que o papel da linguagem é menos relevante, entretanto mais coercitivo, evidenciando a heterogeneidade da linguagem. Sendo assim, em uma interação verbal, visualiza-se o encadeamento entre enunciador e coenunciador, além das atribuições às suas interpretações, visto que a fala *no* e *sobre* o trabalho é marcada pela ação.

Portanto, percebemos que a linguagem orienta a ação, que precisa ser narrada ou descrita de algum modo para os trabalhadores, a fim de que consigam descrever a própria ação. A palavra, seja escrita ou falada, organiza a execução das atividades e renormaliza o cumprimento das tarefas. Logo, a comunicação é imprescindível para o trabalhador, uma vez

que “a linguagem é que dá sentido às nossas ações”, e que “comunicar não significa elucidar mensagens verbais, significa antes reconstruir com os interlocutores, o sentido das palavras”. (NOËL; FAÏTA, 2010, p. 166). Assim,

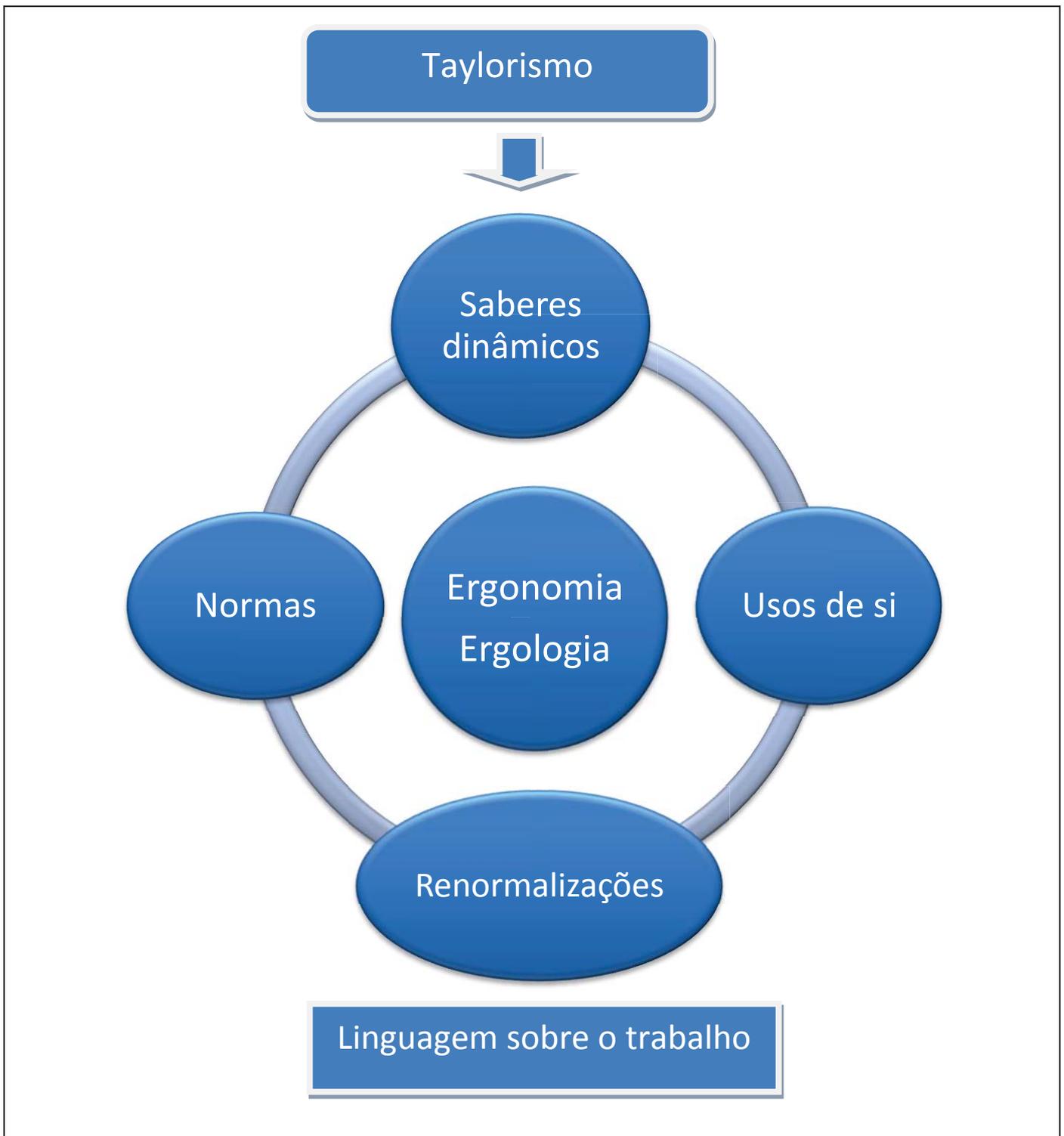
[...] comunicar significa compreender. Dizer, mas também compreender. E a própria compreensão do que o outro diz, a compreensão do discurso do outro não é uma mera operação de elucidação, não é aplicação de regras simples. É também trabalhar no sentido de compreender. Em parte, é tentar se colocar no lugar do outro, é em parte reconstruir, a seu modo, aquilo que o outro construiu, em matéria de relação com as coisas, com as pessoas. Em suma, comunicar é reconstruir o sentido das palavras. [...]. Em mim reside um conjunto de valores, de referências, de *saberes* dos quais eu não sou o autor. Trata-se de referências, de valores, de saberes que estão em mim, dos quais eu sou naturalmente beneficiário, os quais eu recebi e posso transmitir aos outros ou debater sobre eles. (NOËL; FAÏTA, 2010, p. 167, grifo nosso).

Os comentários de Noël e Faïta (2010) nos revelam que a linguagem envolve saberes pré-constituídos pelo ser humano, saberes que influenciarão, bem como sofrerão influências em suas relações sociais, sobretudo, nesse caso, nas relações de trabalho. Nessa perspectiva, Sant’Anna e Souza-e-Silva (2007, p. 85) referem Maingueneau (2005), que afirma que “estudar o modo de constituição do campo discursivo da prescrição para/no/sobre o trabalho requer partir do princípio de que há sempre articulação entre o funcionamento do discurso e sua inscrição histórica”. Assim, nas práticas languageiras e no trabalho, conforme descreve Faïta (2002), presencia-se o visível, que pressupõe um invisível, estes são revelados por meio do posicionamento de cada indivíduo da fala e da ação.

Dessa forma, inferimos que as práticas languageiras possibilitam a compreensão do desenrolar da atividade, além disso, permitem qualificá-la e valorizá-la, tanto em relação à hierarquia como para o próprio trabalhador ao fazer uso das prescrições e das renormalizações. A relação entre linguagem e trabalho, na formulação das campanhas publicitárias para o vestibular e para construção dos manuais do candidato das Universidades selecionadas para este estudo, constitui uma referência importante para o encaminhamento desta discussão. No entanto, é necessário considerar que a complexidade é inerente à própria atividade de trabalho, o que impossibilita traçar fronteiras muito rígidas entre tais práticas languageiras.

A Figura 03 corresponde a uma organização sistematizada dos conceitos desenvolvidos neste capítulo e das relações que um exerce sobre o outro na constituição de um percurso histórico que possibilitou a interdisciplinaridade entre a Linguística Aplicada e a Ergologia, resultando na expansão dos estudos envolvendo linguagem e trabalho.

Figura 03: sistematização dos conceitos desenvolvidos no capítulo 1.



Fonte: elaborada pelo acadêmico.

Conforme a figura 03, o Taylorismo é a base por meio da qual se deu início à reflexão sobre a linguagem em situação de trabalho. Nesse sentido, Freitas L. (2010, p. 80) menciona Schwartz (2007) no sentido de ressaltar que, para a Ergologia, o Taylorismo é importante por duas razões: primeiro, porque estimula a reflexão, já que seguimos questionando-nos sobre sua permanência num momento em que o mundo do trabalho passa por constantes mudanças. Segundo, porque traz elementos importantes para análise do trabalho. A proposta Taylorista de simplificar totalmente a atividade demonstrou que a predeterminação completa da atividade é impossível. Tal conclusão resulta na base teórica da Ergonomia e da Ergologia. A atividade de trabalho, portanto, não se restringe a um mero processo mecânico, no qual o trabalhador é assujeitado a repetição de tarefas. Na perspectiva ergológica, é preciso que o sujeito se projete na atividade de trabalho, utilizando-se dos saberes acadêmicos, fazendo *usos de si*, analisando as normas e renormatizando-as para suprir as lacunas que impedem o desenvolvimento do trabalho com sucesso. Essa reconstrução do trabalho se realiza na linguagem, visto que por meio dela é possível refletir sobre a atividade, promovendo a troca de experiências, saberes e cultura entre os indivíduos responsáveis pela execução das tarefas.

Neste capítulo, dedicamo-nos a uma reflexão em termos genéricos da relação linguagem/trabalho. A análise da materialidade discursiva que circunda o mundo do trabalho é imprescindível para o desenvolvimento de uma discussão sobre os possíveis sentidos provocados pelo discurso, presentes nos anúncios publicitários e nos manuais do candidato, classificados, neste estudo, como linguagem *sobre* o trabalho.

No capítulo seguinte, a discussão teórica prosseguirá; no entanto, ela se deslocará para o campo da linguagem, mais propriamente do discurso, a partir do que abordaremos conceitos da semântica global, especialmente no que se refere à cenografia e ao ethos discursivo.

3 SEMÂNTICA GLOBAL: A INTEGRAÇÃO DOS PLANOS DISCURSIVOS

A perspectiva sob a qual Maingueneau aborda a Análise do Discurso se caracteriza por considerar a prática discursiva em suas múltiplas dimensões. Assim, prática discursiva só pode ser apreendida por meio de uma Semântica Global que sustente essa multiplicidade de dimensões. A seguir, faremos uma apresentação das sete hipóteses que Maingueneau (2008a) formula em Gênese do Discurso, trazendo uma visão geral dos pressupostos teóricos de cunho enunciativo-discursivo com base, também, em autores como Souza-e-Silva e Rocha (2009) e mostrada na Semântica Global, além de outros estudiosos. As categorias de análise que compõem a Semântica Global são consideradas suportes teórico-metodológicos para esta pesquisa, a fim de que se possa apreender a cenografia e o ethos discursivo nos anúncios publicitários selecionados para este estudo, sob a designação de tom e cena.

3.1 A CONCEPÇÃO DIALÓGICA DA LINGUAGEM

No contexto de realização desta pesquisa, a fala *sobre* o trabalho pode suscitar informações pertinentes ele, desde que a análise da linguagem *sobre* o trabalho, presentes nos anúncios publicitários e nos manuais dos candidatos, seja desenvolvida levando em consideração sua historicidade, associada a uma reflexão dialógica dentro das Ciências Humanas e, também, a uma concepção enunciativo-discursiva de linguagem que, mediante determinada situação, considera sua “materialidade” junto à dimensão histórica e memória discursiva que a constituem. (BRAIT, p. 32). No caso dos gêneros discursivos a serem estudados nesta dissertação, a linguagem é o elemento essencial da atividade, portanto, a

concepção dialógica da linguagem do círculo⁷ de Bakhtin coincide com a complexidade do ser humano no trabalho, visto que a língua é considerada como uma atividade concreta de trocas verbais, mesmo que enunciador e coenunciador não estejam presentes simultaneamente no ato de comunicação. Dessa forma, tal perspectiva viabiliza um estudo linguístico-dialógico de situação de trabalho que integra a prática verbal à laboral, relativo à potência agenciamentos da vida.

Mesmo tendo conhecimento da abrangência do termo “gênero”, visto que há várias correntes teóricas que se dedicam no assunto, pontuaremos algumas considerações. Para isso, referenciamos-nos nos estudos de Bakhtin (2003), uma vez que esse autor aborda o conceito de gênero numa concepção comunicacional e, também, em Maingueneau (2008a), visto que esse linguísta promove uma reflexão relacionando os gêneros do discurso à cenografia e ao ethos discursivo, sobretudo porque, para se apreender a cenografia de um discurso e se analisar o ethos, faz-se necessário considerar as coerções genéricas específicas. Conforme Maingueneau (2008a, p. 11) afirma, a análise do discurso “não pode deixar de refletir sobre o gênero quando aborda um corpus”, visto que um enunciado livre de qualquer coerção seria utópico.

Bakhtin, ao repensar o objeto dos estudos linguísticos, deixa de considerar a língua como um fenômeno abstrato, direcionando seus estudos ao enunciado concreto como “a real unidade da comunicação discursiva”. (BAKHTIN, 2003, p. 274). Junto a outros autores, como Medvedev e Voloshinov, desenvolve as bases de uma teoria da enunciação que se opunha às análises centradas nos atos da fala individuais ou no sistema linguístico. Assim, um de seus principais objetivos era estabelecer a relação entre linguagem e sociedade: “Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem”. (BAKHTIN, 2003, p. 268).

O princípio que fundamenta a concepção de linguagem, conforme definição de Bakhtin (2003), é o dialogismo, pois pressupõe que todos os enunciados estão intrinsecamente relacionados. Para explicar a perspectiva do Círculo, Bakhtin (2003, p. 289) recorre à analogia entre os enunciados e os elos de uma cadeia: “todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva”. Desse modo, todos os enunciados estão direta ou indiretamente relacionados, visto que estão em diálogo, formam, portanto, uma cadeia de comunicação infinita, na qual não existe enunciado que não possua marcas de outros enunciados. Os elos

⁷ Teixeira (2005, p. 86), citando Faraco (2003), afirma que “O Círculo compreende um grupo multidisciplinar de intelectuais apaixonados por filosofia que se reunia regularmente, de 1919 a 1920 para debater idéias. A autora ainda menciona que “dentre os autores que o constituem, centralizo a atenção em Voloshinov e Bakhtin, já que È em obras assinadas por ambos ou somente por Bakhtin que se encontra propriamente uma teoria da linguagem. (TEIXEIRA, 2005, p. 86).

são responsáveis por unir um enunciado não somente aos anteriores, mas também aos subsequentes. Assim, percebemos que os enunciados mantêm uma relação dialógica entre si e são atravessados por todos os discursos que temporalmente os antecedem e os procedem.

Na perspectiva Bakhtiniana, o sentido não é imanente ao enunciado, mas se constrói na relação com os sentidos de outrem, dialogicamente: “o sentido é potencialmente infinito, mas pode atualizar-se somente em contato com outro sentido (de outro), ainda que seja com uma pergunta do discurso interior do sujeito da compreensão”. (BAKHTIN, 2003, p. 382). Desse modo, percebemos que o enunciado adquire sentido na enunciação, portanto, para sua análise, é fundamental que se considerem os sujeitos da interação verbal. Como a enunciação é sempre dialógica, de acordo com a concepção de Bakhtin (2003), supõe a participação ativa de todos os sujeitos no ato comunicativo. Maingueneau (2008a), para contribuir com noção de que todos os participantes exercem papéis ativos na interação, utiliza termos como enunciador e coenunciador.

Fiorin (2008) destaca que Bakhtin não se interessa pelas propriedades de caráter normativo que classifica os gêneros e, sim, aponta que, para o filósofo russo, importa como estes se constituem, sua conexão e interação com as atividades humanas, ou seja, seu processo de produção. Isso significa que os gêneros estabelecem uma interconexão da linguagem com a vida social. O enunciado é dialógico, não existe isolado de um contexto, nem de uma atividade humana (seja ela de trabalho ou não), ou fora de uma situação social. Toda esfera de atividade humana está relacionada com a utilização da língua, assim cada uma dessas esferas elabora tipos relativamente estáveis de enunciados, definidos como gêneros do discurso (BAKHTIN, 2003). Desse modo, cada função e cada condição de formação discursiva produzem determinado gênero do discurso:

Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis. (BAKHTIN, 2003, p. 266).

Freitas L. (2010) destaca que cada enunciado é marcado por formas pré-existentes dos gêneros com seu conteúdo temático, seu estilo da linguagem e sua construção composicional, conforme as condições específicas e as finalidades da esfera da atividade que o engendra. Entretanto, ele é único e singular, em diálogo com a sua situação de enunciação. Assim, o

enunciado possui elementos, concomitantemente, previsíveis e imprevisíveis, regulares e singulares. Os gêneros possuem três elementos conformadores: estilo, tema e construção composicional que estão essencialmente relacionados entre si:

O estilo é indissociável de determinadas unidades temáticas e – o que é de especial importância – de determinadas unidades composicionais: de determinados tipos de construção do conjunto, de tipos e acabamento, de tipos da relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva – com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro, etc. (BAKHTIN, 2003, p. 266).

O conteúdo temático diz respeito ao sentido do enunciado completo; o estilo corresponde à seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua utilizados na composição do gênero, e a construção composicional refere-se à estruturação dos elementos e à relação dialógica entre os interlocutores.

Os gêneros do discurso são inúmeros e distintos, correspondem às necessidades comunicativas impostas pela atividade humana, portanto, estão suscetíveis a mudanças sócio-econômico-culturais que alteram as relações de interação entre os sujeitos na esfera social. Dentro dessa multiplicidade, é possível distinguir dois conjuntos que agrupam gêneros de naturezas distintas, definidos por Bakhtin (2003), como primários e secundários. Os primários são constituídos pela comunicação espontânea, sem formulações prévias, seja oral, seja escrita. Podemos citar como exemplos desse gênero diálogos do cotidiano e os breves recados escritos. Os gêneros secundários, por sua vez, requerem uma formulação mais complexa, organizada e desenvolvida. São exemplos de gêneros secundários romances, folhetos, pesquisas científicas, etc. Os manuais dos candidatos ao vestibular e os anúncios publicitários, materiais analisados nesta pesquisa, são exemplos de gêneros secundários, uma vez que supõem uma organização discursiva complexa e não uma interação efetivamente espontânea.

Como esta pesquisa objetiva analisar a cenografia e o ethos em manuais de vestibular e anúncios publicitários, o gênero (cena genérica) faz parte da construção da cena enunciativa. Desse modo, Maingueneau (2001, p. 89-90, grifo do autor) menciona a probabilidade de os gêneros discursivos serem mais ou menos suscetíveis à cenografia:

[...] de um lado, os gêneros pouco numerosos, que se limitam ao cumprimento de sua cena genérica, *não sendo suscetíveis de adotar cenografias variadas* (cf. a lista telefônica, as receitas médicas etc.) [...] de outro, os gêneros que, por natureza, exigem a escolha de uma cenografia: é o caso dos gêneros publicitários, literários, filosóficos etc. [...] entre os dois polos estão situados os gêneros suscetíveis de

cenografias variadas, mas que, *na maioria das vezes*, limitam-se ao cumprimento de sua cena genérica *rotineira*. É o caso do guia turístico.

Assim, evidenciamos que os discursos implicam cenografias distintas ou estanques dependendo do gênero ao qual estão submetidas. Além disso, Maingueneau (2006, p. 234) reconhecesse o gênero como uma construção sócio-histórica definida por meio de critérios situacionais, possibilitando-os evoluir passo a passo com a sociedade. “Uma modificação significativa de seu modo de existência material basta para transformá-los profundamente”. Isso é possível porque os gêneros são voltados essencialmente à comunicação humana, uma vez que “falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do todo*”. (BAKHTIN, 2003, p. 282, grifo do autor).

Bakhtin (2003) afirma que o uso da língua se consolida por meio de enunciados sejam orais, sejam escritos. Esses enunciados representam situações específicas da atividade humana, são considerados acontecimentos únicos, os quais se atualizam constantemente pela linguagem. Assim, o estudo dos gêneros remete ao conceito de enunciação delimitado por Benveniste (2006, p. 83), o qual afirma que a enunciação supõe a “conversão individual da língua em discurso”. Assim, Benveniste (1989) ressalta que cada indivíduo possui uma maneira particular de falar, de se expressar, resultado de suas vivências e experiências ao longo da vida. A enunciação, portanto, é definida por esse teórico francês como “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. (BENVENISTE, 1989, p. 82).

Por meio da enunciação, é possível estabelecer uma relação de convergência entre os pressupostos teóricos de Benveniste e de Maingueneau; esse último, particularmente, afirma que “a enunciação é uma maneira específica de dizer”, expressa por “um *tom* que se apoia sobre a dupla figura do enunciador, a de um *caráter* e de uma *corporalidade*, estreitamente associadas”. (MAIGUENEAU, 2008a, p. 90, grifo do autor). Nesse sentido, Maingueneau (2008a) ressalta a noção de que o enunciador somente escolhe a maneira de dizer, já que, segundo esse autor, o enunciador dá corpo ao discurso por meio da incorporação, criando uma forma concreta, “socialmente caracterizável, de habitar o mundo, de entrar em relação com os outros” (MAIGUENEAU, 2008a, p. 93). Entretanto, essa incorporação não se restringe apenas ao enunciador, mas também ao coenunciador, pois ambos revelam-se por uma maneira de ser com o seu modo de dizer.

Benveniste (1989) pressupõe que a enunciação se caracteriza pela presença fundamental de um locutor responsável por emitir um enunciado, e, do mesmo modo, é

necessária a presença de um ouvinte que responde, ou não, ao primeiro. Nessa complexa relação de comunicação, a posição de locutor e de ouvinte é constantemente renovada em uma situação de interação, sendo necessário para o processo de compreensão que ambos se apropriem da língua, do seu aparelho formal, das suas normas e, por conseguinte, da oralidade ou da escrita, para construírem um diálogo claro nas diferentes situações de comunicação. Assim, evidenciamos que a apropriação da língua em determinada comunidade é imprescindível para que haja o processo de interação entre os sujeitos da fala.

Além de integrar um gênero discursivo e ser dialógico, o enunciado definido pelo Círculo de Bakhtin (2003) é uma unidade que possui três peculiaridades constitutivas imbricadas: a alternância dos sujeitos do discurso; a conclusibilidade, e a relação com o próprio autor e com os demais participantes da comunicação discursiva. A primeira diz respeito à existência de limites precisos e definidos pela alternância dos falantes. Assim, de um lado, uma fala é uma resposta a enunciados anteriores, por outro, implica uma resposta de outros sujeitos, ainda que esta apresente-se em forma responsiva silenciosa. Embora a alternância de sujeitos seja mais evidente em gêneros que implicam diálogo como, por exemplo, o gênero entrevista, o manual do candidato também pressupõe uma compreensão responsiva por parte dos leitores/estudantes que se interessem em prestar vestibular e ingressar em um curso superior.

O dialogismo e a alternância de sujeitos do discurso remetem à noção de conclusibilidade. Essa peculiaridade corresponde ao modo como os sujeitos se alternam em cada enunciado, demonstrando uma conclusão que demarca uma fronteira para o início da voz do outro. Bakhtin (2003) menciona que a conclusibilidade é um aspecto interno da alternância de sujeitos, visto que sugere que o enunciador disse tudo o que queria dizer, dentro de condições e momento determinados. A conclusibilidade é determinada por três elementos: primeiro, a exauribilidade semântico-objetual do seu tema; segundo, a intenção discursiva do sujeito e, por fim, as suas formas estáveis de gênero.

A exauribilidade de um objeto diz respeito ao objetivo do enunciado. Conforme Bakhtin (2003), o objeto é inexaurível, adquire uma conclusibilidade diante da situação de enunciação e do gênero discursivo. No caso dos anúncios publicitários e dos manuais de candidato ao vestibular, *corpora* desta pesquisa, os objetos são mais precisos e, portanto, o enunciado é tratado de forma, supostamente, objetiva pelo enunciador, diferentemente do que aconteceria, por exemplo, em uma obra literária.

O segundo elemento da conclusibilidade do enunciado é caracterizado pela intenção discursiva: o querer-dizer do sujeito, seu projeto de discurso, a verbalização da sua ideia por

meio de todo enunciado, de seu gênero. (FREITAS, L., 2010). A percepção do outro em relação ao querer dizer, também, é responsável pelo encaminhamento do discurso. Nesse sentido, os anúncios publicitários e os manuais do candidato ao vestibular são produzidos com uma intenção que pode ou não ser apreendida pelo interlocutor. Entretanto, na construção desses gêneros, leva-se em conta o perfil dos interlocutores e a situação de comunicação, para que estes consigam apreender as marcas linguísticas e inferir a intenção presente no discurso.

A escolha do gênero do discurso, porém, é o item mais importante da conclusibilidade do enunciado, isso por que esse elemento é determinado pelo campo da comunicação discursiva, pelas considerações temáticas, pela situação de comunicação e pelos seus participantes. Desse modo, a intenção discursiva do enunciador se manifesta na escolha das formas estáveis de um determinado gênero.

Bakhtin (2003) define, ainda, dois elementos do enunciado: o primeiro é responsável por definir suas peculiaridades estilísticas e composicionais conforme o objeto de sentido visado; o segundo relaciona-se com o efeito valorativo e emocional do sujeito com relação ao seu dizer, pois corresponde ao elemento expressivo do enunciado:

Nos diferentes campos da comunicação discursiva, o elemento expressivo tem significado vario e grau vario de força, mas ele existe em toda parte: um enunciado absolutamente neutro é impossível. A relação valorativa do falante com o objeto do seu discurso (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado. (BAKHTIN, 2003, p. 289).

Assim, a expressividade além de ser constitutiva do enunciado, também determina a sua construção composicional e o seu estilo. A relação valorativa é marcada pelo querer-dizer do locutor e pela relação dialógica que este estabelece com o interlocutor, podendo sofrer variações de acordo com o gênero e com a situação de enunciação. Conforme destaca Freitas L. (2010), a constituição do elemento expressivo se dá apenas no plano do enunciado e não no plano das palavras ou imanente a elas. Dessa forma, a seleção lexical ou gramatical está em conexão com o conjunto projetado para o dizer, o que, portanto, sugere uma relação inerente entre o todo e as partes do enunciado.

A expressividade do enunciado repousa nesta trílice interação: palavras que são retiradas de outros enunciados, em especial daqueles que fazem parte de um mesmo gênero do discurso, ou palavras advindas de outros gêneros com os quais possuem uma identidade discursiva, visto que se constituem em uma mesma esfera da atividade humana, e as próprias

palavras do sujeito falante, posto que este lhes atribui seu caráter individual e contextual. A expressividade dos enunciados, em suas diferentes manifestações lexicais e gramaticais, será um dos fatores de reflexão e análise dos anúncios publicitários e manuais do candidato analisados nesta dissertação.

A seguir, apresentaremos os planos que constituem o discurso desde a semântica Global à construção do ethos discursivo.

3.2 SEMÂNTICA GLOBAL: A INTEGRAÇÃO DOS PLANOS DISCURSIVOS

Maingueneau (2008a) em “Gênese dos Discursos” comenta sobre o discurso como sendo um sistema de restrições globais e chega à teoria da “Semântica Global”, analisando a “intertextualidade”, o “vocabulário”, os “temas”, o “estatuto do enunciador e do destinatário”, a “dêixis enunciativa”, o “modo de enunciação” e o “modo de coesão” nos discursos. Desse modo, este estudo enunciativo-discursivo engloba esses planos que constituem o discurso, seja na ordem do enunciado, seja na da enunciação. Portanto, o discurso não se consolida a partir da fragmentação de seus planos nem na distinção do que é fundamental do artificial, tampouco do que é essencial do acessório, mas se configura em um constructo marcado pela multiplicidade de suas dimensões.

Na obra *Gênese dos Discursos*, Maingueneau (2008a) também trabalha com um princípio importante para compreender o funcionamento da Semântica Global; trata-se do princípio do primado do interdiscurso, no qual a interdiscursividade é anterior à discursividade porque é nela que a relação Eu x Outro se forma. Assim, o pressuposto que rege a semântica discursiva é a primazia do interdiscurso.

O interdiscurso tem precedência sobre o discurso. Isso significa propor que a unidade de análise pertinente não é o discurso, mas um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos. [...] Em termos de gênese, isso significa que esses últimos não se constituem independentemente um dos outros, para serem, em seguida, postos em relação, mas que eles se formam de maneira regulada no interior de um interdiscurso. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 21).

Podemos definir o interdiscurso como uma rede de trocas na qual diferentes discursos se constituem. Maingueneau (2008a) detalha o conceito de interdiscurso por meio da seguinte

tríade: a) universo discursivo, definido pelo autor como um conjunto de formações discursivas⁸ de todos os tipos que interagem em determinada conjuntura; b) campo discursivo compreendido como conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência; e, c) espaço discursivo, descrito por Maingueneau (2008a, p. 37) como “subconjunto de formação discursiva que o analista julga relevante para seu propósito colocar em relação”. O discurso se constitui no interior de um campo discursivo por intermédio de formações discursivas já existentes, contudo um discurso não se constitui do mesmo modo com todos os discursos desse campo. Logo, a relação interdiscursiva começa no momento da gênese dos discursos, uma vez que estes já nascem imbricados em uma relação dialógica.

Souza-e-Silva e Rocha (2009), ao analisarem *Gênese dos Discursos*, comentam que é no âmbito do discurso que o Eu e o Outro se constituem, remetendo a criação de uma formação discursiva:

Decorre daí o caráter dialógico de todo enunciado que não é em momento algum passível de ser considerado sob a figura de uma plenitude autônoma. É no espaço discursivo que se dá a relação Eu x Outro, é o local onde Eu e Outro se constituem. Reconhecer o primado do interdiscurso é construir um sistema por meio do qual a definição de uma rede semântica circunscrita na especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com seu Outro, o qual é encontrado na raiz de um Eu sempre e já descentrado pela reação com ele mesmo. O conflito regrado entre um Eu e seu Outro indissociáveis (verso e reverso) é a condição de existência de uma formação discursiva. (SOUZA-E-SILVA; ROCHA, 2009, p. 6).

Maingueneau (2008a) trabalha com a hipótese de uma competência discursiva, que decorre diretamente do primado do interdiscurso, propondo a noção de que a interação semântica entre os discursos é um processo de tradução. Desse modo, o sistema de coerções insere o discurso na rede institucional de um grupo, “ou seja, o discurso, ao ser enunciado instaura o quadro institucional ao qual está vinculado, ao mesmo tempo em que é autorizado por esse quadro”. (SOUZA-E-SILVA; ROCHA, 2009, p. 18).

No que se refere à corrente teórica principal utilizada neste estudo referente à análise do discurso, denominada Semântica Global, a primeira instância instituída por essa teoria diz

⁸ Contextualizando o conceito de “formação discursiva”, conforme os postulados teóricos de Maingueneau, Souza-e-Silva e Rocha (2009, p. 6) descrevem que, no princípio do primado do interdiscurso, a interdiscursividade é anterior à discursividade, portanto a relação com o Outro ultrapassa a distinção entre heterogeneidade mostrada/ constitutiva. Logo, no espaço discursivo, o Outro não se reduz à presença do interlocutor. Assim, Souza-e-Silva e Rocha (2009, p. 06) destacam que “o conflito regrado entre um Eu e seu Outro indissociáveis (verso e reverso) é a condição de existência de uma formação discursiva”.

respeito à intertextualidade, compreendida como “os tipos de relações intertextuais que a competência discursiva define como legítimas”. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 77), isto é, definidas pela competência discursiva de um determinado campo. Esse plano é responsável por designar a maneira como outros textos serão evocados em uma formação discursiva dada, que constrói para si um passado específico, agregando algumas filiações e rejeitando outras.

O vocabulário é outro plano que constitui a semântica global. Conforme Maingueneau (2008a), a palavra em si mesma não constitui uma unidade de análise pertinente, como se o discurso possuísse um vocabulário próprio, uma vez que há explorações semânticas distintas das mesmas unidades lexicais em diferentes formações discursivas. “Além de seu estrito valor semântico, as unidades lexicais tendem a adquirir o estatuto de signos de pertencimento” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 80); portanto, a palavra não deve ser interpretada de maneira isolada, pois seu sentido depende do posicionamento discursivo do qual ela faz parte. Com isso, nos gêneros analisados nesta dissertação, manual do candidato e anúncio publicitário, percebemos que as escolhas lexicais definidas pelos enunciadores demarcam sua posição discursiva. Essas marcas assumidas pelo enunciador são responsáveis por aproximá-lo do coenunciador, fazendo com que ambos partilhem de uma mesma posição no campo discursivo.

Desse modo, é incoerente afirmar que um léxico pertence a determinado discurso, de fato, o que se pode constatar é a existência de explorações semânticas contraditórias de um mesmo léxico por diferentes discursos. As unidades lexicais, além de seu estrito valor semântico, tendem a adquirir o estatuto de signos de pertencimento, isso porque os enunciadores são conduzidos a empregar aqueles que marcam sua posição no campo discursivo.

Os temas é outra instância constituinte da semântica global. De maneira ampla, tema é definido como “aquilo de que um discurso trata, em qualquer nível que seja”. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 81). Segundo esse princípio, a hierarquia dos temas e a sua abordagem isolada são deixadas de lado, já que o conjunto da temática pode ser percebido em qualquer ponto do texto. A especificidade de um discurso é definida pela formação discursiva e não pelos temas. Por isso, discursos distintos podem partilhar de um mesmo campo, uma vez que os temas que não integram um mesmo sistema de coerções semânticas são vinculados por intermédio de pressupostos comuns.

Compreende, também, os planos da semântica global o estatuto do enunciador e do coenunciador (destinatário), que depende da competência discursiva: “cada discurso define o estatuto que o enunciador deve se atribuir e o que deve atribuir a seu destinatário para

legitimar seu dizer”. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 87). Esse processo, em alguns discursos, por exemplo, envolve uma dimensão institucional que supõe que o enunciador esteja vinculado a uma “Ordem”, o que o possibilita construir uma relação com o destinatário, associada a diversas fontes do saber, atingindo, então, uma dimensão intertextual. É por intermédio do discurso que o enunciador estabelece uma imagem de si (seu ethos) e é a partir dele que vai legitimar-se. A legitimação do dizer do enunciador é reforçada pela ideia da dimensão “institucional” que caracteriza a fundamentação de um discurso.

Quanto à dêixis enunciativa, temos a instauração espaciotemporal que “cada discurso constrói em função do seu próprio universo” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 88). A dêixis, em sua dupla modalidade temporal e espacial, define de fato uma instância de enunciação legítima e delimita a topografia e a cronologia⁹ que o discurso constrói para autorizar a sua enunciação de acordo com as coerções da formação discursiva. Dessa forma, o discurso associado a uma dêixis e a um estatuto de enunciador, e de enunciatário também evoca uma “maneira de dizer”, que é chamada modo de enunciação por Maingueneau (2008a). “Através de seus enunciados, o discurso produz um espaço onde se desdobra uma voz que lhe é própria [...]. O discurso, por mais escrito que seja, tem uma voz própria, mesmo quando a nega”. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 91).

Segundo esse linguista, o termo “modo de enunciação” remete à reflexão sobre a “voz”, o “tom” ou o “ritmo” de cada discurso. “Uma voz que, entretanto, só pode ter uma existência paradoxal, já que ela é deslocada em relação ao texto a que dá suporte, sem remeter à plenitude de um corpo atestado”. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 91). Esse “tom” está apoiado em uma dupla figura do enunciador: a de um *caráter* e de uma *corporalidade*. Esta compreende a um conjunto de características psicológicas, disposições mentais. Aquele diz respeito à maneira de se movimentar no espaço social. Ambas são inseparáveis.

Souza-e-Silva e Rocha (2009, p. 14, grifo do autor), ao analisarem a obra “Gênese dos discursos” de Dominique Maingueneau, destacam:

Tanto o enunciador como o coenunciador [...], quanto a *dêixis* em sua dupla modalidade, *espacial e temporal*, são vistos hoje, por Maingueneau no quadro de uma *cenografia enunciativa*, que abriga os coenunciadores do discurso, uma *topografia* e uma *cronografia*, respectivamente. A *cenografia* refere-se ao texto concreto no qual um gênero se realiza (por exemplo, uma propaganda eleitoral pode assumir a forma de uma carta).

⁹ Consoante Maingueneau (2008a), topografia e cronologia correspondem respectivamente ao lugar e ao momento que o discurso produz como autoridade para legitimar determinada enunciação.

Cada ato de enunciação constrói, associado ao estatuto do enunciador e do destinatário, uma dêixis enunciativa espaciotemporal. Não se trata de uma marcação empírica da data e local no qual os discursos são produzidos, mas do estatuto discursivo dos enunciadores. “Essa dêixis, em sua dupla modalidade espacial e temporal, define de fato uma instância de enunciação legítima, delimita a cena e a cronologia que o discurso constrói para autorizar sua própria enunciação”. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 89). Cena e cronologia são estabelecidas conforme as coerções de uma determinada formação discursiva.

Ressaltamos que as pessoas do discurso não correspondem a indivíduos no sentido empírico do termo; são, portanto, as coordenadas que comportam os sujeitos do discurso e que a partir destes legitimam o dizer. Com isso, é possível associarmos o estatuto de enunciador e do coenunciador, definidos por Maingueneau (2008a), à categoria de pronomes pessoais (*eu, tu*) elucidados por Benveniste (2005). Essa associação é possível, visto que, conforme Fiorin (2010, p. 41) comenta, “a categoria de pessoa é essencial para que a linguagem se torne discurso. Assim, o *eu* não se refere nem a um indivíduo nem a um conceito, ele refere-se a algo exclusivamente linguístico [...]”. Essa definição assegura e valida a ideia de que o *eu* só se constitui em sua unicidade, isto é, na subjetividade do sujeito, manifestadas nas práticas languageiras na atividade/no trabalho. Fora de uma instância discursiva, os pronomes correspondem a uma classe vazia, não afirmam nada. O exercício da linguagem possibilita ao sujeito assumir essas formas vazias e torná-las plenas; trata-se do processo que Benveniste (2005, p. 280) denomina “conversão da linguagem em discurso”, ou seja, no momento em que o locutor pronuncia *eu*, como pessoa única, e propõe-se como sujeito.

De acordo com os princípios da análise de discurso advindos de Maingueneau (2008a), a subjetividade enunciativa está intimamente relacionada à competência discursiva, conceito este que, para esse autor, constitui um sentido estrito. Todo discurso constitui-se por um sistema de restrições, ou seja, a semântica global, que determina as regras de formação de enunciados. Vale ressaltar, então, que falar em regras de formação não significa abreviar o discurso a um sistema de coerções linguísticas, especificamente a regras gramaticais, “mas definir operadores de individuação, um filtro que fixa os critérios em virtude dos quais certos textos se distinguem do conjunto de textos possíveis como pertencendo a uma formação discursiva determinada” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 48), que denota a noção de competência discursiva do sujeito que se apropria da linguagem, operacionalizando, por meio de ações que se realizam na atividade laboral.

A noção de competência discursiva é, portanto, a habilidade de o sujeito produzir e interpretar enunciados de certo posicionamento. Em termos de espaço discursivo, a competência corresponde à competência interdiscursiva, o que implica a disposição de o indivíduo identificar “a incompatibilidade semântica de enunciados da ou das formação(ões) do espaço discursivo que constitui(em) seu Outro; a aptidão de interpretar, de traduzir esses enunciados nas categorias de seu próprio sistema de restrições”. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 55). Em suma, a competência discursiva diz respeito à capacidade de o indivíduo se adequar às regras de seu posicionamento discursivo, o que exige o reconhecimento das exigências e das coerções de cada sistema de restrições semânticas presentes em determinados gêneros de interação verbal, no caso deste estudo o manual do candidato e o anúncio publicitário.

Em se tratando de cenografia, os actantes da enunciação têm papel fundamental, pois, além de *converterem a língua em discurso*, como assevera Benveniste (2006b), criam diferentes efeitos de sentido, de identidade. Se tomarmos como exemplo o texto literário, uma obra narrada em terceira pessoa, como é o caso dos romances realistas, apresenta uma cenografia na qual prevalece a suposta objetividade, neutralidade, em decorrência do contexto extraverbal, que é o império da ciência, da influência das correntes positivistas de pensamento. Diferentemente ocorre com obras escritas em primeira pessoa, nas quais se cria um efeito de proximidade entre enunciador e coenunciador; a cenografia que se depreende de enunciados dessa natureza é de representação da própria realidade na qual se encontram as pessoas do discurso.

Já o modo de coesão, segundo esse autor, está ligado à interdiscursividade, próprio de cada formação discursiva. A partir daí surge a noção de “recorte discursivo”, o qual “se exerce num nível fundamental, atravessando as divisões em gêneros constituídos” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 94). E, também, o modo de “encadeamento” presente em um nível mais superficial do discurso, que implica a noção de que “cada formação discursiva tem uma maneira que lhe é própria de construir seus parágrafos, seus capítulos, de argumentar, de passar de um tema para outro”. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 96). A junção desses planos nos leva a abandonar a concepção do discurso como “sistemas de ideias”, passando a adotar uma visão que privilegia a formação discursiva em um nível mais amplo.

Há gêneros que se limitam ao cumprimento de sua cena genérica e há outros que exigem a escolha de uma cenografia; entre os dois, há ainda os gêneros suscetíveis de cenografias diversas que se limitam ao cumprimento de sua cena genérica de rotina. ”Quanto à cenografia, ela não é imposta pelo gênero, mas construída pelo próprio texto: um sermão

pode ser enunciado por meio de uma cenografia professoral, profética, amigável etc” (MAINGUENEAU, 2008d, p. 70). Submetida às regras da cena genérica, a cenografia é construída no texto e pelo texto. O *tom* ou a *vocalidade* de um discurso se apoia sobre uma dupla figura do enunciador: de um caráter, formado por características psicológicas, e de uma corporalidade, ou “uma maneira de se movimentar no espaço social”. Freitas E. (2010) evidencia que o tom permite a construção de uma representação subjetiva do corpo do enunciador. Assim, esta imagem corporal do enunciador faz emergir a figura do fiador.

Portanto, o próprio discurso atribui um corpo ao seu enunciador, que exerce a função “de fiador – de uma fonte legitimante – permite ao destinatário construir uma representação dinâmica dele” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 272). A noção de “fiador” mantém estreita relação com termos como argumentação, autoridade, incorporação, segundo o *Dicionário de análise do discurso*, de Charaudeau e Maingueneau (2008). Essa relação é estabelecida pelo fato de que o fiador é uma figura representativa construída pelo leitor/coenunciador a partir dos indícios deixados pelo enunciador. Desse modo, o fiador é “investido de um caráter e de uma corporalidade, cujo grau de precisão varia conforme os textos” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 72).

Nesta seção, nos dedicamos a traçar sumárias considerações acerca dos planos que constituem um discurso, a semântica global, categoria essa que faz parte da análise dos *corpora*. O espaço posterior trará algumas considerações sobre cenas de enunciação e ethos discursivo, visto que todo discurso possui uma imagem construída por uma voz, associada a um tom e a um corpo próprio.

3.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A NOÇÃO DE CENAS DE ENUNCIÇÃO E ETHOS

A noção de ethos ganhou espaço nas reflexões da análise de discurso no início dos anos 1980. Embora tenha origem na Retórica de Aristóteles, a noção de ethos se constituiu, sobretudo, por meio de problemáticas relativas aos discursos. Aqui, descreveremos acerca da definição de ethos, baseando-se, principalmente, nos pressupostos teóricos defendidos por Maingueneau (2008b, 2008c, 2008d), em virtude da preocupação que esse autor manteve em reformular o conceito de ethos discursivo em relação ao ethos da Retórica aristotélica. O ethos definido por Maingueneau manifesta-se sempre no discurso e refere-se à imagem que o enunciador revela de si próprio, nesse sentido, o ethos não tem um sentido estável delimitado pela “conduta” como previsto na Retórica de Aristóteles.

Amossy (2008), para discorrer sobre a noção de ethos, retorna à teoria de Aristóteles, pois foi esse filósofo grego que sistematizou a retórica como a arte da persuasão, baseada na imagem que o orador oferece de si, por meio da forma como constrói o discurso, no sentido de convencer o auditório, independentemente de qualquer opinião já estabelecida sobre ele. Para o exercício de persuasão, o orador se apoia em três espécies de provas: *ethos*, *pathos* e *logos*. A primeira corresponde às condutas, ao caráter do orador. A segunda diz respeito às paixões despertadas no auditório. E a última compreende aos argumentos, ao próprio discurso. Nos preceitos que norteiam a análise do discurso, com base em Maingueneau (2008c), o termo ethos caracteriza-se pela *imagem de si* construída por meio do discurso. Desse modo, os participantes do discurso constroem sua autoimagem através dele, o que nos permite afirmar, conforme descreve Freitas E. (2010, p. 180), “que o discurso carrega as marcas do enunciador e do coenunciador, entendidos aqui como aqueles que interagem no processo discursivo”.

Assim, a construção da *imagem de si* do enunciador e do coenunciador ocorre dentro do campo discursivo, estando fortemente ligada ao processo enunciativo. Quando o orador enuncia determinada informação, simultaneamente ele diz: eu sou isso, eu não sou aquilo. “A eficácia do ethos tem a ver com o fato de que ele envolve de alguma forma a enunciação, sem estar explicitado no enunciado. (MAINGUENEAU, 2008d, p. 59)”. Ao produzir um enunciado, o orador mobiliza a língua, fazendo-a funcionar. São as escolhas linguísticas estabelecidas pelo orador que revelam pistas a respeito da imagem dele, que é construída constantemente no e pelo discurso.

Desse modo, o conceito de ethos na análise do discurso está relacionado a um tom que engendra o discurso. Conforme afirma Maingueneau (2008c, p. 72), “qualquer discurso escrito, mesmo que a negue, possui uma vocalidade específica, que permite relacioná-lo a uma fonte enunciativa, por meio de um tom que indica quem o disse”. A terminologia “tom” pode ser empregada tanto para o escrito quanto para o oral. A construção do ethos está relacionada a uma corporalidade do enunciador, manifestada no discurso mediante o tom utilizado, uma maneira de dizer, empregado por ele. A noção de ethos não se limita apenas à dimensão vocal, mas expande-se a um conjunto de representações físicas e psíquicas atribuídas ao orador. “Assim, a leitura faz emergir uma origem enunciativa, uma instância subjetiva encarnada que exerce o papel de fiador”. (MAINGUENEAU, 2008c, p. 72). É a imagem corporal que é responsável por emergir essa figura do fiador.

A figura do fiador apoia-se no “caráter” – feixe de traços psicológicos – e na corporalidade – maneira de vestir-se e de mover-se no espaço social (MAINGUENEAU, 2008c). Ambos estão ancorados sobre um conjunto de estereótipos culturais, valorizados ou

desvalorizados, no qual se apoia a enunciação e contribui para reforçar ou transformar o que é dito ou mostrado no discurso. A incorporação do coenunciador vai além da simples identificação da personagem fiadora, mas, sim, designa a maneira como ele se relaciona com o ethos de um discurso. A incorporação “implica um ‘*mundo ético*’ do qual o fiador é parte integrante e ao qual ele dá acesso”. (MAINGUENEAU, 2008d, p. 65, grifo do autor). Sendo assim, “incorporação” é o modo pelo qual o interprete (destinatário, leitor, ouvinte) se apropria desse ethos. Essa incorporação acontece dentro de três processos: a enunciação, garantindo corporalidade ao fiador; a incorporação pelo destinatário, que assimila um conjunto de esquemas responsáveis por nortear o modo como ele vai relacionar-se com o mundo; e, por fim, a junção dessas incorporações que resulta em um *corpo* que adere a um mesmo discurso.

De acordo com Maingueneau (2008a, p. 93), a noção de incorporação faz surgir três dimensões complementares:

1. O discurso, através do corpo textual, faz o enunciador encarnar-se, dá-lhe corpo;
 2. Esse fenômeno funda a ‘incorporação’ pelos sujeitos de esquemas que definem uma forma concreta, socialmente caracterizável, de habitar o mundo, de entrar em relação com os outros;
 3. Essa dupla ‘incorporação’ assegura, ela própria, a ‘incorporação imaginária’ dos destinatários no corpo dos adeptos do discurso.
- Nessa perspectiva, o destinatário não é somente um consumidor de ‘ideias’. Ele acende uma ‘maneira de ser’ através de uma ‘maneira de dizer’.

O ato de enunciação pressupõe um leque enorme de possibilidades linguísticas que estão à disposição do enunciador. A opção por um léxico ou outro, associado a um tom e a uma vocalidade, é determinante para a construção de uma identidade discursiva, seja ela baseada em estereótipos ou em evidências associadas aos nossos atos anteriores. Desse modo, todo discurso implica a construção de um ethos, ou seja, de uma imagem de si mesmo. Amossy (2008, p. 9) assegura que “todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si”. Segundo essa autora, o estilo e as escolhas linguísticas revelam detalhes suficientes para construir a representação de uma pessoa, portanto, a maneira de dizer remete a uma maneira de ser, ou seja:

a maneira de dizer autoriza a construção de uma verdadeira imagem de si e, na medida que o locutário se vê obrigado a apreendê-la a partir de diversos índices

discursivos, ela contribui para o estabelecimento de uma inter-relação entre locutor e seu parceiro. Participando da eficácia da palavra, a imagem quer causar impacto e suscitar a adesão. Ao mesmo tempo, o ethos está ligado ao estatuto do locutor e à questão de sua legitimidade, ou melhor, ao processo de sua legitimação pela fala. (AMOSSY, 2008, p. 16).

Maingueneau (2010b) define dois planos: o da enunciação, que trabalha com as situações de enunciação e de locução; e o do texto, que implica a situação de comunicação e a cena de enunciação. No plano da enunciação, a situação de enunciação é conceituada por Maingueneau (2010b) como o sistema no qual são definidas as três posições fundamentais de enunciador (eu), coenunciador (tu) e da não-pessoa (ele/você). Quanto à situação discursiva, do ponto de vista interno, é chamada de “cena de enunciação”. Segundo Maingueneau (2010b, p. 205), “um texto é, na verdade, rastro de um discurso no qual a fala é encenada”. No arcabouço da análise do discurso, o ethos é considerado parte integrante da cena de enunciação, visto que o discurso supõe determinada cena que é validada por sua própria enunciação.

A cena de enunciação integra três cenas que atuam em planos complementares: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia. Conforme afirma Maingueneau (2008c, p. 75),

a cena englobante corresponde ao tipo de discurso; ela confere ao discurso seu estatuto pragmático: literário, religioso, filosófico[...]. A cena genérica é a do contrato associado a um gênero, a uma ‘instituição discursiva’: o editorial, o sermão, o guia turístico, a visita médica [...]. Quanto à cenografia, ela não é imposta pelo gênero, ela é construída pelo próprio texto: um sermão pode ser enunciado por meio de uma cenografia professoral, profética etc.

Entre as cenas de enunciação descritas, nos ateremos à cenografia, que é a cena que permite interpretar e analisar a constituição do ethos discursivo manifestado no texto. Maingueneau (2008c), não emprega o termo cenografia no mesmo sentido de seu uso no teatro ou na encenação. “Uma enunciação se caracteriza, de fato, por sua maneira específica de inscrever-se, de legitimar-se, prescrevendo-se um modo de existência no interdiscurso” (MAINGUENEAU, 2008c, p. 76). Desse modo, o desenvolvimento da enunciação instaura seu próprio dispositivo de fala.

De acordo com Maingueneau (2008b) a construção do ethos é responsável por causar boa impressão mediante a forma como é construído o discurso, isto é, em atribuir uma imagem de si dotada de características psicológicas e sociológicas capaz de convencer o

auditório. Esse linguista, no entanto, parece concordar com algumas ideias propostas na Retórica de Aristóteles, como: o *ethos* é uma noção discursiva; o *ethos* é fundamentalmente um processo interativo de influência sobre o outro; por fim, é uma noção fundamentalmente híbrida. Desse modo, Maingueneau (2008c) afirma que o *ethos* discursivo resulta da interação de diversos *ethé*: *ethos* pré-discursivo, *ethos* discursivo (*ethos* mostrado), *ethos* dito e o *ethos* efetivo que o destinatário constrói por intermédio da interação dessas diversas instâncias e que sofre alterações de acordo com os gêneros do discurso.

Cada gênero do discurso estipula seus próprios papéis: em um manual do candidato ao vestibular, por exemplo, trata-se de uma instituição de ensino superior dirigindo-se a possíveis futuros acadêmicos, essa cena define conjuntamente o que poderia ser considerado como quadro cênico do texto. Todavia, não é com o quadro cênico que se confronta o leitor, e sim com uma cenografia. Conforme Maingueneau (2001) destaca, a cenografia não é simplesmente um quadro, um cenário, no qual o discurso emerge inesperadamente no interior de um espaço já construído e independente dele; é a enunciação que, ao se desenvolver, esforça-se para constituir progressivamente seu próprio dispositivo de fala.

Nesse sentido, é a cenografia que controla seu próprio desenvolvimento, desde que mantida uma certa distância em relação a um coenunciador que, no caso da escrita, não pode agir imediatamente sobre o discurso. O leitor ou coenunciador apreende a cenografia de um certo discurso com auxílio de indícios deixados pelo enunciador no texto. Ao explorar um discurso, ler um texto e “concordar” com seus enunciados, o leitor “incorpora” à cenografia instituída por ele e adere ao universo dessa cenografia.

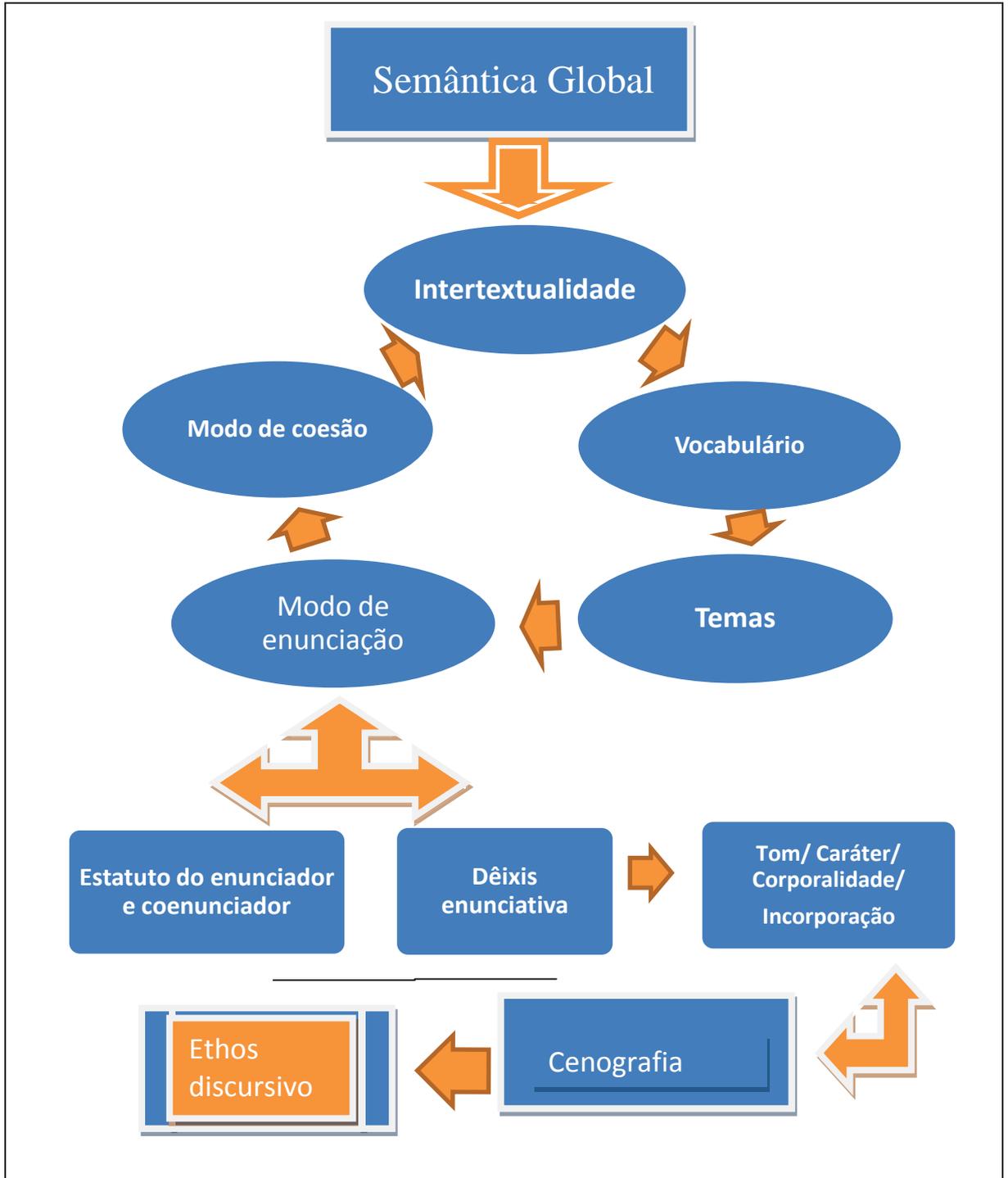
A elaboração da noção de *ethos* vincula-se a fatos diversos, como: escolha do registro da língua e do planejamento textual, ritmo e modulação. Maingueneau (2008d, p. 60) afirma que o “*ethos* se elabora por meio de uma percepção complexa que mobiliza a afetividade do intérprete, que tira suas informações do material linguístico e do ambiente”. A noção de *ethos* não recobre apenas ao material propriamente verbal, mas também a um comportamento que articula verbal e não-verbal para formular uma imagem do locutor pelos destinatários.

No âmbito da análise do discurso, com base na Semântica Global, uma concepção de *ethos* recai sobre os gêneros “instituídos”. Desse modo, a noção de *ethos* proposta por Maingueneau (2008d) ultrapassa o quadro da argumentação, indo além da persuasão por meio de argumentos, permitindo uma reflexão acerca do processo mais geral de adesão dos sujeitos a determinado discurso. Os enunciados se constroem por intermédio do tom empregado pelo fiador associado a uma maneira de mover-se no espaço. O coenunciador captado pelo *ethos* envolve-se na cenografia instituída pelo discurso e passa a participar “fisicamente” do mesmo

mundo representado pelo fiador. A maneira de enunciar de um discurso remete à criação de uma imagem de si do sujeito enunciator, ao mesmo tempo em que pressupõe o leitor que pretende ter.

Visando a uma melhor compreensão da semântica global e de seus constituintes, elaboramos o esquema explicitado na Figura 3:

Figura 3: Semântica Global



Fonte: elaborada pelo acadêmico.

A Figura 3 contribui para compreendermos que a Semântica Global não se preocupa em problematizar signos e sentenças, mas em apreender a significância que domina a discursividade conforme o enlaçamento enunciado/enunciação. Para isso, Maingueneau (2008a) propõe a união de todos os planos discursivos. Portanto, a análise de um discurso tem de ser desenvolvida pela inferência da intertextualidade, associada ao estudo do vocabulário, ao tema, ao modo de enunciação e ao modo de coesão.

Na seção seguinte, abordaremos alguns conceitos sobre a prática intersemiótica descrita por Maingueneau (2008a), em *Gênese do Discurso*.

3.4 A PRÁTICA INTERSEMIÓTICA

Maingueneau (2008a) afirma que para apreender o universo discursivo, para além das imagens dos objetos linguísticos, é necessário considerar a formação discursiva como inseparável das comunidades discursivas que as produzem, a fim de integrar domínios semióticos variados (enunciados, quadros, obras musicais, etc). O discurso é considerado uma forma de ação social, visto que designa todo conjunto de regras que funda a unidade de um conjunto de enunciados sócio-historicamente circunscrito. Desse modo, esse sistema de regras se manifesta por intermédio das coerções a que as práticas discursivas são submetidas. As coerções discursivas, verbais e não verbais, são necessárias para definir um discurso, isso porque cada enunciação discursiva requer regras próprias conforme o contexto em que é enunciada.

Mediante tal reflexão, Maingueneau (2008a, p. 138) formula a seguinte proposição: “o pertencimento a uma mesma prática discursiva de objetos de domínios intersemióticos diferentes exprime-se em termos de conformidade a um mesmo sistema de coerções semânticas”. Assim, o autor propõe a redefinição da noção de texto que passa a remeter aos “diversos tipos de produções semióticas que pertencem a uma prática discursiva”. (MAIGUENEAU, 2008a, p. 139) Dessa forma, a expressão *enunciado* passa a ser reservada para fazer referencia a textos linguísticos, enquanto o emprego de “texto” abrange texto de diferentes domínios semióticos, como, texto musical, pictórico, arquitetônico etc.

Desse modo, o discurso passa a ser considerado uma prática intersemiótica, o que significa que os textos de domínio não verbais possuem a mesma relevância que os textos de domínio verbal nas relações de sentido do discurso. Portanto, os textos não verbais, para pertencer a um discurso, devem seguir as mesmas restrições semânticas impostas aos textos

verbais. A coexistência de dois domínios textuais, verbal e não verbal, em uma mesma formação discursiva, justifica-se pelo fato de obedecerem a um mesmo sistema de coerções semânticas. Sob essa perspectiva, o discurso é considerado uma prática intersemiótica, o que implica que textos de domínios semióticos não verbais sejam interpretados a partir da mesma grade semântica que rege os domínios verbais. As figuras do discurso são empregadas para levar o enunciatário a reconhecer “imagens do mundo”, responsáveis por fazê-lo acreditar ou não na “verdade” do discurso. Assim, a prática intersemiótica possibilita tomar o texto não verbal como objeto de estudo na construção do sentido dos textos selecionados para este estudo junto às outras categorias de análise já definidas nas seções anteriores.

No capítulo subsequente, faz-se uma descrição e uma discussão acerca do encaminhamento metodológico da investigação.

4. OS CAMINHOS DA PESQUISA

Qualquer objeto do saber (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido como coisa. Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode tornar-se mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser *dialógico*. (BAKHTIN, 2003, p. 400, grifo do autor)

Este capítulo é dedicado à descrição e discussão acerca do encaminhamento metodológico da investigação, à apresentação dos *corpora* e à própria análise. A construção desse capítulo justifica-se pela necessidade de delimitar os procedimentos metodológicos que serão utilizados para fins de análise, além disso, visto que esta pesquisa é de natureza qualitativa, é imprescindível detalharmos os dados e as categorias que permitiram a elaboração das hipóteses de pesquisa para posterior análise dos *corpora*.

4.1 O CARÁTER DIALÓGICO DA PESQUISA

Nesta seção, propomos algumas reflexões a respeito da pesquisa acadêmica sob a perspectiva da concepção dialógica de linguagem (BAKHTIN, 2003) e da abordagem epistemológica da atividade (SCHWARTZ, 1992, 2011a).

Ao delimitar o percurso teórico-metodológico desta pesquisa, parte-se do pressuposto de que a objetividade na pesquisa é ilusória, visto que não é possível apagar as vozes trazidas pelo pesquisador. Conforme Freitas L. (2010), a visão da Ciência presente na segunda metade do século XIX, e que ainda ecoa na contemporaneidade, pressupunha um distanciamento radical entre o pesquisador e o objeto de pesquisa. Dentro desse contexto positivista, as pesquisas em Ciências Humanas, principalmente nas disciplinas de Antropologia e Sociologia, abordavam determinada cultura ou fato social a partir de um distanciamento entre o observador, responsável pela construção daquele conhecimento, e o objeto analisado. Desse modo, os saberes do sujeito pesquisado são anulados, cabe ao pesquisador analisar a situação em questão na posição de detentor do conhecimento. Assim, o pesquisador assume a investigação e tenta apagar os saberes do sujeito pesquisado e do diálogo entre eles, evidenciando a noção de pesquisador como aquele que revela algo desconhecido, sendo o único responsável pelos saberes da pesquisa.

Os estudos da obra de Bakhtin, realizados por alguns linguistas, na década de 1970, contribuíram para redefinir o papel do Outro nos estudos da linguagem, pois, de elemento externo à construção do saber, o Outro se converte em elemento constitutivo do enunciado. Nesse sentido, Bakhtin (2003, p. 301, grifo do autor) afirma que “desde o início o falante aguarda a resposta deles, espera uma ativa compreensão responsiva. É como se todo enunciado se construísse ao encontro dessa resposta”. Todo enunciado, portanto, está direcionado a um Outro e esse endereçamento está presente na materialidade linguística. O caráter dialógico da linguagem não se limita apenas as interações verbais entre o sujeito pesquisador e o sujeito investigado. A leitura também consiste em uma atividade dialógica e, em relação aos materiais escritos oriundos da situação pesquisada como os que são analisados nesta dissertação, o diálogo-leitura se institui considerando que esses textos se constituíram e se perpetuam na e para a atividade de trabalho em questão.

Bakhtin (2003) afirma que atividade de pesquisa é bilateral, visto que esta só se realiza na interação de duas consciências (a do eu e a do outro). Assim, a análise da linguagem sobre o trabalho permite atribuir visibilidade aos saberes oriundos da experiência, possibilitando não apenas descrever o trabalho, mas transformá-lo. Mediante tais pressupostos, é possível desenvolver uma pesquisa pautada nos princípios da Ergonomia situada e da Ergologia. França (2002, 2006) propõe um inter cruzamento entre os princípios da Ergologia e a concepção dialógica da linguagem de Bakhtin, para isso, desenvolve o conceito de Comunidade Dialógica da Pesquisa, a qual possui os seguintes objetivos: promover relações dialógicas profundas; potencializar a circulação dialógica entre o mundo da experiência e o mundo do conhecimento; privilegiar trocas verbais que são ao mesmo tempo o cruzamento de atividades e experiências; e, por fim, tornar a atividade objeto de discurso em grupo. Nesse sentido, evidenciamos que o lugar ocupado pelo linguista na pesquisa sobre o trabalho é a de um interlocutor ativo.

4.2 O PERCURSO METODOLÓGICO

Veremos, nesta seção, uma descrição e discussão acerca dos procedimentos utilizados para análise dos gêneros discursivos anúncios publicitários e manuais do candidato ao vestibular.

Desenvolver um estudo considerando a inter-relação entre a ergologia e a linguística aplicada possibilita analisar o funcionamento da linguagem e de suas competências, tomando

a dinâmica dos intercâmbios linguísticos a partir de uma nova perspectiva analítica. A relação do discurso publicitário e dos manuais do candidato ao vestibular com as práticas de linguagem em contextos de situação de trabalho permite um olhar intersubjetivo que compreende os interlocutores como sujeitos sociais significativos no processo de construção do sentido. Desse modo, sentido e situação de comunicação estão imbricados, fazendo surgir parâmetros contextuais e discursivos que organizam e norteiam o uso da linguagem na atividade de trabalho.

Ao promover essa interface entre ergologia e a linguística aplicada, é importante resgatarmos as mudanças de comportamento e organização pelas quais as práticas laborais foram passando ao longo dos anos. O mundo moderno fez emergir o desejo de influência, e o capitalismo alterou as formas de socialização que passaram, cada vez mais, a ser administradas individualmente. A crescente divulgação de bens e serviços pela indústria cultural instituiu no imaginário social a promessa da realização dos desejos humanos, tornando o homem um ser mais consumidor (MENDES, 2011). Contemporaneamente, nossas ações *no e sobre* o mundo são norteadas pelas atividades de consumo, de adquirir objetos. Os anúncios publicitários selecionados para este estudo, por exemplo, apresentam “mundos” de possibilidades, de sucesso pessoal e profissional, de desejos que podem ser alcançados pela formação superior, como se estes pudessem ser adquiridos por meio do consumo. Desse modo, o texto publicitário cria um ambiente cultural e social promissor, enquanto a realidade transforma o homem em um ser limitado. Portanto, o cenário publicitário contemporâneo transformou-se em um campo de semear fantasias.

O texto publicitário é um dos textos mais acessíveis a população, já que esta tem acesso muito facilmente aquele, através da mídia impressa ou eletrônica, por indivíduos de diferentes classes sociais. Desse modo, esse gênero é construído em função de um receptor/leitor, o que o torna responsável por modificar o comportamento e orientar as relações da sociedade contemporânea. Nesse sentido, o texto publicitário mostra-se como um importante exemplo de interação social. Conforme Bakhtin (2003, p. 282), “a intenção discursiva do falante, com toda sua individualidade e subjetividade, é em seguida aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em uma determinada forma de gênero.” Desse modo, evidenciamos que o gênero publicitário busca influenciar condutas humanas no âmbito social, sendo assim, é responsável por organizar a sociedade. Por fim, entendemos que o objetivo da publicidade é influenciar, modificar opiniões, sentimentos e atitudes, o que torna imprescindível um estudo sobre a linguagem publicitária e demais recursos comunicativos por ela empregados, a fim de que seja possível identificar o

produto/ideia enunciado e os significados, implícitos e explícitos, presentes no texto apresentado ao leitor.

O gênero discursivo manual do candidato possui informações mais detalhadas sobre os cursos, como, por exemplo, sobre perfil dos profissionais, procedimentos para realização da prova e informações acerca da efetivação da matrícula. Assim, os manuais informações mais precisas e objetivas sobre os cursos oferecidos pelas instituições de ensino superior, em linguagem clara, coloquial e atraente. Estão organizados como uma espécie de revista, diagramada com aproximadamente 50 páginas, sendo entregues aleatoriamente ao público.

A relação do discurso publicitário e dos manuais do candidato ao vestibular com as práticas de linguagem sobre o trabalho permite aprofundar o estudo da atividade linguageira na divulgação e construção da imagem das instituições de ensino superior, tomando a linguagem como elemento especificador da complexidade, norteadora do mundo do trabalho. Conforme propõe a ergologia (SCWARTZ, 2010b), é imprescindível discutir o trabalho e produzir conhecimento a respeito dele, levando em consideração o conhecimento e as experiências dos sujeitos, o geral e o específico da atividade, suas normas e variabilidades e a exigência da conversa entre as várias disciplinas, assim como do constante questionamento a respeito de seus saberes.

O trabalho, ao longo dos anos, vem passando por constantes mudanças. A inter-relação entre debate de valores, os saberes acadêmicos e os saberes da experiência considerados pela perspectiva ergológica, contribuem para a tese de que, mais do que se encaminhando para um fim, o trabalho se complexifica constantemente, o que torna imprescindível compreender seus significados e consequências na contemporaneidade. Assim, encontramos em Schwartz (2010a, 2010b, 2010c) e em Maingueneau (2008a, 2008b, 2008c, 2008d) a proposta teórico-metodológica da qual precisávamos para contemplar o problema de pesquisa, qual seja: a cenografia instituída e as práticas linguageiras sobre o trabalho, em especial na linguagem empregada na elaboração das campanhas publicitárias de instituições de ensino superior e dos manuais do candidato ao vestibular, possibilitam a construção do *ethos* discursivo mostrado pelas universidades?

Mediante a esse questionamento, tendo conhecimento de que esta pesquisa é de caráter qualitativo, um roteiro metodológico foi elaborado a fim de que contemplasse a relevância e não a quantidade de dados. Na sequência, apresentamos a constituição dos *corpora* e os procedimentos metodológicos.

4.3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DO CORPUS

Os textos que compõem os *corpora* de análise deste trabalho foram extraídos da internet. O texto verbal corresponde a uma transcrição dos vídeos das campanhas de vestibular realizadas no ano de 2012 pelas instituições de ensino superior selecionadas: PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul) e UPF (Universidade de Passo Fundo). Quanto aos manuais do candidato ao vestibular, foram coletados junto ao setor de divulgação do vestibular de cada universidade. A escolha por essas universidades justifica-se por serem instituições de grande porte, localizadas em áreas estratégicas do Rio Grande do Sul, visto que abrangem e recebem alunos de outras cidades e regiões do estado. Em relação aos manuais e anúncios publicitários de 2012, a escolha justifica-se por possibilitar uma análise contemporânea do evento.

As cenas enunciativas manifestadas nos anúncios publicitários e nos manuais do candidato revelam uma série de marcas discursivas as quais permitem delinear a cenografia e, conseqüentemente, o ethos discursivo.

Para orientar a análise dos *corpora*, algumas hipóteses foram levantadas:

- a) por meio da relação ergologia – linguagem em situação de trabalho – e Semântica Global é possível depreender a cenografia e a construção do ethos discursivo das universidades selecionadas.
- b) as marcas linguístico-discursivas presentes nos *corpora* de análise revelam, pelo estudo da cenografia instituída, um ethos discursivo inovador de instituições que mostram ser um diferencial no processo de formação profissional.

Esta pesquisa caracteriza-se, quanto aos objetivos, como exploratório-descritiva. Nesta dissertação, exploraremos a teoria discursiva de base enunciativa: semântica global, particularmente os conceitos que fundamentam teoricamente cenografia e ethos discursivo (MAINGUENEAU, 2008a, 2008b, 2008c, 2008d, 2011) e os pressupostos teóricos que fundamentam a ergologia: estudo da linguagem em situação de trabalho (SCHWARTZ, 2010a) que serão utilizados para descrever e analisar os anúncios publicitários das instituições de ensino superior selecionadas para esta pesquisa.

Em uma primeira etapa, nos concentraremos no estudo exploratório, uma vez que este tipo possibilita delinear e definir a pesquisa, “isto é, facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto” (PRODANOV; FREITAS, 2009, p. 62-63). Posteriormente, em uma segunda etapa, alinhando-se à pesquisa exploratória, desenvolveremos um estudo

descritivo, visto que, por meio dele, será possível obtermos “uma nova visão do problema [...] e ultrapassa a identificação das relações entre as variáveis” (PRODANOV; FREITAS, 2009, p. 64). Definir os conceitos que norteiam a Semântica global é indispensável para que consigamos descrever, analisar e mostrar a cenografia e o ethos discursivo que se depreendem dos anúncios publicitários e dos manuais do candidato selecionados. O caráter exploratório-descritivo situa a pesquisa em um marco fundamentado pela interface de teorias que tomam a linguagem como ponto fundamental para análise. A linguagem em situação de trabalho possui segmentos linguístico-discursivos que possibilitam a exploração de cenografias e éthé dos materiais selecionados para análise que impõem um funcionamento discursivo que se articula em torno da adequação aos “novos tempos”.

Quanto aos procedimentos de investigação, o estudo é bibliográfico, posto que é fundamental a definição de categorias teóricas que embasem o posterior estudo de multicasos. Consistem as teorias-base deste estudo: ergologia – práticas languageiras em um contexto de trabalho (SCHWARTZ, 2010a, 2010b, 2010c), semântica global, cenografia e ethos discursivo (MAINGUENEAU, 2008a, 2008b, 2008c, 2008d, 2011).

No que se refere à abordagem do problema, esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, pois

Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1994, p. 21-22).

Neste trabalho, a opção qualitativa não corresponde à quantificação de dados, por isso a escolha do número de *corpus* selecionados se limita a dois anúncios publicitários e um folder/manual do candidato de cada uma das instituições de ensino superior selecionadas. Assim, é possível concretizar uma investigação com base em um número abreviado de textos, pois a proposta enunciativo-discursiva aqui delineada não comporta a quantificação, mas sim a exploração de pistas linguístico-discursivas presentes na linguagem em situação de trabalho, portanto, conforme entendemos, não há necessidade de um número expressivo de anúncios publicitários e de manuais de mais outras instituições de ensino. Descreve-se e analisa-se o

ethos discursivo apreendido dos *corpora* mediante a dissecação do que está inscrito no discurso, ou seja, na cena enunciativa¹⁰.

A tendência é que este estudo privilegie os textos escritos, entretanto, visto que simultaneamente à produção dessas manifestações escritas, há outras visuais que se inscrevem no mesmo movimento discursivo, submetidas a um mesmo sistema de restrições semânticas, embora materializadas de outras formas. Desse modo, em razão da natureza do material selecionado, a análise remete a uma perspectiva discursiva verbo-visual, segundo a qual os aspectos visuais recebem o mesmo tratamento que os verbais para a produção de efeitos de sentido. Maingueneau (2008a) considera o discurso uma prática intersemiótica, na qual textos de domínios semióticos não verbais são interpretados a partir da mesma grade semântica que rege os domínios verbais, tomando como base a semântica global.

4.4 O CAMINHO PARA ANÁLISE

A fim de que os objetivos traçados neste estudo sejam concretizados, alguns procedimentos metodológicos foram delineados. As perspectivas teórico-metodológicas adotadas compreendem uma interface entre os pressupostos e categorias advindos da ergologia – linguagem e trabalho – e semântica global, mais especificamente no que se refere ao estudo da cenografia e ethos discursivo. Os anúncios publicitários e os manuais do candidato selecionados para este estudo são representações da linguagem manifestada na execução do trabalho. Esses gêneros discursivos possuem um conjunto de indícios (pistas linguístico-discursivas) representativos para identificação dos preceitos que norteiam a linguagem em práticas languageiras, possibilitando a identificação e a descrição dos planos que compreendem a semântica global.

Tendo conhecimento de que a linguagem é resultado da atividade humana, de um agir discursivo no mundo que nos situa sócio-historicamente, faremos uso, na análise dos *corpora* selecionados, das contribuições interdisciplinares referentes ao mundo do trabalho, oriundas da ergonomia situada e da abordagem ergológica (SCHWARTZ, 2010a, 2010b, 2010c), uma vez que, para elaboração dos anúncios e dos manuais, os trabalhadores empregam uma série de categorias delimitadas por essas áreas de conhecimento, como: trabalho prescrito e trabalho real; normas antecedentes e renormalizações; o debate de valores ligado ao debate de

¹⁰ Este estudo se concentra na descrição da cenografia apreendida do discurso verbal. Caso nos tivéssemos ao discurso verbal, outras cenografias poderiam ser descritas.

normas (as impostas e as instituídas na atividade); os saberes (constituídos e investidos) e o agir em competência; e, por fim, trabalho e uso de si.

Identificaremos, por meio da linguagem sobre o trabalho, as características que determinam o trabalho prescrito, visto que, tanto nos manuais do candidato ao vestibular quanto nos anúncios publicitários, há condições determinadas e resultados a serem atingidos. Em relação ao trabalho real, tendo conhecimento de que as normas prescritas não são suficientes para a realização do trabalho, analisaremos os recursos linguísticos presentes nos *corpora* que revelam marcas de subjetividade e utilização de conhecimentos armazenados na memória discursiva e adquiridos pelas experiências do trabalhador. É o resgate desses conhecimentos, crenças, valores, culturas que possibilitam o debate de normas antecedentes e renormalizações e que são aplicados dentro de uma organização coletiva de trabalho, constituindo, assim, a materialidade necessária para a elaboração dos anúncios publicitários e dos manuais do candidato ao vestibular.

No que se refere aos saberes acadêmicos ou instituídos (primeiro polo), revelaremos os saberes advindos de diferentes disciplinas, necessários e prévios à realização do trabalho, empregados na constituição dos gêneros discursivos sob análise. No polo político, evidenciaremos os saberes imanentes à atividade de trabalho, as escolhas que não são norteadas por valores mercantis. Por fim, quanto ao polo das exigências éticas e epistêmicas, analisaremos o sujeito enunciador, considerando-o dentro de suas singularidades por intermédio dos saberes históricos, individual ou coletivo, empregados na linguagem sobre o trabalho. Esses três polos interligados são responsáveis pelo sucesso na realização do trabalho, conferindo-lhe uma natureza coletiva que se revela nos usos de si e nos usos de si mesmo ou pelo outro. Tal prática organiza as escolhas feitas, renormalizações e reavaliações de normas e valores, objetivando tomadas de decisões para solucionar impasses produzidos no desenvolvimento do trabalho.

Por conseguinte, faremos um estudo do binômio linguagem e trabalho, visto que essa relação possibilita recuperar possíveis sentidos que se inscrevem na realidade discursiva, proporcionando melhor compreensão e organização do trabalho. A linguagem sobre o trabalho prova que a língua não é um mero sistema e, sim, que abrange uma dimensão social, isso porque ela está ligada a ação do outro e considera a reação dos próprios coenunciadores. Assim, ao fazer uso da língua, o sujeito assume uma posição em relação ao seu dizer, associado por outras vozes, acionando diversos saberes. Ao considerar a reação dos coenunciadores, estabelece-se uma relação com o dialogismo, posto que o sentido dos anúncios publicitários e dos manuais do candidato ao vestibular se constroem na relação com

os sentidos de outrem, dialogicamente. Desse modo, identificaremos os sujeitos do discurso (enunciador e coenunciador), já que a fala é resultado/ resposta a enunciados anteriores que implica, portanto, uma resposta de outros sujeitos ainda que de forma responsiva silenciosa. Também, analisaremos a conclusibilidade do enunciado, uma vez que o aspecto interno da alternância de sujeitos sugere que o enunciador disse tudo o que queria dizer e momentos determinados. Esses dois aspectos revelam a intenção discursiva, o querer dizer do sujeito e a percepção do outro em relação ao querer dizer.

Ao estudarmos o tema e a cenografia instituída nos anúncios publicitários, visto que estes se organizam, também, com imagens, aliaremos, complementarmente, a intersemiótica aos estudos da linguagem sobre o trabalho e da ergologia. Assim, apreenderemos os recursos visuais, os quais fazem parte do patamar das estruturas discursivas, responsáveis por desvelar os valores, as crenças, as posições do sujeito da enunciação. Por meio da análise das figuras empregadas na composição do discurso publicitário, é possível descrever um simulacro do mundo e fazer com que os coenunciadores acreditem ou não na “verdade” do discurso.

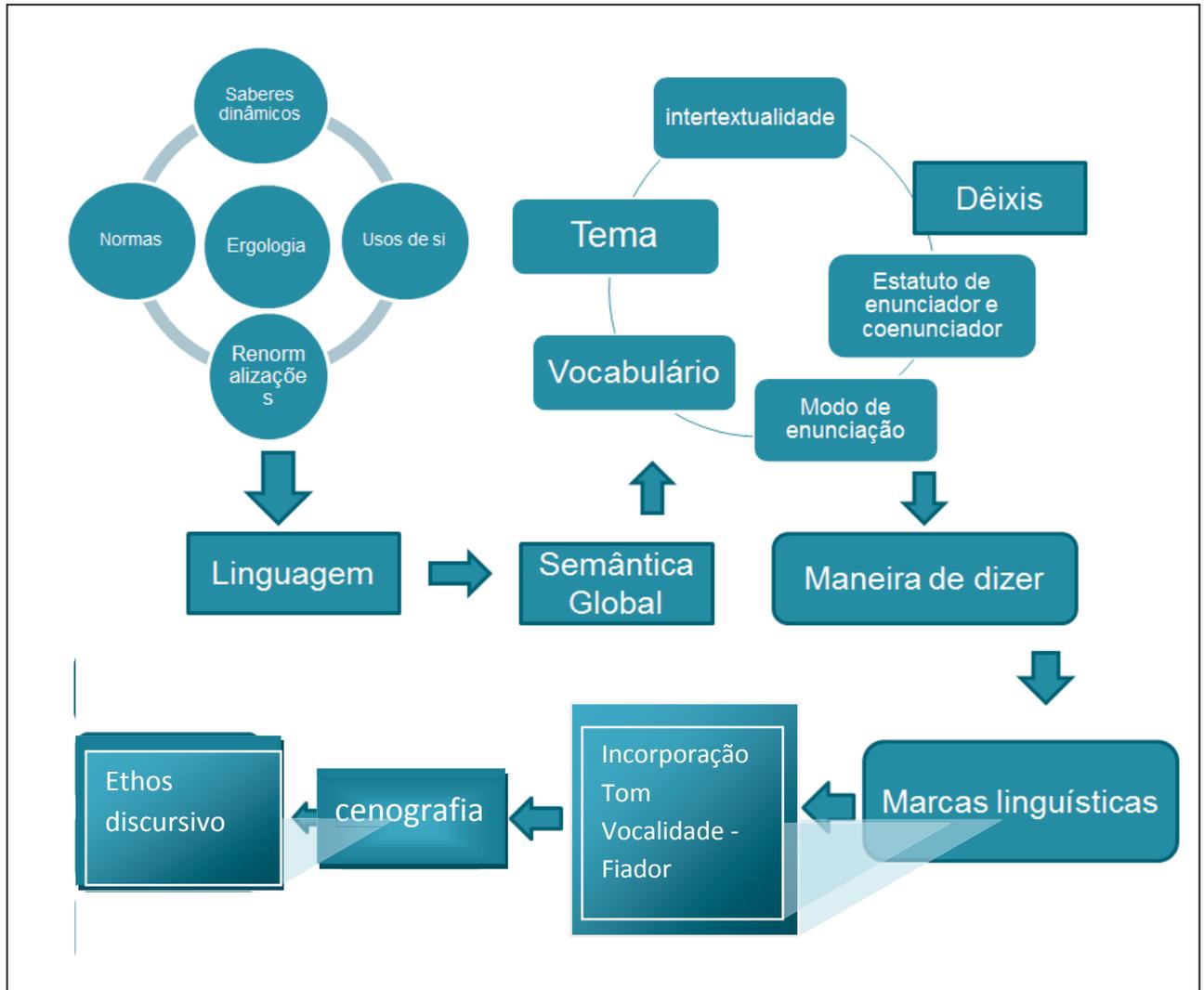
As categorias citadas anteriormente, como trabalho prescrito e trabalho real e dramáticas do uso de si, revelam que o ato de trabalhar supõe trocas de conhecimentos, experiências e valores, construídas por intermédio da linguagem e do trabalho, que são responsáveis pela renovação e cristalização do conjunto de valores e das relações que o trabalhador estabelece com o mundo, com o outro e consigo mesmo. Portanto, a linguagem é resultado da atividade e do agir humano no mundo. Diante desse contexto, nos ateremos à linguagem empregada nos anúncios publicitários e nos manuais do candidato ao vestibular, visando identificar as categorias de análise que compõem a Semântica Global (MAINGUENEAU, 2008a):

- a) intertextualidade – relaciona o discurso com outros temas. A avaliação desse plano discursivo é relevante, pois o discurso inscrito nos anúncios publicitários e nos manuais do candidato, por serem constituídos também pela utilização dos saberes acadêmicos, é por excelência dialógico.
- b) estudo do vocabulário empregado nos *corpora*, a fim de evidenciarmos a posição ocupada pelos enunciadores no campo discursivo, uma vez que as escolhas lexicais não são feitas pelo sentido literal do signos e, sim, para singularizar e definir os integrantes do discurso;
- c) exploração do tema, mediante a leitura compreensiva dos anúncios publicitários e dos manuais do candidato, estabelecendo a relação com outros discursos já existentes;

- d) identificação do estatuto do enunciador e do coenunciador a fim de explorar a competência discursiva, visto que os anúncios publicitários serão analisados na perspectiva do discurso, as fontes de referências de pessoas são necessárias, pois demarcam o responsável pelo discurso. Este, por sua vez, no universo publicitário, é marcado pela figura do trabalhador que se utiliza de uma série de conhecimentos, experiências e escolhas que são revelados na linguagem empregada na elaboração das campanhas de vestibular.
- e) reconhecimento da dêixis enunciativa em sua dupla modalidade temporal e espacial, construída relativamente no ato de enunciação, abrigoando os interlocutores do discurso. Esses elementos dêiticos delimitam, conformes às restrições discursivas, a cena (lugar) e a cronologia (momento) que o discurso constrói para legitimar sua própria enunciação. Ressaltamos que essa categoria não implica a menção de datas nem locais em que os anúncios publicitários foram produzidos, mas sim o estabelecimento de uma cena e uma cronologia de acordo com as restrições da formação discursiva (MAINGUENEAU, 2008a).
- f) atenção ao “modo de enunciação”, já que “um discurso não é somente determinado conteúdo associado a uma dêixis e a um estatuto de enunciador e de destinatário, é também uma maneira de dizer específica”. (MAINGUENEAU, 2008a, p.90). Em conformidade com tom, vocalidade e fiador, o coenunciador incorpora o conjunto de ideias expostas pelo enunciador. A “dupla incorporação” é responsável por aderir os sujeitos a um mesmo discurso.
- g) por fim, descritas as categorias que compõem a semântica global, analisaremos a cenografia instituída com a finalidade de evidenciar a construção do ethos discursivo presente na linguagem sobre o trabalho que consiste na elaboração dos anúncios publicitários e dos manuais do candidato das instituições de ensino superior selecionadas.

A figura 04 corresponde a uma representação do percurso metodológico descrito acima para realização da análise dos *corpora* selecionados:

Figura 04 - Dispositivo metodológico para análise do *corpus*



Fonte: Elaborada pelo acadêmico

A Figura 04 esquematiza o percurso metodológico para fins de análise apresentada na sequência. O estudo da Ergologia, por meio da análise do uso da linguagem nos anúncios publicitários e nos manuais do candidato, possibilita assinalarmos saberes acadêmicos e instituídos que resultam em normas prescritas para se obter uma formação acadêmica de excelência. Desse modo, a instituição convoca o coenunciador a fazer usos de si por meio de suas escolhas e de sua contribuição como sujeito inserido no processo de troca e consolidação de saberes. Diante desse contexto, os discursos, inscritos nos anúncios publicitários e nos manuais do candidato, e a linguagem sobre o trabalho possibilitam identificar e descrever o ethos discursivo presente na linguagem empregada pelos trabalhadores (neste caso os publicitários responsáveis pela elaboração das campanhas de vestibular), revelando que essas

categorias também circundam esses discursos, influenciando na construção da imagem das instituições de ensino superior. Após o estudo da semântica global, inscrevemos nossa análise num quadro enunciativo-discursivo: a cenografia. A partir disso, fazemos remissão às cenas englobante e genérica para construir o quadro cênico do discurso. Por fim, analisamos o ethos discursivo que se depreende dos anúncios publicitários e dos manuais do candidato. Essa trajetória é importante porque o *ethos*, sob viés adotado nesta dissertação, não corresponde a uma categoria isolada. Ainda que Maingueneau adote essa nomenclatura mais claramente na obra *Novas tendências em análise do discurso*, de 1997, em *Gênese dos discursos* (1984), suas discussões apontam que o discurso constrói uma imagem a partir dos marcas deixadas pelo enunciador. A escolha do vocabulário, o modo de enunciação, o tom e a voz são alguns dos elementos que indicam para a concepção de ethos na perspectiva discursiva.

A próxima seção é reservada à análise do *corpus* conforme os procedimentos metodológicos descritos.

4.5 EM BUSCA DA QUALIFICAÇÃO PARA OS NOVOS TEMPOS

Empreenderemos, nesta seção, à descrição e análise dos anúncios publicitários e dos manuais do candidato. Esses *corpora* correspondem à transcrição de quatro anúncios publicitários de vestibular que compõem as campanhas de vestibular de duas instituições de ensino superior nos anos de 2012 e 2013. Também serão analisados dois manuais do candidato ao vestibular: um manual correspondente a cada instituição, divulgados no ano de 2012. A análise dos *corpora* está organizada em três subseções: uma para cada instituição de ensino superior selecionada. Em cada análise, serão observados os anúncios publicitários e os manuais concomitantemente, visto que a inter-relação entre a materialidade linguística, que constitui esses gêneros do discurso, possibilitará o estudo acerca da linguagem sobre o trabalho e, conseqüentemente, a apreensão da cenografia e a construção do ethos discursivo de cada uma dessas instituições. Recorremos à prática intersemiótica do discurso (MAINGUENEAU, 2008a) já que os anúncios publicitários incluem textos verbais e não verbais. Para concretização da análise, associaremos os dois aspectos: linguísticos e a função social, isto é, textos e imagens interpretados dentro de uma mesma grade semântica, com a mesma relevância para os efeitos de sentido que emergem da prática do discurso da comunicação publicitária.

Iniciaremos a análise com os anúncios a seguir, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, elaborados para a campanha de vestibular verão/2012 e inverno/2012.

4.5.1 Recorte I: a preparação para o futuro se realiza na PUCRS

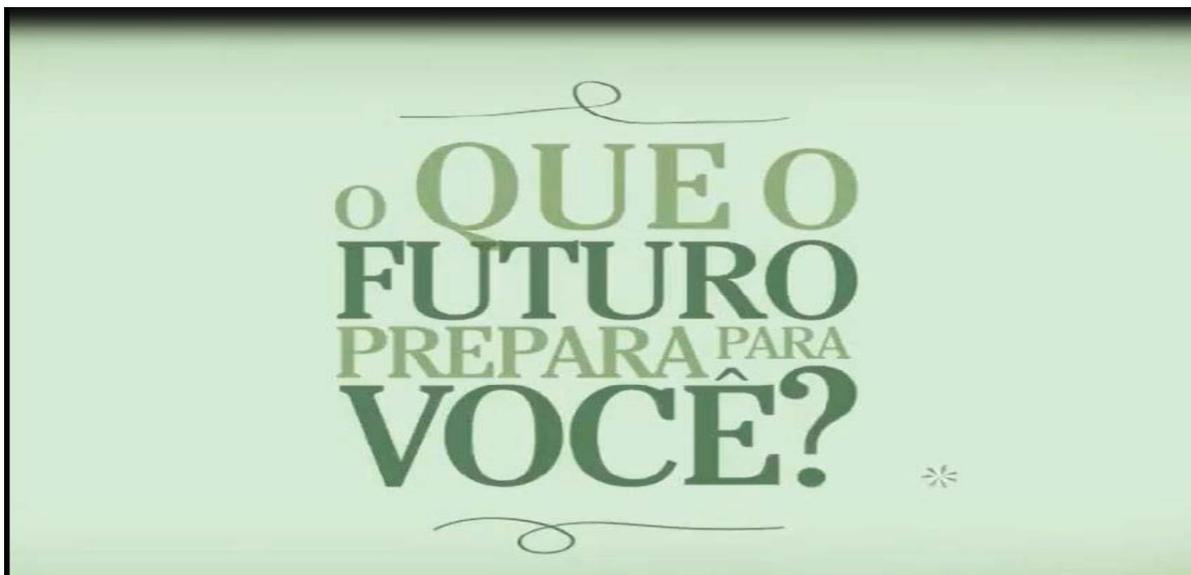
a) Anúncio publicitário I – PUCRS – Inverno 2012:

Quadro 01

1	O que o futuro prepara para você? A partir de 2015, com a exploração do Pré-sal, o Brasil
2	viverá o maior crescimento do setor de energia da sua história. Isso criará tantas vagas que
3	será possível empregar 1600 turmas de formandos por ano. Em 2017, o volume de
4	informação digital recebida por pessoa será superior a 200 jornais por dia. Carregamos no
5	bolso uma tecnologia mais potente que o computador que levou o homem a lua. Em 2030,
6	profissionais qualificados deverão dominar pelo menos três línguas, aqueles que falarem as
7	três mais influentes serão capazes de se comunicar com mais de dois bilhões de pessoas, a
8	nanotecnologia irá revolucionar a forma de como a medicina é praticada. Em 2050, robôs
9	nano estruturados serão capazes de fazer reparos e diagnósticos no interior do corpo humano,
10	ajudando a combater doenças. E você, está preparado para o futuro?
11	Vestibular de inverno PUC! Inscrições até primeiro de junho!

Fonte: VESTIBULAR DE INVERNO PUCRS 2012. Disponível em: <
<http://www.youtube.com/watch?v=nV4QTusNSIU>>. Acesso em: 02 set. 2012.

Figura 04: Anúncio publicitário PUCRS – 2012/2



Fonte: Vídeo de divulgação do vestibular PUCRS – 2012/2

a) Anúncio publicitário II – PUCRS - Verão 2012

Quadro 02

1	Carrego toda minha vida no bolso, conheço pessoas do mundo todo, mas as minhas raízes nunca
2	saem de mim. Eu estou em atualização constante, meu conteúdo é filtrado, remixado e
3	compartilhado, meu sonho se transforma, me transforma, eu quero fazer o que eu amo e ter
4	muita história para contar. Tudo que eu vivo é uma parte de mim, toda experiência é um
5	aprendizado.
6	Vestibular de verão PUC – RS! Viva este mundo!

Fonte: Vestibular de verão PUCRS 2012

Figura 05: Anúncio publicitário PUCRS – 2012/1



Fonte: Vídeo de divulgação do vestibular PUCRS – 2012/1

b) Manual do candidato Vestibular PUCRS- 2012-1

Quadro 03: Apresentação

1	Este manual tem o objetivo de informar e orientar os candidatos ao Concurso Vestibular de
2	Inverno 2012 da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul sobre todos os
3	aspectos fundamentais desse Concurso. O conhecimento das normas expressas neste
4	Manual é o primeiro passo para a seleção dos candidatos aos cursos da PUCRS.
5	Optando por estudar na PUCRS, você se tornará parte de uma Universidade que o(a) acolherá
6	com o orgulho e a responsabilidade de uma instituição que já formou aproximadamente 143
7	mil profissionais e cientistas em diferentes campos do saber.
8	Conte com a nossa colaboração para uma feliz e eficiente trajetória universitária.

Fonte: Vestibular PUCRS Inverno 2012- Manual do candidato

Quadro 04: Conheça melhor nossos cursos

1	Ciências Econômicas: Compreender as rápidas mudanças da economia mundial
2	contemporânea, assim como da economia brasileira. A área de atuação do profissional é
3	diversificada, nos setores empresarial, bancário, público, de consultoria, auditoria,
4	arbitragem, assessoria e perícias e de ensino/pesquisa. Essa atuação se dá através de estudos
5	de viabilidade econômico-financeira de empresas e projetos, elaboração de pareceres e de
6	orçamentos, estudos de mercado, avaliações financeiras e patrimoniais, projetos de
7	financiamento, análises micro e macroeconômicas.
8	Arquitetura e Urbanismo: o Arquiteto pode atuar como autônomo, na iniciativa privada, em
9	empresas ou instituições públicas, organizando o meio físico onde o ser humano exerce suas
10	atividades de habitar, circular, trabalhar, cultivar o corpo e o espírito, tendo em vista aspectos
11	utilitários, técnicos, formais e histórico-estéticos. Também atua na avaliação, conservação e
12	valorização do patrimônio construído e na proteção do equilíbrio natural.

Fonte: Vestibular PUCRS Inverno 2012- Manual do candidato

O final da década de 70 foi marcado pelas profundas transformações no mundo do trabalho, resultado da crise estrutural do capital. O padrão taylorista/fordista de produção foi cedendo espaço a novas alternativas, emergindo um modelo de capitalismo flexível, que

propôs o distanciamento do Estado da regulação da economia, por meio de medidas básicas, possibilitando que o mercado operasse a desregulação, por intermédio de privatizações e da proibição de intervenções do Estado em investimentos na produção e controle sobre o fluxo financeiro. Conforme destaca Antunes (2004) essas alterações manifestam-se no mundo contemporâneo, reorganizando as condições de trabalho em todos os países, visto que a flexibilidade evidenciada pelo “capitalismo flexível” sugere aos trabalhadores uma postura ágil, adepta a mudanças a curto prazo e, além disso, que estes assumam riscos.

No Brasil, nos últimos anos, o ensino superior tornou-se alvo de profundas transformações, tornando-o mais flexível, diversificado e atento à competitividade. Desse modo, o ensino superior, especialmente o privado, distanciou-se da função tradicional de formar cidadãos reflexivos e críticos e tem investido na elaboração de uma política de reestruturação econômica, ideológica e cultural, que corresponda às transformações do mundo do trabalho. Um exemplo dessa transformação é a exigência de que as universidades operem sob aspectos de mercantilização, a fim de comercializar seus cursos, utilizando-se para isso de recursos discursivos emprestados da publicidade, o que modifica o quadro de relações antes definido como universidade e candidato e, atualmente, transformando-se em universidade e consumidor.

As mudanças provocadas pelo modo de produção industrial alteraram, conseqüentemente, as relações humanas na organização e elaboração do trabalho. Essas mudanças, posteriormente, provocaram alterações nas condutas e nas trocas comerciais entre diferentes instituições do mundo. Esses acontecimentos fizeram emergir a necessidade de uma ciência que integre diferentes saberes, que estude e compreenda às novas relações humanas nas práticas laborais. Os textos selecionados para este estudo correspondem à representação materializada na e pela linguagem desses novos tempos, em que a trabalho mecanicista é deixado de lado e a subjetividade passa a ser imprescindível nas interações verbais que organizam e executam as atividades laborais, configurando-se um construto de diferentes saberes (acadêmicos, investidos, instituídos), manifestados no discurso publicitário e nos manuais do candidato.

Conforme menciona Souza-e-Silva (2004), a atividade de trabalho é uma resposta às prescrições determinadas no seu exterior e, dessa forma, pode passar por reformulações a fim de corresponder com as necessidades que se apresentam. O trabalho prescrito se revela na formulação e na construção do anúncio publicitário, fazendo-o emergir sob condições determinadas, como, por exemplo, da necessidade de divulgação dos cursos oferecidos e da própria instituição, visto que há uma relação de competitividade entre as diferentes

universidades presentes no mercado. Além disso, o trabalho prescrito é responsável por delimitar um conjunto de resultados esperados após a elaboração das tarefas. No que diz respeito aos anúncios publicitários, espera-se como resultado final que o leitor/consumidor seja influenciado positivamente em suas escolhas, vindo a escolher a instituição em questão para prestar vestibular e, posteriormente, seguindo as exigências da instituição, torne-se um futuro aluno.

Em relação ao manual do candidato, o trabalho prescrito é visivelmente marcado por um conjunto de normas e procedimentos já estabelecidos, a fim de orientar o modo de organização tanto da universidade quanto do aluno em relação aos procedimentos para inscrição no processo seletivo; informações sobre como são as provas do concurso vestibular da PUCRS e de quais conteúdos são exigidos; o que é importante saber sobre a realização das provas e como é calculado o desempenho do candidato; quando e como será feita a matrícula dos calouros; e informações referentes aos cursos oferecidos. Essas prescrições são relevantes para orientar as práticas laborais que orientam o trabalhador na execução das tarefas, deixando-o seguro em relação à realização do trabalho. Schwartz (2004) afirma que necessitamos de um mínimo de gestão, econômica e profissional, dos encargos que nos são atribuídos, e essa gerência implica uma gestão de interfaces: o técnico e o humano. Isso demanda uma competência do trabalhador no sentido de que ele se aproprie do trabalho, porém essa competência não é neutra, ela revela a historicidade do trabalhar e influencia na tomada de decisões. em vista disso, percebemos que a linguagem constitui o trabalho que se realiza a partir desta.

De um lado, o trabalho prescrito corresponde a um conjunto de normas já elaboradas por uma hierarquia e que norteia a realização do trabalho. Por outro, o trabalho real implica na própria realização do trabalho, se a execução da prática laboral foi desenvolvida de acordo com o modo como foi prescrita ou se passa por renormalizações. (SCHWARTZ, 2010b, p. 34). Embora seja organizado um conjunto de normas antecedentes, a execução das tarefas vem acompanhada de lacunas que precisam ser preenchidas pelo trabalhador. Ao estipular um modelo de anúncio publicitário que cumpra com os resultados esperados pela instituição, o trabalhador precisa fazer uso de marcas de subjetividade, além de acionar uma gama de conhecimentos armazenados em sua memória a fim de formular um discurso que represente significativamente a imagem almejada pela universidade e, sobretudo, que seja capaz de atingir e despertar o interesse do candidato/consumidor.

Da mesma forma, o manual do candidato possui uma quantidade significativa de informações prescritas para orientar tanto o trabalhador quanto o aluno, como, por exemplo,

as informações importantes para a realização da prova: *qual a melhor maneira de chegar à PUCRS no dia da prova, qual o material indispensável para realização da prova, o que é permitido ao candidato durante a realização da prova*. Essas informações construídas pela linguagem sobre o trabalho orientam o desenvolvimento do trabalho durante o vestibular e contribuem para construção de um ethos de organização e de preocupação da instituição com o candidato na realização do processo seletivo. Contudo, trabalhar, também, significa expor-se a situações de risco, o que remete, portanto, a possibilidade de haver circunstâncias que não tenham sido previstas nos manuais e que exigirão que os sujeitos envolvidos façam usos de si para que a atividade de trabalho não seja interrompida, uma vez que o sucesso do e no processo seletivo depende, também, do uso da autonomia dos sujeitos envolvidos para preencher os vazios deixados pela organização do trabalho. Desse modo, ao conceituar Ergologia, Schwartz (2010a, p. 37) afirma que “a ergologia constitui-se em um projeto de melhor conhecer e, sobretudo, de melhor intervir sobre as situações de trabalho para transformá-las”. Assim, essa disciplina valoriza o sujeito do trabalho ao convocá-lo a conhecer e, se necessário, renormalizar as prescrições ao fazer *uso de si*, objetivando suprir os vazios de normas em busca de melhores resultados no processo de desenvolvimento da atividade.

Nesse sentido, compreendemos que a atividade de trabalho caracteriza-se por uma dramática do uso de si. Conforme Freitas E. (2010, p. 191), “trabalhar é sempre um drama no sentido de que envolve o trabalhador por inteiro; é o espaço de tensões problemáticas, de negociações de normas e valores”. Desse modo, evidenciamos que o trabalho implica fazer escolhas e que, em muitas ocasiões, estas são difíceis para o trabalhador, e isso gera o que Schwartz (2010b) denomina de dramáticas do uso de si, evidenciando que nem todas as escolhas resultam no sucesso do trabalho. Diante disso, verificamos, a partir das dramáticas, o visível e o invisível do trabalho. O primeiro, a realização da atividade, é facilmente identificado, no entanto o segundo está no debate das normas, nas trocas languageiras.

Tanto a constituição dos anúncios publicitários quanto a elaboração dos manuais do candidato são atividades que integram o âmbito do invisível do trabalho, posto que são atividades organizadas a partir do debate de normas, que resultam em renormalizações, visto que a linguagem empregada na constituição desses gêneros resulta na construção da imagem dessa universidade, a elaboração desses discursos está fortemente marcada pelas dramáticas do uso de si. O trabalhador precisa fazer escolhas que resultem na composição temática do anúncio, por exemplo, que corresponda aos objetivos de divulgação desses textos: atrair a atenção de pessoas interessadas na realização do vestibular, para que escolham a PUC-RS

como instituição para realizarem um curso superior. O sucesso na atividade de trabalho, portanto, corresponde ao aumento de candidatos, já o fracasso pode ser entendido como a ausência do despertar de interesse, por parte desses textos, em futuros vestibulandos.

Entre o trabalho prescrito e o trabalho real apresenta-se um espaço de debates de normas antecedentes e de renormalizações que são imprescindíveis para organização e execução do trabalho. A linguagem sobre o trabalho possibilita que se projete um caminho a ser trilhado no desenvolvimento das campanhas de vestibular, a fim de que as metas definidas pelo trabalho prescrito sejam alcançadas durante a execução do trabalho real. Para isso, a interação verbal promove o acesso a um banco de dados composto por crenças, valores, conhecimento, cultura, experiências que é partilhado entre os trabalhadores para suprir os vazios de normas, que vão surgindo durante a realização das tarefas. O manual, por exemplo, simula um diálogo entre Instituição (enunciador) e candidato (coenunciador), no qual este tem suas dúvidas referentes ao vestibular (*Quais os procedimentos importantes para inscrição?/Como são as provas do concurso vestibular da PUCRS?/ O que procura aferir a prova de língua portuguesa?/ quais são os conteúdos das provas?*) respondidas por aquela. Assim, a linguagem empregada na construção dos anúncios publicitários e do manual do candidato revela as trocas humanas de saberes, resgatados pela memória discursiva, provavelmente dentro de uma organização coletiva de trabalho que são transformados na materialidade linguística necessária para elaboração dos textos publicitários, conforme os objetivos pretendidos pela Instituição. Ao mencionar no texto publicitário a expressão *Você está preparado para o futuro?*, a instituição promove uma reflexão no leitor acerca de qual seria a universidade ideal para a realização da melhor formação profissional, ao mesmo tempo em que se coloca como o espaço para que isso aconteça. Desse modo, a linguagem constrói um ethos discursivo de preocupação com a excelência na formação acadêmica para o futuro, comprovado pelas imagens da plataforma do Pré-sal, da carteira de trabalho e do número de vagas de trabalhos (1600) que serão oferecidas aos futuros profissionais.

Dessa forma, percebemos que o trabalhador, designado por *corpo-si*, age por meio de sua historicidade e, assim, esse sujeito singulariza a sua atividade (SCHUARTZ, 2010b). Para realização de determinada tarefa, o trabalhador faz *uso de si*, embora identifiquemos que, na realização das atividades, também acontece o *uso de si por outros*. Em relação aos *corpora* deste estudo, apreendemos que há uma marcação significativa da subjetividade, uma vez que são textos compostos por diferentes áreas de conhecimento (nanotecnologia, Pré-sal, robôs nanoestruturados) o que implica, portanto, que o trabalhador faça uso de seu conhecimento de mundo, de seu conhecimento enciclopédico, bem como que se aproprie do conhecimento, da

cultura, das experiências de outros trabalhadores. Acerca disso, Freitas E. (2010, p. 191, grifo do autor) ressalta que “a expressão *uso de si* remete ao fato de que não há somente execução nessa dramática, mas um uso. É a pessoa sendo convocada em toda a sua subjetividade, com toda a mobilização que qualquer abordagem taylorista jamais pode alcançar”. Assim, evidenciamos que o trabalhador faz uso de uma série de conhecimentos advindos de diferentes áreas do saber, os quais podem ser identificados pela análise dos saberes dinâmicos dos três polos e pelas relações de intertextualidade estabelecidas pelos textos sob análise.

Em relação à intertextualidade, primeiro plano que constitui a semântica global, constatamos, na análise dos *corpora*, a presença de uma série de pistas que o código linguageiro configura como discurso. Conforme Maingueneau (2008, p.77), a intertextualidade compreende “os tipos de relações intertextuais que a competência discursiva define como legítima”, ou seja, é responsável por definir como outros textos serão evocados em determinada formação discursiva. Os enunciados que compõem os anúncios publicitários estabelecem uma série de relações com outros textos, de outras áreas do conhecimento, quais sejam científicos, culturais, tecnológicos. Nesse sentido, identificamos que a intertextualidade pode ser associada aos saberes dinâmicos dos três pólos, principalmente, aos saberes acadêmicos ou instituídos, caracterizados como os conhecimentos advindos de várias disciplinas e que são necessários e prévios à realização do trabalho.

Os saberes acadêmicos, somados às dramáticas do uso de si e ao pólo das exigências éticas e epistemológicas - que considera o sujeito em suas singularidades-, são responsáveis pela construção da linguagem empregada na constituição dos anúncios publicitários e do manual do candidato, visto que é o entrelaçamento desses três pólos que assegura a completude do trabalho. Assim, percebemos que a linguagem presente nos anúncios publicitários e nos manuais do candidato se constitui pela retomada de saberes acadêmicos, muitas vezes originada das trocas culturais e verbais entre os trabalhadores. Nos textos em questão, evidenciamos que a intertextualidade está representada pela relação que os textos possuem com outros textos, seja eles científicos da área da ciência médica, conforme as marcas linguísticas *nanotecnologia/robôs nanoestruturados*, seja por textos que remetem a acontecimentos contemporâneos como o leilão do Pré-sal, ou pelas pistas linguístico-discursivas, como, por exemplo, *atualização constante, meu conteúdo é filtrado, remixado e compartilhado*, que remetem a textos que estão dentro de um espaço discursivo caracterizado pelo desenvolvimento de tecnologias e da internet. Logo, os usos de si resultam na marcação da subjetividade dos sujeitos envolvidos na atividade de trabalho e na composição da relação interdiscursiva dentro de um mesmo campo discursivo (MAINGUENEUAU, 2008b).

Na constituição dos manuais do candidato, evidenciamos que a linguagem resulta de saberes pré-construídos ao longo dos anos de trabalho. A organização de um manual resulta de um debate e trocas de conhecimentos e experiências vivenciadas em ambiente de trabalho e armazenadas na memória discursiva. Esses debates e trocas, que constituem a linguagem sobre o trabalho, possibilitam identificar os vazios de normas deixados pela organização do trabalho em outros processos seletivos, permitindo, assim, as renormalizações dos procedimentos dos candidatos para realização do vestibular. Desse modo, os manuais do candidato resultam em um conjunto de normas que visam orientar os candidatos na execução do vestibular para suprir possíveis dúvidas, como, por exemplo, *Que documentos são necessários para inscrição?/ Qual é o período de inscrição?/ Como fazer o pagamento da inscrição?/ Quais os locais de inscrição?/ Como é calculado o desempenho do candidato nas provas?*, que podem vir a prejudicar a concretização do sucesso da atividade de trabalho dessa universidade.

Diante disso, constatamos que a ressingularização que se configura na reestruturação dos vazios de normas, das tessituras das redes humanas é imprescindível para realização do trabalho. Conforme Schuartz (2010b), os canais de transmissão de saberes, de experiências e culturas rompem a noção de assujeitamento do sujeito à atividade de trabalho, desse modo a ergologia reconstrói a noção de sujeito do trabalho, visto que a ressingularização, os vazios de normas, implicam nos usos de si, na exposição da subjetividade do trabalhador. O trabalho constante de renormalizações supõe um retrabalho dos discursos, remete ao entrelaçamento da ergologia e da linguagem e, conseqüentemente, na necessidade de considerar o sujeito em relação ao seu discurso.

As escolhas da linguagem e dos temas que compõem os anúncios e os manuais, responsáveis por marcar a subjetividade do trabalhador, constituem, também, a construção da imagem do Eu enunciador e de um Tu coenunciador que partilham de uma mesma formação discursiva. As pistas *carrego minha vida no bolso/ meu conteúdo é filtrado, remixado e compartilhado/ meu sonho se transforma, me transforma*, aproximam enunciador e coenunciador, fazendo com que ambos partilhem de uma mesma imagem: a de um cidadão atualizado, ciente das necessidades do mundo profissional, motivado e preparado para realização de seus sonhos. O uso do verbo na primeira pessoa do singular *carrego* e do pronome possessivo *meu* contribuem para a afirmação de que ambos estão em uma mesma posição dentro da situação de comunicação, o que possibilita que o próprio coenunciador seja fiador do dizer da instituição como confirmação de que candidato e universidade partilham do mesmo discurso: a melhor preparação profissional. Por intermédio das pistas linguísticas *meu*

sonho se transforma, me transforma, percebemos um tom de motivação e a construção de um ethos de realização pessoal por meio da realização profissional.

Nesse contexto, percebemos que é por meio da linguagem que são resolvidos problemas que surgem e dificultam a concretização do trabalho. A construção bem elaborada dos anúncios publicitários, visando à formação de uma cenografia que contribua para a construção de uma imagem da Instituição que de fato a represente e a elaboração dos manuais do candidato, contendo as informações necessárias para realização do processo seletivo que norteie as ações, tanto dos trabalhadores da universidade quanto dos vestibulandos, depende da relação linguagem/trabalho. É essa relação que possibilita recuperar e reconstruir possíveis sentidos que se inscrevem na realidade discursiva, proporcionando melhor compreensão e organização do trabalho.

Isso nos possibilita analisar a língua em seu uso concreto, e não limitados a sua estrutura. Em relação à constituição dos textos publicitários, os enunciados são construídos considerando, fundamentalmente, o perfil do coenunciador, visto que este não é apenas um receptor passivo, ou seja, a construção de sentido das informações contidas nos anúncios depende dos saberes mobilizados pelo interlocutor. Assim, temos uma situação de enunciação, na qual a posição do enunciador (EU) é ocupada pela instituição de ensino superior, o coenunciador (TU) é definido pelos futuros candidatos ao vestibular, levando em consideração que, dentro desse contexto, também podemos considerar o coenunciador como um consumidor, o qual deve ser influenciado pelo discurso publicitário a escolher a PUCRS como instituição ideal para sua formação profissional e realização pessoal.

No que diz respeito à exploração semântica, não podemos definir um vocabulário como sendo específico de um determinado discurso, como se cada campo discursivo dispusesse de um vocabulário próprio. Maingueneau (2008a, p. 80) afirma que o que perdura são “explorações contraditórias das mesmas unidades lexicais pelos diversos discursos”, portanto a palavra não deve ser interpretada de maneira isolada, pois seu sentido depende do posicionamento discursivo do qual ela faz parte. Dessa forma, observamos, nos gêneros analisados nesta dissertação, que a expressão *carrego minha vida no bolso* é interpretada como um aparelho celular, visto que a tecnologia possibilita que o sujeito tenha acesso a diferentes informações e recursos que circundam sua vida; a expressão *conheço pessoas do mundo todo, mas minhas raízes nunca saíram de mim* pode ser entendida como a mudança nas relações pessoais e profissionais provocadas pela internet, que ampliou as fronteiras da comunicação. Já no manual do candidato podemos identificar a expressão *Bolsa Mérito*, criada pela PUCRS, a qual adquire um sentido consoante à formação discursiva estabelecida,

ou seja, diz respeito a uma gratificação para o candidato que alcançar o primeiro lugar em um dos cursos de graduação. Assim, “além de seu estrito valor semântico, as unidades lexicais tendem a adquirir o estatuto de signos de pertencimento”. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 80).

Outro plano constituinte da semântica global é o tema, definido por Maingueneau (2008a, p. 81) como “aquilo de que um discurso trata, em qualquer nível que seja”. Nos manuais do candidato, apreendemos como tema a transmissão de conhecimentos e normas acerca da Instituição, do processo seletivo e dos cursos oferecidos. Quanto aos anúncios publicitários, inferimos como tema do anúncio de vestibular de inverno-2012 a reflexão de fatos contemporâneos como o Pré-sal e a representação das exigências impostas, no futuro, pelo mercado de trabalho, marcadas pela evolução tecnológica e, conseqüentemente, pelas mudanças nas relações de trabalho. No anúncio II, temos como tema a necessidade de aquisição de conhecimentos tecnológicos associados ao conhecimento de si como base fundamental para a realização pessoal e profissional.

Nesse sentido, ao abordarmos sobre o tema, trazemos, como elemento constituidor da análise, a semiótica, visto que, no patamar do discurso, é possível identificarmos elementos figurativos, responsáveis pela inferência do tema e dos valores do enunciador e em relação à instância da enunciação. O texto I, por exemplo, faz uma progressão do futuro, trazendo elementos como a plataforma de extração de petróleo do Pré-Sal e a carteira de trabalho que tematizam o desenvolvimento de um mercado de trabalho promissor que exige profissionais qualificados e preparados para atuar, por meio de recursos tecnológicos, em diferentes áreas de conhecimento. Os efeitos de realidade, que marcam a transformação da narrativa, resultam de procedimentos de iconização do discurso para projeção de um simulacro do mundo. Assim, a imagem do jornal, da carteira de trabalho, do celular sendo lançado no espaço, do robô e da tecla F5 reforçam a ideia a tendência de crescimento do mercado de trabalho, da forte presença da tecnologia e da necessidade de qualificação. Desse modo, essas figuras do discurso, empregadas pelo enunciador, são responsáveis pelo fazer crer e o crer dos enunciadores, ou seja, os elementos de figurativização são responsáveis por fazer com que o enunciatário acredite ou não na “verdade” do discurso.

Como afirma Maingueneau (2008a), o estatuto do enunciador e do coenunciador dependem da competência discursiva, ou seja, “cada discurso define o estatuto que o enunciador deve se atribuir e o que deve atribuir a seu destinatário para legitimar seu dizer”. (2008a, p.87) Nesse sentido, o a figura do enunciador é representada pela Instituição responsável pelo processo seletivo, preocupada em atrair novos candidatos e, conseqüentemente, futuros alunos para a Universidade, visto que a manutenção desta no

mercado depende do número de alunos. Os elementos dessa cenografia constroem um universo de sentido que remete a formação de uma comunidade discursiva constituída por coenunciadores identificados pelo interesse em ingressar no ensino superior, preocupados com a necessidade imposta pelas exigências do mercado, o qual valoriza a qualificação profissional para corresponder aos novos tempos.

Nesse contexto, percebemos que os textos sob análise implicam uma atitude responsiva silenciosa por parte dos coenunciadores, visto que, conforme os aspectos da conclusibilidade, o enunciador emite um discurso pronto, sem possibilidade de resposta direta, que exige compreensão do coenunciador, a fim de que consiga assimilar a intenção discursiva, ou seja, compreender o querer dizer do sujeito. Com isso, a cenografia se molda na situação de interesse em realizar um curso superior e na necessidade de escolha de uma Instituição de Ensino Superior e a imagem constituída pelo discurso depende, também, da capacidade de apreensão e entendimento da linguagem e recursos iconográficos que constituem esses gêneros discursivos.

De acordo com as coerções semânticas, um discurso constrói uma dêixis enunciativa espaciotemporal que revela o estatuto discursivo dos enunciadores. “O ato de enunciação supõe a instauração de uma dêixis espaciotemporal que cada discurso constrói em função de seu próprio universo (MAINGUENEAU, 2008a, p. 88)”. Portanto, não se trata de definir datas nem locais em que os enunciados foram produzidos, mas de legitimar os atos de enunciação. Com isso, a dêixis em que o discurso analisado se enuncia (topografia) é caracterizada pelo avanço tecnológico; por um aumento no número de cursos superiores oferecidos; pelo surgimento de novas instituições de ensino superior e, conseqüentemente, aumento da concorrência entre estas; por um espaço social formado por uma concepção ideológica e cultural que privilegia a necessidade de se ter curso superior. Do mesmo modo, essa mesma coincidência ressalta em relação ao tempo de onde o discurso é enunciado (cronografia): um momento caracterizado pelo aumento da concorrência entre os profissionais, o que remete, portanto, a necessidade de uma formação profissional a nível superior, a fim de corresponder às novas exigências do mercado.

O enunciador está inserido em uma cena enunciativa na qual o fiador assume um *modo de enunciação*. A cena de enunciação se fragmenta em outras três cenas: a englobante, a genérica e a cenografia. A primeira diz respeito ao tipo do discurso, a segunda ao gênero de discurso e a última corresponde ao acréscimo da ideia teatral de cena à de *grafia* (inscrição) que será responsável por legitimar o dizer. A cena englobante atribui ao discurso um estatuto

pragmático, um discurso otimista, motivador que o integra a um gênero publicitário, visando convencer o aluno de que a melhor preparação para o futuro se dará na PUC-rs.

. O estatuto do enunciador e do coenunciador, assim como a dêixis espacial e temporal estão atrelados a uma *cenografia enunciativa* que remete ao gênero no qual o texto se realiza. Essa cenografia configura-se como um espaço que é moldado pela própria enunciação. Ela estabelece uma relação paradoxal entre as cenas, pois, conforme descreve Maingueneau (2008c, p.77), “a fala supõe uma certa cena de enunciação que, de fato, se valida progressivamente por essa mesma enunciação”. Assim, como cena englobante, temos o gênero publicitário e o gênero manual do candidato. Este constrói uma cenografia caracterizada como uma situação de interesse do aluno em buscar informações prévias acerca do perfil do candidato e do espaço de atuação profissional. Por meio dessa cenografia, evidenciamos a construção de um ethos de satisfação profissional, de oportunidades para desenvolver a carreira com excelentes recursos físicos, conforme revelam expressões como, *o médico promove a saúde, em todos os níveis/ junto a hospitais com tecnologia biomédica avançada/ tendo uma sólida formação/*, um ethos de capacidade intelectual e interpessoal para atuar em diferentes áreas de conhecimento, conforme as marcas *o bacharel estará apto/ terá condições* e, também, é possível citar um ethos de preocupação social, revelado por intermédio de pistas discursivas como, *visando ao retorno à saúde e à reintegração às atividades laborativas e sociais/ à prestação de orientação a indivíduos, grupos e movimentos sociais*.

Nos anúncios publicitários, a cenografia é estabelecida pela busca do conhecimento e da preparação acadêmica que correspondam a futuras exigências no trabalho. Já nos manuais do candidato a cenografia configura-se na transmissão de informações e normas acerca da realização do processo seletivo, da instituição e dos cursos oferecido, visando suprir os vazios de normas que impossibilitam a organização do trabalho de avaliação e de realização das matrículas na Instituição. A cenografia enunciativa constrói, na interação verbal, uma imagem de uma universidade preocupada com a reocupação da formação profissional do vestibulando – um ethos de competência e excelência no desenvolvimento técnico-científico a na preparação profissional que garantirão um sucesso profissional no futuro. “Mediante a cenografia instituída, entendemos que a língua está associada à sua utilização e acontece em forma de enunciados, orais e/ou escritos, concretos e únicos” (FREITAS E., 2010, p. 187).

Com isso, percebemos que a construção do ethos se dá por meio das escolhas linguísticas estabelecidas pelo enunciador como, por exemplo: *E você, está preparado para o futuro?/ O que o futuro espera de você?* Essas expressões constroem a imagem de um

enunciador confiante, motivador, preparado e preocupado com o avanço tecnológico, científico, humano e profissional. Essa imagem de Instituição capacitada para qualificação profissional e preocupada com o futuro do aluno é construída no âmbito de uma representação subjetiva e é constituída de duas propriedades: o caráter e a corporalidade. O *caráter* constitui um conjunto de traços psicológicos (MAINGUENEAU, 2008c). Já a *corporalidade* está ligada a uma forma de se apresentar, ou seja, ao *tom* utilizado pelo enunciador no discurso. Essa imagem corporal do enunciador resulta na figura do fiador, “entendida aqui como aquela que deriva da representação do corpo de enunciador efetivo (e não, bem entendido, do corpo do autor efetivo), se construindo no âmbito do discurso” (FREITAS, E., 2010, p. 180). Desse modo, o fiador, representado pela imagem de um profissional bem preparado para o mercado de trabalho, mediante o modo de enunciação, revela um tom motivador, de entusiasmo e satisfação pessoal, responsável pelo despertar do interesse das pessoas em optar pela PUCRS para realização de um curso superior como garantia de sucesso profissional futuramente.

A linguagem sobre o trabalho possibilita identificar as marcas de subjetividade do trabalhador empregadas na elaboração dos anúncios publicitários e do manual do candidato. A linguagem, por sua vez, permite a identificação do enunciador e do coenunciador, bem como a inferência do tema e a especificação da formação discursiva da qual ambos fazem parte. A intertextualidade é construída por meio da relação das dramáticas e usos de si, dos saberes acadêmicos e instituídos que resultam na elaboração do discurso e, conseqüentemente, em uma cenografia, por intermédio da qual é possível identificarmos a construção do ethos discursivo da Instituição selecionada para este estudo. Desse modo, evidenciamos a importância dos estudos interdisciplinares envolvendo a ergologia e a semântica global como responsáveis pelo enriquecimento dos estudos linguísticos de base enunciativa e dos estudos da linguagem sobre o trabalho, que modificam a visão do leitor sobre as práticas laborais.

4.5.2 Recorte II: uma nova oportunidade para o seu talento

a) Anúncio publicitário I – UPF - Inverno 2012

Quadro 05: Anúncio publicitário UPF – 2012/2

1	O mundo precisa dos que são capazes de fazer a realidade a mais louca fantasia, dos que
2	pensam e agem com velocidade e precisão, dos que em tudo colocam uma boa dose de
3	emoção. O nome disso é talento! Quando você descobre o seu, a primeira mudança é no

4	seu mundo. Quando o mundo descobre o seu talento, aí você faz uma revolução.
5	Vestibular de inverno UPF, inscrições até dezoito de junho. Prova vinte e três de junho!

Fonte: Vestibular de Inverno UPF - 2012

Figura 06: Anúncio publicitário UPF – 2012/2



Fonte: Vídeo de divulgação do vestibular UPF – 2012/2

b) Anúncio publicitário II – UPF – Verão 2013

Quadro 06 - Anúncio publicitário UPF – 2013/1

1	Disseram que foi um grande passo para a humanidade, disseram sem dizer uma
2	palavra, disseram que o tempo era relativo, disseram que o mundo estava se
3	transformando, mas afinal do que são feitas as transformações? De sonhos, convicções,
4	realizações!
5	Vestibular UPF preparando você para entender o mundo!

Fonte: Vestibular de verão UPF – 2013

Quadro 06: Apresentação

1	O sucesso da vida acadêmica é mensurado a partir da escolha de um curso superior de
2	qualidade, vinculado a uma grande Universidade. E você, vestibulando, fez a opção
3	certa. Seja bem-vindo à Universidade de Passo Fundo.
4	Você vive agora o momento vestibular, mas é importante saber que a UPF oferece, além
5	da capacitação no curso de sua escolha, o programa de mobilidade acadêmica, que

6	possibilita a realização de intercâmbios no Brasil ou no exterior, agregando importantes
7	experiências em sua formação.
8	Nosso intuito é facilitar a sua trajetória acadêmica, e este manual foi organizado para
9	esclarecer eventuais dúvidas, bem como O sucesso da vida acadêmica é mensurado a
10	partir da escolha de um curso superior de qualidade, vinculado a uma grande
11	Universidade. E você, vestibulando, fez a opção certa. a serem compartilhados. Aproveite as oportunidades que a nossa Universidade lhe oferece e torne-se mais um profissional com a marca UPF.

Fonte: Vestibular de inverno UPF 2013 – Manual do candidato

No que diz respeito à elaboração dos manuais do candidato, percebemos uma forte relação tanto com o trabalho prescrito, quanto com o trabalho real. O primeiro, visto que a elaboração dos enunciados que compõem esse gênero são construídos conforme um conjunto de normas preestabelecidas que implicam na exigência da colocação de determinadas informações como, por exemplo: período das inscrições, informações sobre a realização da prova, informações complementares dos cursos, etc. Essas informações objetivam orientar a conduta dos vestibulandos e dos responsáveis pela organização do vestibular: *nosso intuito é facilitar a sua trajetória acadêmica, e este manual foi organizado para esclarecer eventuais dúvidas....* O trabalho prescrito pressupõe, também, que a instituição possui um conhecimento prévio a respeito de quais são as dúvidas que os vestibulandos possuem. O manual, portanto, facilita o trabalho real, visto que orienta a conduta não só dos vestibulandos como também dos responsáveis pelo processo seletivo, para que a atividade de trabalho seja realizada com sucesso.

O discurso publicitário marcado pela escolha das formas *o mundo precisa/ O sucesso da vida acadêmica é mensurado a partir da escolha de um curso superior de qualidade, vinculado a uma grande Universidade*, revela um conhecimento prévio acerca do mundo e de suas exigências no mercado de trabalho, ou seja, o mundo precisa de pessoas qualificadas, preparadas, criativas, *dos que em tudo colocam uma boa dose de emoção*, dos que revelam talento, assim, essa cena validada remete à construção de um ethos de sabedoria, de entendimento do mundo do trabalho. Desse modo, percebemos que, por meio dos saberes acadêmicos, há o estabelecimento de uma ordem metódica, a qual prescreve que, para o sujeito ter um futuro glorioso e uma formação que contemple as exigências do mundo, do mercado de trabalho, é necessário que faça boas escolhas, começando pela instituição de ensino superior. Assim, fica explícito o caráter persuasivo desses discursos, os quais sugerem

que a Universidade de Passo Fundo é o espaço ideal para que o interlocutor seja um profissional de sucesso.

É por meio da linguagem que se torna possível resolver problemas que surgem na realização do trabalho. Dessa forma, a relação linguagem/trabalho possibilita recuperar possíveis sentidos que se inscrevem na realidade discursiva proporcionando uma melhor compreensão e organização do trabalho. Os discursos manifestados nos anúncios publicitários e no manual do candidato revelam como a linguagem se manifesta, organiza e constitui as práticas languageiras. Por intermédio das escolhas lexicais, o sujeito expressa sua personalidade, sua individualidade e sua história, as quais resultam nos saberes e experiências partilhados pelos sujeitos para a elaboração do trabalho. Desse modo, a subjetividade (BENVENISTE, 2006a) é marcada pela realização de escolhas que sugerem responsabilidade e precauções importantes do trabalhador ao fazer uso de si no trabalho. (SCHWARTZ, 2010b).

O conceito de trabalho proposto por Schwartz ultrapassa as barreiras mercantis e considera que o sujeito, ao realizar uma atividade, utiliza-se de seus conhecimentos em benefício próprio e de outrem. O manual do candidato se constitui pelas trocas e experiências estabelecidas pelos trabalhadores. A isso, somam-se, também, os saberes investidos a partir dos quais, conforme afirma Trinquet (2010), os trabalhadores revelam, por meio das formas linguísticas selecionadas, experiências práticas e, permanentemente, recriadoras de saberes através dos debates de normas que possibilitam a partilha dos conhecimentos pessoais. Isso possibilita que todos os indivíduos envolvidos na situação de trabalho estejam sintonizados na elaboração dos manuais para, assim, discutir as situações/problemas oriundas de outros vestibulares, visando preencher as lacunas na organização do trabalho provocadas pelos vazios de norma. Desse modo, ao afirmar que *nosso intuito é facilitar a sua trajetória acadêmica, e este manual foi organizado para esclarecer eventuais dúvidas*, evidenciamos a realização de um debate prévio acerca da organização dos manuais, o qual se constitui por intermédio dos usos de si e dos usos de si pelo outro que revelam, por meio da linguagem, as experiências de cada sujeito envolvido na elaboração do discurso. Se o enunciador afirma que o manual do candidato foi organizado para esclarecer eventuais dúvidas, significa que há um conhecimento prévio a respeito das informações que são necessárias e interessantes para o conhecimento dos vestibulandos para que, de fato, a realização do vestibular seja uma etapa facilitada e organizada.

Nesse sentido, as expressões *facilitar* e *esclarecer* demonstram uma maneira de dizer associada a um tom otimista, tranquilizador, o qual promove a incorporação de um discurso

de credibilidade à Universidade de Passo Fundo, visto que esta assume a posição de uma instituição preocupada com as inquietações dos vestibulandos para realização do exame vestibular. Também, a instituição constrói uma cenografia configurada pela necessidade que o aluno possui de escolher uma instituição que lhe possibilite uma formação superior de qualidade que o prepare, da melhor forma possível, para o mercado de trabalho. Portanto, ao afirmar que *nosso intuito é facilitar sua trajetória acadêmica*, essa instituição revela, por intermédio da linguagem, que possui entendimento em relação aquilo que será pertinente e necessário para formação profissional de um sujeito, de modo que esta seja um processo prazeroso e gratificante ao aluno. As marcas linguísticas *nosso intuito* demonstram que a instituição se posiciona como fiador do próprio discurso (MAINGUENEAU, 2008c), construindo, assim, um ethos de instituição qualificada, conhecedora dos pré-requisitos necessários para uma formação acadêmica de excelência e de preocupação em relação às inquietações dos candidatos ao vestibular.

Quanto ao emprego do vocabulário, em relação à exploração semântica, inferimos que a colocação das marcas linguísticas expressas em *o sucesso da vida acadêmica é mensurado a partir da escolha de um curso superior de qualidade, vinculado a uma grande Universidade*, possuem um valor semântico específico dentro desse campo discursivo. As unidades lexicais *um curso superior de qualidade* mostram estreita correlação com a própria instituição de ensino superior que enuncia isso, visto que se posiciona como o espaço capaz de formar profissionais qualificados. No trecho *vinculada a uma grande universidade*, vocábulo *universidade* pode ser compreendido como uma marca que singulariza a Universidade de Passo Fundo, posto que esta é a única instituição que possui o título de universidade na região de Passo Fundo/RS, as demais instituições de ensino superior recebem a classificação de faculdade. Desse modo, apreendemos uma cenografia configurada pela necessidade de escolha de um curso superior e da qualificação a partir da qual identificamos a construção de um ethos discursivo de singularidade, de instituição diferenciada na formação de qualidade, representado pelo título de Universidade.

No que diz respeito ao tema, um dos planos constituintes da semântica global, verificamos, no anúncio publicitário I (quadro 05), através das pistas *quando o mundo descobre o seu talento, aí você faz uma revolução*, que o mundo do trabalho contemporâneo requer profissionais com talento para causar uma revolução, ou seja, capazes de provocar mudanças positivas no espaço profissional. A marcação do tema instaura uma cenografia caracterizada por um ambiente profissional que exige habilidades que vão além dos conhecimentos acadêmicos. Assim, o discurso constrói um ethos de sabedoria, ou seja, de

uma instituição capacitada para desenvolver o talento do sujeito, bem como promover mudanças na vida do jeito, e estas transformar suas vidas. Também, ao afirmar *o mundo precisa*, evidenciamos a construção de um ethos de qualificação, isto é, de Universidade conhecedora das exigências do mundo contemporâneo e das habilidades necessárias para se ter uma vida profissional de sucesso.

O manual do candidato possui como tema a orientação do aluno quanto à realização do vestibular, bem como informações sobre a Instituição e as oportunidades proporcionadas pela UPF. As marcas linguísticas presentes nos anúncios, tais como: *o sucesso da vida acadêmica é mensurado a partir da escolha de um curso superior de qualidade, vinculado a uma grande Universidade. E você, vestibulando, fez a opção certa* possibilitam a delimitação de uma cenografia configurada pela necessidade que o vestibulando possui de fazer escolhas em relação à profissão e à instituição na qual fará a graduação, desse modo, identificamos a construção de um ethos de instituição ideal para se obter um curso superior de qualidade.

No anúncio II (quadro 06), inferimos como tema a divulgação de grandes realizações e descobertas que marcaram a história mundial e que provocaram um avanço sócio-científico-cultural significativo para a sociedade. Em relação à exploração semântica do vocabulário, o enunciado *disseram que foi um grande passo para a humanidade* refere-se à primeira vez que o homem pisou na lua; já o fragmento discursivo *disseram sem dizer uma palavra* diz respeito a Charlie Chaplin, um dos atores mais famosos da era do cinema mudo. Percebemos, por meio dessa abordagem temática, relações de intertextualidade com outros textos da área científica, ou que fazem referência a questões artísticas e sociológicas. Desse modo, institui-se uma cenografia caracterizada por um ambiente universitário capaz de promover a realização dos sonhos de seus acadêmicos, principalmente àqueles direcionados a área profissional, assim apreendemos a construção de um ethos de Instituição que representa a escolha certa, convicta, para formação acadêmica, a qual será capaz de provocar grandes realizações na vida do aluno.

A linguagem em situação de trabalho comprova que a língua não é um mero sistema e, sim, que abrange uma dimensão social, visto que, conforme Bakhtin (2003), a linguagem está diretamente ligada à ação do outro e tem no enunciado uma constante resposta aos enunciados do outro e aos seus próprios enunciados. Assim, ao enunciar, instaura-se a categoria de pessoa Tu (estatuto do enunciador), a partir da qual o sujeito assume uma posição em relação ao seu dizer, associado por outras vozes, acionando diversos saberes. Nesse sentido, Benveniste (2006b) e Maigneueau (2008a) estabelecem algumas considerações referentes às marcas de tempo, espaço e pessoa na enunciação, posto que esta faz emergir um cronografia (dado

momento) e uma topografia (determinado espaço) para sua realização, tendo como componentes um eu/enunciador e um tu/coenunciador responsáveis pela situação de comunicação, configurada pela dêixis enunciativa (MAINGUENEAU, 2008a).

Tanto nos anúncios publicitários como no manual do candidato as marcas explícitas de direcionamento de texto a um coenunciador aluno/vestibulando se manifestam por intermédio dos pronomes *você* e *seu* , que aparecem em alguns fragmentos discursivos como: *Quando você descobre o seu, a primeira mudança é no seu mundo; Vestibular UPF preparando você para entender o mundo.* O emprego dessas expressões linguístico-discursivas estabelece relações dialógicas com textos publicitários que lhes proporcionam um caráter de autoridade que é atribuído ao conhecimento científico, e com textos instrucionais representados pelos manuais do candidato. Esses textos colocam em cena dois protagonistas: a Universidade de Passo Fundo, produtora dos anúncios e do manual do candidato; e o vestibulando agente do agir prescrito e beneficiário desse agir. Em uma visão taylorista do trabalho, entende-se que basta o ingresso do candidato na universidade para que ele se transforme em um excelente profissional, com talento, velocidade e precisão. Compreendemos que a instituição se posiciona como aquela que possui os saberes necessários para uma boa formação acadêmica, que sabe do que o mundo precisa. Assim, a instituição constrói uma cenografia de formação profissional, da qual deriva um ethos de instituição capacitada para formar profissionais talentosos, que trabalhem com velocidade e precisão, correspondendo, portanto, às exigências do mundo.

Freitas E. (2010), citando Cervoni (1989), comenta que as modalidades deônticas correspondem a toda expressão que implica referência a uma norma ou a qualquer critério de avaliação social, individual, ético ou estético, ou seja, direcionado ao registro do *dever* , ou seja, que fazem referência a noções como *necessidade, obrigação, permissão e proibição* . Quanto as modalidades epistêmicas, referem-se a toda expressão que implica crenças, conhecimento que se tem de um estado de coisas, isto é, contemplam toda expressão pertencente ao registro do saber, relacionam-se a noções como *certo, provável e possível* . Desse modo, mediante marcas linguísticas verbais, identificamos as seguintes modalidades discursivas: deônticas – *precisa, pensam, agem, fazer* ; epistêmicas – *disseram, são feitas, é mensurado, é importante saber, é facilitar* . Por meio das modalidades discursivas, é possível estabelecermos relação com o trabalho prescrito, que é normalizado, previsto com antecedência, ou seja, imposição de normas ao vestibulando tanto para realização da prova quanto para a formação profissional como garantia de sucesso.

Mediante essas constatações, o emprego das modalidades deônticas e epistêmicas revelam que o enunciador normaliza a ação ao demonstrar um saber que persuade o interlocutor a aderir a esse discurso, tomando-o por verdadeiro. O uso dos modalizadores do discurso produz um tom do dizer e também do fazer; nesse sentido, a Universidade de Passo Fundo assume a posição do dizer/aconselhar o vestibulando sobre aquilo que o mercado de trabalho sugere como imprescindível para o sucesso profissional; cabe ao coenunciador o fazer daquilo que é prescrito por meio da escolha da UPF como espaço para que isso se torne realidade.

Conforme Schwartz (2010), trabalhar envolve sempre uma dramática do uso de si, visto que é um espaço de negociações de normas e valores. Assim, a pessoa é convocada em toda sua subjetividade. Ao prescrever o caminho necessário para o sucesso profissional há uma lacuna de norma que precisa ser preenchida pelo coenunciador/vestibulando por meio de suas escolhas. As marcas linguísticas *dos que/você/ seu* remete à gestão de si para que o coenunciador pense e aja com velocidade e precisão, para que faça uso da emoção, descubra seu talento e, aliado a isso, para que faça uma boa escolha em relação à instituição de ensino superior. Dessa forma, a instituição se posiciona como a *opção certa*, visto que *o sucesso da vida acadêmica é mensurado a partir da escolha de um curso superior de qualidade*, no caso a Universidade de Passo Fundo.

A situação de comunicação, por sua vez, associada às escolhas linguísticas, contribui para construção da imagem de um Eu/enunciador e de um Tu/coenunciador dentro de um mesmo campo e formação discursivos. No que diz respeito à situação de enunciação dos textos publicitários, estes foram construídos levando em consideração o perfil do coenunciador, visto que a compreensão dos enunciados depende, fundamentalmente, dos saberes mobilizados pelo interlocutor. Desse modo, na situação de enunciação instaurada nos textos sob análise, a posição do enunciador (EU) é assumida pela instituição de ensino superior, UPF, já a posição do coenunciador (TU) é ocupada por futuros candidatos ao vestibular. Ao analisarmos as pistas *quando você descobre/ aí você faz uma revolução/ E você, vestibulando*, é possível identificar que a colocação do pronome *você* faz emergir a figura do coenunciador, convidando-o a partilhar de um mesmo discurso: o de que as grandes conquistas começam com boas escolhas, no caso a escolha de uma boa universidade, ou seja, a UPF. No trecho do anúncio I, *o mundo precisa dos que são capazes de fazer a realidade a mais louca fantasia, dos que pensam e agem com velocidade e precisão, dos que em tudo colocam uma boa dose de emoção*, percebemos que as pistas linguísticas *dos que* instauram um coenunciador representado por jovens que buscam transformações em suas vidas, que

querem mudar sua realidade, que possuem otimismo, motivação, que almejam por qualificação para que consigam acompanhar com velocidade as exigências do mundo e do mercado de trabalho.

Nesse contexto, a dêixis enunciativa marcada pelo uso das categorias de tempo e espaço são imprescindíveis para construção da situação de comunicação. (MAINGUENEAU, 2008a). Assim, a dêixis espaciotemporal em que o discurso analisado se enuncia (topografia) é caracterizado por um mercado de trabalho competitivo que exige jovens bem preparados, capazes de realizar tarefas com precisão e velocidade, que demonstrem talento, que sejam capazes de provocar transformações por meio de seu entusiasmo, de seu otimismo. Da mesma forma, o tempo no qual o discurso é enunciado caracteriza-se por um aumento do número de pessoas graduadas, o que implica, portanto, que as universidades formem acadêmicos capazes de ultrapassarem os conteúdos específicos de cada formação acadêmica, revelando, assim, agilidade, competência e talento.

A construção do ethos decorre das escolhas linguísticas estabelecidas pelo enunciador na construção do discurso presente tanto nos textos publicitários quanto no manual do candidato. O uso da linguagem em situação de trabalho é fundamental para organização das práticas linguageiras, bem como da significação e construção da identidade institucional. Com isso, evidenciamos que as duas instituições – UPF e PUCRS - fazem uso da linguagem para troca de experiências, para acessar conhecimentos de diferentes áreas do conhecimento visando desenvolver um discurso que construa um ethos de excelência, qualidade e preocupação com acadêmico. Elementos esses, importantes para persuadir o coenunciador a aderir ao discurso enunciado por essas universidades e a ocupar a posição de fiador dessas instituições. “A qualidade do ethos remete, com efeito, à imagem desse ‘fiador’ que, por meio de sua fala, confere a si próprio uma identidade compatível com o mundo que ele deverá construir em seu enunciado” (MAINGUENEAU, 2011a, p. 99). Outro fator importante é o emprego de um tom de otimismo, motivação que constrói um ethos de instituição preparada para corresponder não somente as expectativas do mercado de trabalho, mas, sim, provocar mudanças no mundo pessoal do acadêmico, despertando e revelando excelentes profissionais.

O modo de enunciação está organizado por um discurso de credibilidade à Instituição, asseverado a uma instância invisível e responsável pela asserção, que se coloca acima do enunciador, com autoridade sobre o seu dizer. Os enunciados autorizados recuperam saberes instituídos os quais revelam sabedoria em relação à formação acadêmica e às mudanças no mercado do trabalho. Ao prescrever o caminho do sucesso aos vestibulandos, a Instituição por intermédio do modo de dizer, nos discursos, assume um tom de confiança que confere

autoridade e credibilidade àquilo que é dito e a quem o diz. A imagem construída de escolha/talento/revolução/realizações aproxima enunciador do coenunciador por fazer com que partilhem de um mesmo tempo e espaço (tempo de escolher profissão, instituição, pensar no futuro profissional) e de uma mesma formação discursiva. Assim, o discurso publicitário e os manuais do candidato assumem diferentes tons, tais como de otimismo, credibilidade, confiança, motivação que se apoiam na figura dupla do enunciador: a de seu caráter (conjunto de traços psicológicos) e a de sua corporalidade (maneira de vestir, movimentar-se e agir dentro do espaço social) que se materializam, por sua vez, em uma maneira de dizer, traduzida por meio da representação de um corpo. Cabe ao coenunciador incorporar ou não esse corpo criado pela/na enunciação do qual emerge um ethos discursivo ligado à situação de comunicação.

Na sequência, disponibilizamos o Quadro 07 a fim de sintetizar as cenografias e os ethé averiguados nos anúncios publicitários e do manual do candidato da PUCRS.

Quadro 07: Síntese da análise de acordo com o dispositivo metodológico

MARCAS LINGUÍSTICAS	CENOGRAFIA	ETHOS/ETHÉ
<i>...qual a melhor maneira de chegar à PUCRS no dia da prova, qual o material indispensável para realização da prova, o que é permitido ao candidato durante a realização da prova</i>	Cena de realização do vestibular, de preparação e organização para prova. Normas prescritas que orientam o agir do estudante em relação à execução do exame vestibular.	Ethos de organização e de preocupação.
<i>...o médico promove a saúde, em todos os níveis/ junto a hospitais com tecnologia biomédica avançada/ tendo uma sólida formação/,</i>	Cenografia caracterizada como uma situação de interesse do aluno em buscar informações prévias acerca do perfil do candidato e do espaço de atuação profissional. Para que isso se concretize, é necessário que o aluno faça uso da subjetividade, revelando	Ethos de satisfação profissional.

	interesse pela pesquisa do curso que seja compatível com suas habilidades.	
<i>...visando ao retorno à saúde e à reintegração às atividades laborativas e sociais/ à prestação de orientação a indivíduos, grupos e movimentos sociais.</i>	Cenografia configurada pela preparação profissional para atuar em esferas sociais. Desse modo, a instituição demonstra saberes acadêmicos e investidos em relação à formação profissional e às exigências do mercado de trabalho.	Ethos de preocupação social.
<i>...o bacharel estará apto/ terá condições</i>	Cena de mercado de trabalho que exige profissionais qualificados, com uma formação de excelência. A instituição, por meio da linguagem, revela possuir conhecimentos sobre as necessidades impostas pela competitividade mercadológica, portanto, é possível inferir que essa instituição prescreve normas ao vestibulando, para que este seja um profissional de sucesso.	Ethos de competência e excelência.

Fonte: Elaborado pelo acadêmico.

O Quadro 07 permite-nos refletir sobre a dinamicidade que implica a cenografia. Inscrever o discurso num quadro cênico não significa isolá-lo de contextos que o definem socioculturalmente, como é o caso dos anúncios publicitários e do manual do candidato. Analisar um discurso pela cenografia é pensar a palavra de acordo com uma situação específica de comunicação, é considerar as coerções genéricas que definem uma cenografia.

(MAINGUENEUAU, 2008a). O ethos, por sua vez, consiste no comportamento de um corpo, um corpo investido de valores. (MAINGUENEUAU, 2008c). O valor que esses textos publicitários possuem para persuasão de candidatos ao vestibular.

Disponibilizamos, na sequência, o Quadro 08 com as principais cenografias e ethé dos anúncios publicitários e do manual do candidato que consistem na campanha de vestibular da Universidade de Passo Fundo.

Quadro 08: Síntese da análise de acordo com o dispositivo metodológico

MARCAS LINGUÍSTICAS	CENOGRAFIA	ETHOS/ETHÉ
<i>...mundo precisa</i>	Cenografia caracterizada por um ambiente profissional que exige habilidades que vão além dos conhecimentos acadêmicos, e que resultem no talento capaz de promover grandes realizações. Há um saber instituído, pelo qual a instituição demonstra ter conhecimento de como formar sujeitos preparados para o mundo do trabalho.	Ethos de Universidade conhecedora das exigências do mundo contemporâneo e das habilidades necessárias para se ter uma vida profissional de sucesso.
<i>...o sucesso da vida acadêmica é mensurado a partir da escolha de um curso superior de qualidade, vinculado a uma grande Universidade</i>	Cenografia configurada pela necessidade de escolha de um curso superior e da qualificação profissional. Assim, o vestibulando é convocado pelo discurso a fazer uso de si no que diz respeito à escolha da UPF e a aderir ao discurso de que a instituição lhe garantirá sucesso por meio de um curso superior de qualidade.	Ethos discursivo de singularidade, de instituição diferenciada na formação de qualidade, representado pelo título de Universidade.
<i>...o sucesso da vida</i>	Cenografia configurada pela	Ethos de instituição ideal

<p><i>acadêmica é mensurado a partir da escolha de um curso superior de qualidade, vinculado a uma grande Universidade/E você, vestibulando, fez a opção certa/ O sucesso da vida acadêmica é mensurado a partir da escolha de um curso superior de qualidade, vinculado a uma grande Universidade. E você, vestibulando, fez a opção certa...</i></p>	<p>necessidade que o vestibulando possui de fazer escolhas em relação á escolha profissional e a instituição na qual fará a graduação.</p>	<p>para se obter um curso superior de qualidade.</p>
<p><i>...nosso intuito é facilitar sua trajetória acadêmica...</i></p>	<p>Cenografia configurada pela necessidade que o aluno possui de escolher uma instituição que lhe possibilite uma formação superior de qualidade, que o prepare da melhor forma possível para o mercado de trabalho.</p>	<p>Ethos de instituição qualificada, conhecedora dos pré-requisitos necessários para uma formação acadêmica de excelência e de preocupação em relação às inquietações dos candidatos ao vestibular.</p>

Fonte: Elaborado pelo acadêmico.

Ao construirmos uma análise comparativa dos discursos analisados dessas duas instituições, percebemos que ambas se utilizam da linguagem para promover uma troca cultural, de conhecimentos, acadêmicos e de mundo e de experiências profissionais imprescindíveis para elaboração dos manuais do candidato e dos anúncios publicitários. Mesmo que o modo de enunciação, a maneira de dizer, o tema e as relações de intertextualidade se deem de maneira distinta, ambos os discursos organizam cenografias caracterizadas pela necessidade que o aluno tem de fazer escolhas seja de um curso superior, seja da melhor universidade para cursar. Desse modo, esses discursos são construídos, por meio de cenografias que têm o intuito de persuadir o leitor a escolher tal instituição e não outra. Assim, revela-se a importância de um discurso que construa um ethos discursivo de

instituição organizada, capacitada, instruída, de preocupação com o aluno e com as mudanças de mercado e com a qualidade de uma formação que contemple essas mudanças.

Sendo assim, a linguagem em situação de trabalho possibilita identificar as marcas de subjetividade do trabalhador empregadas na elaboração dos anúncios publicitários e dos manuais do candidato. A linguagem, por sua vez, permite a identificação do enunciador e do coenunciador, bem como a identificação do tema e a especificação da formação discursiva da qual ambos fazem parte. A intertextualidade é construída por meio da relação das dramáticas e usos de si, dos saberes acadêmicos, institucionais, e instituídos pelo enunciador e pelo coenunciador que resultam na elaboração e na significação do discurso e, conseqüentemente, uma cenografia, por intermédio da qual é possível identificarmos a construção de diversos *ethé* das Instituições selecionadas para este estudo. Desse modo, evidenciamos a importância dos estudos interdisciplinares envolvendo a ergologia e a semântica global como responsáveis pelo enriquecimento dos estudos linguísticos de base enunciativa e dos estudos da linguagem em situação de trabalho, que ampliam e ressignificam discursos sobre as práticas laborais.

Desse modo, é possível perceber a importância que se reveste a linguagem em uso, e modo de enunciação específico de um dizer que significa e ressignifica a interação entre os sujeitos envolvidos na atividade, isto é, em situação de trabalho. O “encontro” entre os atores laborais - EU/TU – ocorre na assimetria comunicacional, pois aí existe a subjetividade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo, de cunho interdisciplinar entre a linguística do discurso e a ergologia, teve como principais autores Schwartz (2010a, 2010b) e Nourodine (2002), em relação ao trabalho, e Maingueneau (2008a, 2008b, 2008c, 2008d) e Souza-e-Silva (2002, 2011), em relação às questões linguístico-discursivas. No que diz respeito ao primeiro tópico, abordamos os conceitos de ergonomia, ergologia, saberes, atividade etc. Quanto à linguística do discurso, foi abordada a semântica global, a cenografia e o *ethos*.

O tema do estudo, que compreendeu a análise da cenografia e do *ethos* discursivo depreendido de campanhas publicitárias voltadas para o vestibular de duas instituições de ensino superior do Rio Grande do Sul, teve como delimitação a interface teórica entre o discurso publicitário e o uso da linguagem em situação de trabalho.

O problema de pesquisa foi assim formulado: a cenografia instituída e as práticas languageiras em situação de trabalho, em especial a linguagem empregada na elaboração das campanhas publicitárias de instituições de ensino superior, possibilitam a construção do *ethos* discursivo mostrado pelas universidades? Por meio de análises dos manuais do candidato e dos anúncios publicitários, ficou constatado que essas instituições produzem uma cenografia organizada e preparada para formar profissionais bem sucedidos no mercado de trabalho, e como consequência: o *ethos* de uma instituição de excelência na formação acadêmica.

O objetivo geral deste estudo era analisar a cenografia e o *ethos* discursivo depreendidos da linguagem sobre o trabalho inscrita em anúncios publicitários e dos manuais do candidato de duas instituições de ensino superior do estado do Rio Grande do Sul. Consideramos que nossos objetivos foram alcançados no desenvolvimento deste estudo.

Este estudo desenvolveu-se levando em consideração elementos verbais e não verbais dentro de um mesmo plano analítico. Conforme um dos aportes teóricos que sustenta este trabalho (Semântica Global), não havia razão para tratá-los de maneira diferenciada. Ao contrário, interessava-nos observar quanto a imbricação entre eles torna-se irreduzível, a fim de poder promover o deslocamento da ideia de objeto/discurso para a de uma prática discursiva que incorpora os dois aspectos.

Os materiais analisados pertencem ao quadro da publicidade, o qual promove, por intermédio da força persuasiva de seus argumentos, seu papel de transmitir e de construir uma imagem dessas instituições que influencie na escolha do vestibulando. Nesse sentido, conforme afirma Maingueneau (2011), os textos publicitários constituem um gênero discursivo adequado para construção de determinadas cenografias, visto que possuem como objetivo maior conduzir seu público a aderir a uma determinada comunidade discursiva.

Por intermédio dos principais conceitos que envolvem a ergologia e a análise do discurso de base enunciativa – semântica global – de modo interdisciplinar, tomando a linguagem como resultado da atividade humana, como resultado de um agir discursivo situado no mundo do trabalho, foi possível estabelecer uma interface entre os postulados teóricos de Schwartz (2010a, 2010b) e Maingueneau (2008a, 2008b, 2008c, 2008d, 2011), imprescindível para construção da cenografia e na identificação das marcas linguístico-discursivas que compõem os anúncios publicitários das campanhas de vestibulares e dos manuais do candidato que possibilitaram a identificação de um *ethos* excelência na formação acadêmica, um *ethos* de sabedoria para formar profissionais preparados para as exigências do mercado de trabalho.

Conforme propõe a ergologia (SCWARTZ, 2010), é imprescindível discutir o trabalho e produzir conhecimento a respeito dele, levando em consideração o conhecimento e as experiências dos sujeitos, o geral e o específico da atividade, suas normas e variabilidades e a exigência da interação entre as diversas disciplinas do conhecimento que se vinculam a temática trabalho, assim como do constante questionamento a respeito de seus saberes. O trabalho, ao longo dos anos, vem passando por constantes mudanças. A inter-relação entre debate de valores, os saberes acadêmicos e os saberes da experiência considerados pela perspectiva ergológica contribuem para a tese de que, mais do que se encaminhando para um fim, o trabalho se complexifica constantemente, o que torna imprescindível compreender seus significados e consequências na contemporaneidade.

Em relação à Academia, este estudo proporcionou uma aproximação entre o cultural e o senso comum, tendo a pretensão de provocar a instituição de ensino em que a pesquisa se insere, no sentido de que não se percam os vínculos aqui constituídos. Sugerimos, desse modo, que seja desenvolvido um estudo prático posterior que analise se os *ethé* das instituições identificados neste trabalho, de fato, são os mesmos evidenciados pelos interlocutores dos textos analisados. Dessa forma, seria possível verificarmos se a maneira de dizer do discurso presente nos anúncios publicitários e manuais do candidato realmente influenciam de maneira significativa nas escolhas dos vestibulandos em relação à instituição na qual pretendem fazer um curso superior.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In: AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 1ª reimp. São Paulo: Contexto, 2008. p. 9-28.

ANTUNES, R. . As mutações do mundo do trabalho na era da mundialização do capital. *Educação e Sociedade*, São Paulo, v. 25, p. 335-351, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21460.pdf>>. Acesso em: 11 set 2013.

ANTUNES, R. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 2.ed. São Paulo: Boltempo, 2009.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENVENISTE, E.. *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.

_____, Émile (1956). A natureza dos pronomes. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes, 2005, p. 277-283.

_____. (1965). A linguagem e a experiência humana. In: _____. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Tradução Eduardo Guimarães et al. São Paulo: Pontes, 2006a. p. 68-80.

_____. (1970). O aparelho formal da enunciação. In: *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Tradução Eduardo Guimarães et al. São Paulo: Pontes, 2006b. p. 81-90.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009.

FAÏTA, D. Análise das práticas languageiras e situação de trabalho: uma renovação metodológica imposta pelo objeto. In: SOUZA-E-SILVA, M. Cecília P.; FAÏTA, D. *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 45-60.

FERRERIRA, M. C. Atividade, categoria central na conceituação de trabalho em ergonomia. *Revista Alethéia (Ulbra)*, Canoas, RS, v. 1, n. 11, p. 71-82, 2000. Disponível em: <<http://www.ergopublic.com.br/arquivos/1252861523.51-arquivo.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2012.

FERREIRA, M. C.; BARROS, P. de C. da R. (In)Compatibilidade Trabalho Prescrito -- Trabalho Real e Vivências de Prazer-Sufrimento dos Trabalhadores: Um Diálogo entre a Ergonomia da Atividade e a Psicodinâmica do Trabalho. *Revista Alethéia (Ulbra)*, Canoas, RS, 2003. Disponível em: <<http://www.ergopublic.com.br/arquivos/1252861523.51-arquivo.pdf>>. Acesso em: 05 jun 2013.

FIGARO, R. Atividade de comunicação e trabalho. *Revista da Universidade de Provence*, Universidade de Provence, p. 01- 40, jan. 2007.

FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008a.

_____. José Luiz. *Em busca dos sentidos: estudos discursivos*. São Paulo. Contexto, 2008b.

FRANÇA, M.B. *Uma comunidade dialógica de pesquisa - Atividade e movimentação discursiva nas situações de trabalho de recepcionistas de guichê hospitalar*. 2002. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

_____. O trabalho de recepcionista de guichê de hospital público universitário: o ponto de vista teórico-metodológico de uma Comunidade Dialógica de Pesquisa. *Laboreal*, v. II, p. 6-17, 2006.

FREITAS, E. C. de. Linguagem na atividade de trabalho: ethos discursivo em editoriais de jornal interno de empresa. *Revista Desenredo*, Passo Fundo,. v. 6, n. 2, p. 170-197, jul./dez. 2010.

_____, E. C. de. Cultura, linguagem e trabalho: comunicação e discurso nas organizações. *Desenredo – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v. 7, n. 1, p. 104-126, jan./jun. 2011a.

_____. A enunciação em texto jornalístico: o uso das categorias de tempo, espaço e pessoa. *ReVEL*, v. 9, n. 16, p. 1-25, 2011b. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br>>. Acesso em: 22 jun. 2012.

FREITAS, L. M. A. de. *Da fábrica à sala de aula: vozes e práticas tayloristas no trabalho do professor de espanhol em cursos de línguas*. 2010. 309 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Letras, Faculdade de Letras Neolatinas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, 2010. Disponível

em:<<http://www.letras.ufrj.br/pgneolatinas/media/bancoteses/lucianamariaalmeidadefreitasdoutorado.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2013.

GRILO, R. M. B. *Teoria da gestão e a complexidade*. 114 f. 1996. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Curso de Licenciatura em Gestão de Empresas, Universidade de Évora, Portugal, 1996. Disponível em: <<http://www.manuelgrilo.com/rui/complexidade/trabalho.pdf>>. Acesso em: 7 nov. 2011.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. Trad. de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Discurso literário*. Tradução Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. (1984). *Gênese dos discursos*. Trad. de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

_____. A propósito do ethos. In: MOTTA, A. R. ; SALGADO, L. (Orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008b. p. 11-29.

_____. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 1ª reimp. São Paulo: Contexto, 2008c. p. 62-92.

_____. Problemas de ethos. In: SOUZA-E-SILVA, M. C.; POSSENTI, S. (Orgs.). *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008d. p. 55-73.

_____. Discurso e análise do discurso. Trad. de Maria Augusta Bastos de Mattos. In: SIGNORINI, I. (Org.). *[Re] Discutir: texto, gênero e discurso*. 1ª reimp. São Paulo: Parábola Editorial, 2010a. p. 135-156.

_____. *Doze conceitos em análise do discurso*. Organização Sírio Possenti, Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva; tradução Adail Sobral ...[et al.]. São Paulo: Parábola Editorial, 2010b.

_____. (2000). *Análise de textos de comunicação*. 6. ed. Tradução Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2011.

LACOSTE, M. Fala, atividade, situação. In: DUARTE, Francisco José de C. M.; FEITOSA, Vera Cristina (Orgs.) *Linguagem e trabalho*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1998.

MARX, K. *O Capital* (Crítica da economia política). Tradução de P. Singer et al. São Paulo: Nova cultural, 1996.

MEDINA, J. L. B. Gêneros jornalísticos: repensando a questão. *Revista Symposium*, São Paulo, ano 5, n. 1, p. 45-55, jan./jun.2001.

MELO, J. M. de. *Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3. ed. Campos de Jordão, RJ: Editora Mantiqueira, 2003.

MENDES, S. R. C. Cenografia e ethos: os discursos de uma instituição de ensino superior privada. 2008. 183 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUCSP, São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=8264>. Acesso em: 15 jun. 2013.

MINAYO, M. C. de S.. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

NEVES, T. P. Espaço de três polos ergológicos: perspectivas para a regulação em saúde. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS EM SAÚDE, 5, São Paulo, 2011. *Anais...* São Paulo, 2011, p. 01-09. Disponível em: <http://www.convibra.com.br/2009/artigos/112_0.pdf>. Acesso em: 20 set 2013.

NOËL, C.; FAÏTA, D.. A linguagem como atividade. In: SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (Orgs.). *Trabalho e ergologia: conversas sobre a atividade humana*. 2. ed. Niterói, RJ: EdUFF, 2010, p. 166-186.

NOURODINE, A. A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho. In: SOUZA-e-SILVA, M. C.P.; FAÏTA, D. (Orgs.). *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 17- 30.

PORTO, L. M. de F. *Análise dialógica discursiva da atividade dos cuidadores de idosos em instituições geriátricas do Recife*. 104 f. 2010b. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, PE, 2010. Não é 2010 .

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Novo Hamburgo: Feevale, 2009.

ROCHA, D. O. S.; DAHER, M. del C.. F. G.; SANT'ANNA, V. L. A. Produtividade das investigações dos discursos sobre o trabalho. In: SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília P.; FAÍTA, Daniel (Orgs.). *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo, Cortez, 2002. p. 77-91.

SANT'ANNA, V. L. de A.; SOUZA-e-SILVA, M. C. P. Trabalho e prescrição: aproximações ao problema a partir dos estudos da linguagem. *Matraga*, Rio de Janeiro, v.14, n.20, p.77-99, jan./jun. 2007.

SCHWARTZ, Y. *Reconnaissances du travail – Pour un approche ergologique*. Paris: PUF, 1997.

_____. Disciplina Epistêmica Disciplina Ergológica – Paideia e Politeia. *Pro-Posições*. Campinas, vol.13, n.1 (37), p.126-149, jan/abr 2002a.

_____. A abordagem do trabalho reconfigura nossa relação com os saberes acadêmicos: as antecipações do trabalho. In: SOUZA-E-SILVA, M.C.P.; FAÍTA, D (Ed.). *Linguagem e Trabalho – construção de objetos de análise no Brasil e na França*. Tradução de I. Polegatto e D. Rocha. São Paulo: Cortez, 2002b.

_____. Circulações, dramáticas, eficácias da atividade industriosa. *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 33-55, 2004.

_____. Trabalho e ergologia. In: _____.; DURRIVE, Louis (Orgs.). *Trabalho e ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Tradução de Jussara Brito e Milton Athayde. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2010a, p. 25-46.

_____. Trabalho e uso de si. In: _____.; DURRIVE, Louis (Orgs.). *Trabalho e ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Tradução de Jussara Brito e Milton Athayde. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2010b, p. 187-204.

_____. O homem, o mercado e a cidade. In: _____.; DURRIVE, Louis (Orgs.). *Trabalho e ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Tradução de Jussara Brito e Milton Athayde. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2010c, p. 247-273.

_____. Manifesto por um ergoengajamento. In: BENDASSOLLI, Pedro F.; SOBOLL, Lis A. P. (Orgs.). *Clínicas do trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade*. São Paulo: Atlas, 2011a. p. 132- 159.

_____. Conceituando trabalho, o visível e o invisível. *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 9, supl. 1, p. 19-45, 2011b.

SOUZA-E-SILVA, M. C. P. A dimensão linguageira em situações de trabalho. In: SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília P.; FAÏTA, Daniel (Orgs.) *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. Tradução de Inês Polegatto e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2002a. p. 61-76.

_____. Fronteiras da linguística contemporânea: linguagem e trabalho. *Revista da ANPOLL*, v. 12, p. 155-168, 2002b.

SOUZA-E-SILVA, M. C. P. O ensino como trabalho. In: MACHADO, A. R. (Org.). *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva*. São Paulo: Eduel, 2004, p. 81-104.

_____. Sistemas de ensino mudanças na educação e no trabalho do professor? In: SZUNDY, P. T. C et al. (Org.). *Linguística aplicada e sociedade: ensino e aprendizagem de línguas no contexto brasileiro*. Campinas, SP: Pontes, 2011, v. 1, p. 95-110.

SOUZA-E-SILVA, M. C.; ROCHA, D. Por que ler Gênese dos discursos? *ReVEL*, v. 7. n. 13, p. 01-25, 2009.

TEIXEIRA, M. ; CABRAL, E. de O. Linguística da enunciação e ergologia: um diálogo possível. *Educação Unisinos*, São Leopoldo, v. 13, n. 3, p. 236-245, set./dez. 2009.

TRINQUET, P. Trabalho e educação: o método ergológico. *Revista HISTEDBR Online*, Campinas, número especial, p. 93-113, ago. 2010. Disponível em: <<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/38e/art07-38e.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2013.

VARGENS, D. P. de M.; GIORGI, Maria Cristina. Complexidade do trabalho do professor: linguagem o elemento especificador. *Revista Letra Magna*. Ano 03, nº 5, 2º semestre de 2006. VESTIBULAR DE INVERNO PUCRS 2012. Disponível em:<<http://www.youtube.com/watch?v=nV4QTusNSIU>>. Acesso em: 02 set. 2012.

VESTIBULAR PUCRS: Inverno 2012. *Manual do candidato*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Pró-Reitoria de Graduação, Coordenadoria de Controle Acadêmico – Núcleo de Ingresso. Porto Alegre: PUCRS, 2012.

VILAÇA, W. P. T. A comunicação no mundo do trabalho. CONGRESSO BRASILEIRO CIENTÍFICO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL E DE RELAÇÕES PÚBLICAS - ABRAPCORP, 3, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.abrapcorp.org.br/anais2009>>. Acesso em: 06 jun. 2013.

ZAGO, A.; DI FANTI, M. da G. C. Fios dialógicos da *navalha*: teias enunciativas em esferas de atividade. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação/E-compós*, Brasília, v. 11, n. 3, p. 1-18, set./dez. 2008.